Revista LiteraLivre ©

ISSN 2595/363X

Distribuição Gratuita

Vol. 03 nº 16 Jul/Ago de 2019

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 3, número 16 - Jul./Ago de 2019 - ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Tenho a honra de trazer aos amigos(as) leitores e autores, a 16ª edição da Revista LiteraLivre.

Nesta edição, temos o lançamento da 3ª edição da Revista SerEsta, nossa grande apoiadora, continuamos com os e-books gratuitos da autora Renata Soltanovitch; temos também, o e-book gratuito "Língua Portuguesa – Ontem e Hoje", do escritor Afonso Santana e como sempre, literatura para todos os gostos.

Apesar dos obstáculos e das dificuldades enfrentadas por todos que trabalham com a literatura, seguimos firmes e fortes em nossa missão de divulgar e homenagear nossa amada língua portuguesa ao redor do mundo, dando voz aos autores e suas obras magníficas.

Meus agradecimentos aos autores e leitores que nos acompanham em nossa jornada, participando com seus textos, lendo e compartilhando o trabalho da revista, sem vocês não estaríamos aqui.

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

"Quer que suas palavras ajudem a salvar vidas? Então conheçam e participem do projeto "Cartas para a Vida", onde suas palavras de apoio e incentivo podem salvar a vida de alguém."

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Participem do Projeto “Cartas para a Vida”.....5
Coluna CULTíssimo.....7
Curiosidades: Seriados e o Laugh Track (Trilha de Risadas).....7
A Caixa de Arquimedes.....10
A casa Laranja de Janelas Verdes.....12
A Chuva.....13
A desventurada.....14
A escolha do nome.....16
A mulher no ônibus.....17
A poeira.....19
A Sílfide.....20
A Superlua e o Amor.....22
A trajetória do fim.....23
A Turma de 72 ou Nas Esquinas Do Céu.....25
A viagem do grãozinho de areia.....27
A vida, felicidade e amor.....31
Aí cê aparece, paz.....32
Amor é o que nos faz gigantes.....33
Aparências.....34
Apenas e sempre.....35
Artista do Mês.....37
Jane Austen.....37
As Estações e o Tempo.....39
Assim foi... Algo virá.....42
Atores em cena.....43
Balão, Paixão e Tradição.....44
Bittersweet.....46
Black Dog.....47
Black Friday.....49
Canção de exílio.....51
Canção De Um Tempo.....52
Cantônio.....54
Certo é o Tempo.....56
Chorei.....57
Cisto.....58
Cordialidades da vida.....59
Criança não entende o que não se explica, e adultos só entendem o que eles conseguem explicar...60
Dança das Estrelas.....63
Das Wolf.....64
Débil.....67
Demônios que a garoa não leva.....68
Depressão.....70
Desaguar.....71
Desenredos.....72
Despedida.....73
Devaneios.....76
Disfarce.....78
Dois Microcontos Ecológicos.....79
Dor de amor não se cura com tarja preta.....80
Engano no Celular.....81

Entrelaçadas....83
Era Todo Ouvidos (ou O Ouvidor Real)....84
Eros, O Amor....87
Espectador....88
Espera....91
Estranho na lista....93
Estudar é preciso!....95
Eu, aquele estranho....96
Existe coisa mais gostosa?....97
Febre Amarela....99
Feito cães e gatos....101
Fruto....103
Gotas d’sentimento....104
Gotas de Liberdade....105
Grito No Silêncio....106
Guernica Tupi....107
Haikai Engraçadinho....109
Haikais....111
Imaginação....112
Invasores....114
Laços frágeis....115
Lambe, lambe!....116
Lembranças....118
Lendas do Bairro Pontal....119
Leoa....122
Liberdade....123
Magnânima singeleza....124
Meia-Noite e Dezessete....125
Menosprezo social: a invisibilidade dos moradores de rua....126
Metamorfose....128
Meio do Caminho....131
Minha terra....132
Morador de rua....133
Morte em vida, Catarina....134
Mulher é autora e atriz da vida, a cada dia!....136
Mundo Cor-de-rosa....137
Não ser....139
No fim do dia....140
Noite do Adeus....141
Nostalgia de um Pé Desventurado....142
O Cantar....144
O Crime de Leonora....145
O encontro desmarcado....150
O Fenômeno Trans....152
O homem do cão....157
O homem e o carnaval....161
O mesmo cara....163
O ouro reluz e boca conduz....165
O palhaço....168

O plano funerário....169
O pretenso....170
O príncipe da Cracolândia....172
O que é ser Rondonista?....173
O Tempo e a Ansiedade....177
Os passageiros....178
Pai das dores....181
Palavras Soltas....182
Palhaço....183
Pé no passado....185
Pelo canto do olho eu via crescer o meu melhor amigo....187
Perdão Divino....189
Piano....190
Poema....191
Poema para dentro do quarto....192
Poesia e só....193
Política não se discute?....194
Prata da Casa....195
Pressa vadia....198
Pseudo-Meritocrático....199
Quem....201
Registro 0029 [Ou Do balbuciar]....202
Sangria Lírica....203
Sapos....204
Sem Valor....205
Semiárido....207
Sistema....208
Solidão....209
Son(h)eto....210
Soneto de uma vida com sorriso incerto....211
Suposta despedida....212
Suspirando....214
Tempo....215
Teu abraço exagerado....216
Torta de Banana....217
Trilho da vida....219
Tronos, serafins e potestades....220
Um coração novo....221
Uma Janela Ao Insuportável....222
Gerson Machado de Avillez....222
Rio de Janeiro/RJ....222
Uma marmita para o coração....227
Vale Desencantado....229
Verde....231
V e r n i z e s....232
Versus....233
Você Chegou....234
Vozes silenciadas....235
Revista SerEsta....237

Seleção de livros da autora Renata Soltanovitch para baixar gratuitamente.....238
E-book Língua Portuguesa Ontem e Hoje, do escritor Afonso Rocha.....239
Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!.....240
LiteraAmigos.....241
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....247

Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsAp: (77) 9-9998-3406

Cartas para a vida
Participe do projeto escrevendo uma carta de esperança.
Suas palavras podem salvar vidas!
E-mail: cartasparaavida2018@gmail.com
cartasparaavida
@cartasparaavida
SETEMBRO AMARELO

Coluna CULTíssimo

Curiosidades: Seriados e o Laugh Track (Trilha de Risadas)

Todo mundo que assiste a seriados de comédia na Televisão, já reparou que muitos deles possuem risadas artificiais em cenas cômicas, alguns gostam e outros odeiam esse estranho recurso, apesar de não saberem exatamente qual a sua finalidade, ou até se existe uma; por isso, resolvi falar sobre as origens e funções desse "ha,ha,ha", ainda tão presente em séries televisivas.

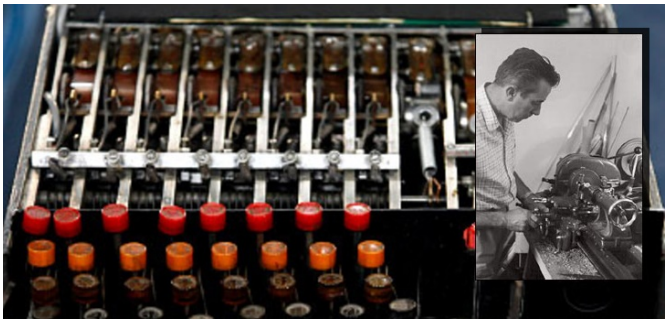
Antes da invenção do Rádio e da Televisão, todos os shows – música, teatro, dança – eram ao vivo e com plateia. Quando o Rádio se tornou popular nas residências, ouve a preocupação com o silêncio gerado após as piadas, então, as emissoras faziam os programas com a presença do público.

O mesmo aconteceu posteriormente com a Televisão, que, no início, só tinha programas ao vivo em auditórios lotados, mas rapidamente avançou para comédias gravadas e a questão das risadas se tornou um problema, pois uma cena precisava ser gravada e repetida várias vezes e mesmo com a plateia para captar suas reações, eles se cansavam do excesso de repetições da mesma piada, variando demais as reações. A solução foi equalizar as

risadas na edição, para que ficassem no mesmo nível.

HA HA HA !

Nos anos 50, *Charles Douglass*(1910-2003), ex-engenheiro de som da CBS, um grande visionário, criou uma máquina, a *Laff Box* ("máquina do riso" ou "máquina adoçante"), que ficou conhecida como *Laugh Box*(caixa de risada); uma caixa com quase um metro de altura, que possuía um teclado e funcionava de forma semelhante a um órgão; essa máquina era capaz de reproduzir sons diferentes de risadas e outras reações (gritos, gemidos, aplausos, etc.) simplesmente apertando um de seus botões.



Assim nasceu o "Laugh Track", ou "Trilha de Risadas", também chamado de forma pejorativa como "Risada Enlatada" (Canned Laugh) ou "Claque" (em referência aos expectadores contratados para rir, aplaudir, chorar ou vaiar, no teatro ou em programas de rádio e televisão). Os produtores, ao saberem da invenção de Douglass, pensaram na economia e na praticidade de poder gravar os programas dispensando a plateia e começaram a contratar seus serviços, pedindo a ele que criasse sons individualizados para situações específicas, o que atraia a atenção dos telespectadores e tornava as piadas mais engraçadas.

Seriados famosos como "The Hank McCune Show"(1950) e "I Love Lucy"(1951), foram os primeiros a utilizar esse recurso que se tornou comum, apesar de controverso, em praticamente todos os shows televisivos de comédia, sendo utilizado até em desenhos animados como "A Pantera Cor-de-Rosa" e considerado responsável pelo fracasso de programas que não quiseram usá-lo.

Este recurso indutivo, utilizado até hoje, ainda gera muita discussão e até mesmo preconceito, fazendo com que telespectadores se recusem a assistir séries que utilizam a Claque por se sentirem "obrigados" a rir; enquanto outros gostam ou nem percebem sua existência.

Estudos realizados pela pesquisadora britânica *Sophie Scott*, da *Universidade College de Londres*, mostraram que o ser humano ri mais quando está num ambiente com outras pessoas rindo, o que provaria a eficácia da trilha de risadas e sua função de tornar um programa mais engraçado.

Polêmicas à parte, existem centenas de seriados de comédia que fizeram e fazem sucesso atualmente, alguns com trilha: *"Agente 86"*(1965), "Chaves"(1971),*"That 70's Show"* (1998), *"Two and a half men"*(2003), *"The Big Bang Theory"* e outros sem: "Malcolm"(2000), "Scrubs"(2001) "Community"(2009), "The Office"(2005), ambos cultuados da mesma forma por seus fãs.

Manipulação psicológica, riso involuntário, integração forçada, risada macabra (lembrando que a maioria das trilhas foram gravadas há quase 70 anos, portanto, muitas das risadas vem de pessoas que já morreram), sonzinho irritante ou inutilidade completa? Ninguém é capaz de chegar a uma conclusão exata sobre o assunto, a única certeza é que o "Laugh Track" atravessou gerações e não vai acabar tão cedo, então, divirtam-se(ou não)!

Obrigada aos amigos que acompanham a coluna!! Até a próxima!!

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

Conheçam meu livro "Cinema e Cult":
http://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot/livros

A Caixa de Arquimedes

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

— Eu nem queria acreditar! — o tom teatral do meu amigo Rui, na fila de almoço da cantina da faculdade, prometia história. — As peças do Ostomachion, em vez de estarem arrumadinhas no caixilho delas, estavam ao lado, ostensivamente, a formar um triângulo retângulo.

Somos colegas do curso de Matemática Aplicada, mas ele tem um *part-time* no Museu de História Natural e da Ciência, onde faz visitas guiadas às quartas e aos domingos. Diz que é para ajudar a pagar as propinas, mas eu acho que ele gosta mesmo é de revelar aos visitantes as pequenas maravilhas da ciência, expostas no museu. Já tem falado do brilho que parece acender-se no olhar de quem, de súbito, apreende a explicação.

— Fiquei surpreendido, mas agradado — continuou ele —, porque nunca tinha visto qualquer visitante a conseguir construir outra figura. Geralmente, limitam-se a tentar reconstituir o quadrado inicial, o que alguns conseguem, porque a folha de apoio mostra o desenho da posição relativa das peças. Quando não conseguem, lá está o vigilante que recoloca tudo na posição própria.

O Rui falava de um jogo matemático inventado por Arquimedes — o Ostomachion ou Caixa de Arquimedes. Não sabemos se o usava como passatempo para exercitar o cérebro ou se tinha objetivos de pesquisa científica. É constituído por 14 peças planas, de variados formatos poligonais, com as quais é possível construir figuras geométricas planas ou sugerir objetos em silhueta, à semelhança do popular Tangram. Na "sala de jogos" do museu, está exposta mais uma dúzia de outros jogos ligados à geometria e à matemática, que foram surgindo ao longo dos séculos.

— Não tinha importância se o jogo era apresentado de uma maneira ou de outra, mas, fiquei curioso: quem poderia ter-se lembrado de tentar montar um triângulo e tê-lo conseguido, com todas aquelas peças irregulares? Falei com o vigilante da tarde, que me garantiu que tudo tinha ficado arrumado como habitualmente. Mistério…

Eu próprio comecei a ficar interessado na história, confesso.

— No domingo seguinte, era um hexágono que me sorria zombeteiro, onde devia dormitar um quadrado. O vigilante, desperto para a questão, disse-me que todas as manhãs encontrava uma figura geométrica diferente, construída com as peças do Ostomachion. Como podia ser isso? Comecei a duvidar de toda a gente.

Terça-feira apareci de surpresa, à hora do fecho, mas estava tudo arrumadinho. Na manhã seguinte cheguei bem cedo e entrei com o vigilante. Um prosaico quadrado enchia o caixilho. Suspirei de alívio, pensando ter identificado o brincalhão. O sorriso sobranceiro que me preparava para dirigir ao vigilante fechou-se-me logo a seguir. O quadrado não era o da folha-guia, mas um dos outros 536 que as combinações das 14 peças do jogo permitem.

— Mas, então, não me digas que o Arquimedes voltou lá da Siracusa de antes de Cristo para gozar contigo! — ironizei.

— Nem pensei no Arquimedes. Já estava a ficar maluco, mas nem tanto! Só pensava em como podia descobrir o que de estranho se passava naquela sala, quando eu lá não estava. Então, lembrei-me das câmaras de vigilância, mas a sala dos jogos não as tem. Para grandes males, grandes remédios! No dia seguinte, camuflei uma microcâmara com emissor apontada à zona da mesa do Ostomachion. Não me olhes com esse olhar de reprovação! — eu precisava de desvendar aquele mistério, o quanto antes. Essa noite passei-a no carro, em frente ao museu, a vigiar o Ostomachion pelo meu portátil; mas, acabei por adormecer. Acordei com o clarear do dia e o barulho do trânsito. Apressei-me a olhar para o ecrã — um retângulo alongado reclinava-se no branco da mesa… Digo-te, naquele momento, desanimei — o fantasma que alterava o Ostomachion voltara a atacar e eu voltara a não ver nada. Mas logo a seguir vi surgir uma mulher. Fazia deslizar pelo soalho o que parecia ser um aspirador. Ou uma enceradora. Ao passar pela mesa, parou, olhou o *puzzle* por uns momentos, moveu dois conjuntos de peças e afastou-se, deixando um aprumado losango...

— Estás a gozar; a empregada da limpeza?

— É verdade! Eu também tive dificuldade em acreditar. Quando, umas duas horas depois, saiu galhofando com as outras, segui-a. Era negra e muito bonita, com uns olhos… No autocarro para a Pontinha, foi o tempo todo a resolver sudokus. À saída, abordei-a. Expliquei-lhe quem era e porque a seguira. E pedi-lhe desculpa, claro! Depois de ter ganho confiança, disse-me que não tinha nenhuma razão conspirativa para alterar o quadrado do Ostomachion, só um enorme gosto por *puzzles* e paciências. Nisso convergimos. Acabámos por ficar bastante tempo à conversa e até lhe expliquei as minhas técnicas para resolver os sudokus, mas não eram novidade para ela. Sabes, convergimos noutras coisas — sorriu-se o meu amigo. — Temos saído algumas vezes. E acho que o meu trabalho para Geometria do segundo semestre vai ser sobre o Ostomachion. Como homenagem…

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

A casa Laranja de Janelas Verdes

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Éramos jovens quando a maturidade bateu à nossa porta, toda vestida de preto, como se precisássemos da noite para deixarmos de ser crianças
Há gente assim, tão pura, cadenciando os passos,

Carregando a candeia de mudar o mundo

Pessoas que se esgotam de doarem-se

Os abutres nutrem-se das almas boas

Das horas de invigilância no escuro

Desse amor luminoso e quente

Que resgata abandonos

Mas se eu tivesse aprendido a escreve sobre a matéria da saudade,

Caminharia olhando para trás,

E trêmulo pelos outonos passados,

Escreveria sobre a febre que nos toma e

maltrata o corpo, pedindo à língua demente que se cale

Terei escrito sobe a casa laranja de janelas verdes

Quando na geografia da noite o mundo era feito de remédios e estrelas

E jamais eu, a teria deixando partir, sem antes bordar no meu peito o seu endereço,

Nem partir, levando as todas as ternuras que plantei no vaso sobre o parapeito de uma janela esquecida

E que ela continua vindo sem voltar,

Pois

Tudo que passa por aqui carrega o nome dela

A Chuva

Vera Raposo
Teresópolis/RJ

Naquela tarde quando voltava pra casa, começou a chover
Cheguei até a pensar em correr
Fui andando pela chuva, não queria me molhar
Não havia marquise onde eu pudesse me abrigar
Continuei pelo caminho querendo a chuva driblar
Mas ela caia mais forte, não tinha jeito de parar
A chuva ia caindo e eu começava a gostar
De repente senti o passado voltar
Lembrei-me que quando criança gostava de na chuva brincar
Pela rua andando pé ante pé
Molhando nas poças meu pé
Pensei... como o tempo passa, nem parece
Você até esquece
Que criança você não é
Que saudade lembrar!
Não contive a emoção, comecei a chorar
As gotas de chuva caíam
Pelo meu rosto escorriam
As lágrimas se misturavam
E com a chuva se confundiam
Até que em casa cheguei
Molhada, mas feliz
Meu rosto enxuguei
Mas foi uma gostosa viagem que fiz

A desventurada

Sara Timóteo
Póvoa de Santa Iria/Lisboa,Portugal

A convite da responsável pelos recursos humanos da empresa, Ernestina tomou um lugar à mesa utilizada para concluir os processos de recrutamento e seleção do pessoal. A mesa era branca, mas ela já conseguia distinguir alguns traços de sujidade decorrentes de uma deficiente manutenção por parte da equipa de limpeza. Estremeceu ao pensar na quantidade de fluidos e de germes contaminantes decerto presentes em cada metro quadrado da superfície só na aparência intocada.

Ernestina Fontes (ela e a diretora de recursos humanos partilhavam o primeiro nome, afinal) informou-a de que teria de proceder ao pagamento com a maior brevidade possível, uma vez que transitava para a própria empresa a partir da agência de trabalho temporário. Propunha que a liquidação fosse efetuada em duas fases: a primeira, ainda no decurso desse mês; e a próxima, aquando do fecho de contas.

Ernestina entrara em contacto com os advogados responsáveis pela gestão do sindicato da sua área profissional. Um pagamento excedente de 600 euros teria de ser devolvido, pois não lhe cabia a ela ficar com qualquer valor excedente. No entanto, sugeriram o parcelamento da quantia em 50 Euros mensais (valor que Ernestina sabia ser impensável para aquela máquina voraz designada como emprego ou função profissional). Esse parcelamento era contrário à cultura da empresa, pelo que teria de submeter-se ou ser despedida. Apesar de tudo, apreciava as suas tarefas profissionais, tanto quanto todos os membros da equipa – e já trabalhara o suficiente para saber o quão essa harmonia entre sentimentos era rara.

Soube que teria de ceder ao imperativo promulgado pela empresa, mesmo que tal implicasse a suspensão temporária das sessões de fisioterapia e as consequências de saúde que daí adviriam. No total, poderia contar com cinco

meses para recuperar em pleno deste engano cometido pelos recursos humanos, aprovado pelas chefias e abençoado pela sempiterna contabilidade.

Que os responsáveis não fossem punidos e se limitassem a proferir discursos prosélitos sobre a necessidade de assumir a responsabilidade com um sorriso nos lábios era-lhe, de sobremaneira, familiar.

Telefonou à professora especializada em direito do trabalho, que lhe ministrou uma explicação breve, alegando estar doente – parecera-lhe muito bem nas fotos que constavam no seu mural da rede social por onde deambulara em busca de um contacto mais direto. Nesses instantâneos do tempo perdido, como sempre os apodara em honra de Marcel Proust, vira Ernestina a professora com três ou quatro colegas, numa fotografia fixando a plena dinâmica de saída de engate. De qualquer modo, pensou, esse não era o seu mundo.

A realidade de Ernestina era deparar-se com um pouco mais de obstáculos do que seria normal para uma pessoa da sua etnia e idade. A verdade é que Ernestina não era bonita, e – pecado capital na sociedade das vaidades! – nem sequer tentava parecê-lo.

Assim, todas as conversas se abreviavam quando ela chegava, todas as negociações se transmutavam, não sabia como, em imposições dos outros sobre si, e até as relações de amizade ou sociais resultavam mais de uma tentativa de a transformar do que de um vero afeto.

E Ernestina perdia – amigos, empregos, casas, concursos, conhecimentos, amores - e anos a tentar recuperar tudo aquilo de que os meliantes de bom parecer em cargos mais poderosos a espoliavam assim que lhe punham os olhos em cima.

Afinal, pensavam (e ela concordava), dos fracos (corrija-se: dos feios) não reza a história. E a história de Ernestina, assim nomeada devido a uma avó muito querida com a qual conhecera o amor incondicional que em vão procurou replicar a partir das transações afetivas com os seus pais, construía-se a partir dessa luta entre os bem-parecidos e aquilo que tanto lhe custara a ganhar.

A escolha do nome

Jordão Pablo de Pão
Niterói-RJ

Sou ótimo em dar títulos. Sempre fui ótimo em dar títulos. Parece-me que o barroquismo das linhas dá força à síntese do nome. Até porque nome é um negócio bem complicado: colocar no mínimo de palavras o ponto de rotação do tema sem entregar o seu mote. É como ser pai. Passando pelo caminho, ele sabe que há dores a serem sentidas e paradas a serem feitas. Ah… e arrependimentos que tem de ser vividos. Na realidade, existir é passar por estrada outra com uma linha de situações muito parecidas. A forma como reagimos tem a ver com o que trazemos de experiência. Por isso nos tornamos de verdade mais resistentes à dor, mais entendedores de nossos processos. Assim também é criar um título. Não se trata de oferecer tudo em bandeja, mas de cunhar junto, de fazer companhia sem entregar o nó central. Na medida em que escrevemos, passamos a perceber possibilidades em títulos. Muito mais do que um autor, amo o texto que se permite caleidoscópio por nome-luz. Chego sem medo, crio questões, investigo possibilidades. Sou pena com tinta e coração tremendo no registro. Escrevi sem parar, mas paro quando tenho de nomear. Neste momento, sou um pouco deus, um pouco escritor a Bíblia. Coloco em palavras o que não pode ter nomeação exata, registro em grafite-celulose o ponto de partida, crio asas. Sou um tanto Ícaro no sonho de subir, sou um tanto Ismália na busca de outra Lua. Afogo-me orgulhosamente como quem apenas quer viver. E eu só quero viver. Quero, no tempo em que me foi concedido, honrar o nome do meu pai, que carrego orgulhosamente. Quero, no conhecer dos mares, pescador de gente e amigo das letras, colocar tinta sobre tela, página branca a despertar ansiedade e desejo de preenchimento. Sou, de certa forma, a cor do quadro, a pulsação do exame de ultrassonografia prenhe, a mulher do último dia a dar à luz filhos sem dragões. Sou o Apocalipse. Sou o evangelho de um Cristo que nunca existiu. Sou o nome de uma música boa, a ser dançada juntinho em uma laje de noite estrelada. Sou um livro sempre a ser lido, porque sempre novo, organicamente novo. Quando coloco o título sobre o texto finalizado, não penso no que não pode ser, penso no que deve existir. Esse, sob seus olhos, chama "A escolha do nome".

paopoesiaecafe.wordpress.com

A mulher no ônibus

Davi da Motta

Niterói/RJ

Estava no ônibus, sentado no banco pouco atrás das rodas traseiras, uma cadeira antes do fim, ao lado direito do ônibus. Não sei porque, mas sempre me sento no mesmo lugar, gostaria de dizer que sou apenas metódico, que tenho manias, mas não protestaria se me chamassem de doido.

Sentado no meu canto, já com meus fones de ouvidos apostos, tentava decidir o que fazer. Ouvir mais um capítulo de algum áudio livro – com consigo ler em veículos em movimentos, fico enjoado –; ou talvez ouvir algum podcast, não tinha terminado de ouvir o Xadrez Verbal da semana anterior; quem sabe até fazer o impensável e usar o tempo de viagem no ônibus para ouvir música e relaxar? Ainda estava decidindo quando o ônibus começou a sair, o que me forçou a escolher. Se ficasse muito tempo olhando para baixo ficaria enjoado. Por fim, encontrei o capítulo de Cemitério Maldito que ainda estava ouvindo.

E assim a viagem se seguiu por alguns quilômetros até que uma mulher subiu. Ela se sentou pouco mais de alguns bancos a minha frente, na janela da fileira oposta a minha. Não prestei muita atenção nela, não mais que prestara aos outros passageiros que subiam na condução.

Mas, foi só adiante que um senhor – entre seus sessenta e setenta, eu acho – se aproximou dela e se sentou. Ele já estava no ônibus quando eu entrei, e, consequentemente, já estava lá quando a mulher entrou. Vendo a situação eu fiquei observando o que aconteceria, dei pause na história de Louis Creed e Jud Crandall para prestar atenção no que estava acontecendo.

O senhor falava com a mulher, mas eu não conseguia entender o que ele dizia. Ele gesticulava, mas não se aproximava muito ou tocava na mulher. Ela, por outro lado, estava encolhida em seu banco e olhava para o homem de rabo de olho, dirigindo a ele algumas palavras. Nesse momento uma voz na minha cabeça disse.

"Vai, faz alguma coisa, tá na cara que o velho tá importunando a mulher"

"Fazer o que?", eu perguntei para mim mesmo.

"Sei lá, levanta, pede pro velho sair. Só faz alguma coisa"

Foi quando outra voz começou a falar também.

"Isso não é problema seu, fica na sua"

"Como assim não é problema dele?" disse a primeira voz.

"Oras, ela que dê uma porrada no velho."

"Que isso? E se ela estiver com medo?"

"Medo? É só um velho. Até esse magrelo aqui dava um fim nele"

"Ainda assim, ele deveria fazer alguma coisa. Imagina se fosse a irmã dele, a namorada ou alguma amiga sendo importunada por um velho tarado?"

"Você não sabe se ele é ou não um velho tarado, ele pode estar só tentando elogiar a mulher oras. A menos que ele se sente e ponha a piroca pra fora não é assédio"

"Isso é um absurdo. Você vai esperar chegar nesse nível pra fazer alguma coisa?"

Mas, antes que as vozes da minha cabeça chegassem numa conclusão. O velho saiu e sentou-se em outro lado, deixando a mulher em paz. Eu suspirei aliviado. Gostaria de dizer que foi porque nada aconteceu e a mulher estava em paz, mas provavelmente meu alívio se deu pelo fato da situação ter acabado de forma pacífica e espontânea sem precisar de interferência, principalmente minha. Como se um peso, uma responsabilidade que eu teria que cumprir e não sabia se conseguiria, de repente, não existisse mais.

Horas depois me peguei pensando nesse pequeno diálogo na minha cabeça e só me dei conta de como o meu subconsciente é machista, mesmo quando tenta fazer o certo. Uma das vozes solenemente ignorava a ideia de assédio moral. Eu – e consequentemente as vozes – não conseguia ouvir o que o velho estava falando para a mulher. Imagina as atrocidades que ele pode ter dito, as propostas indecorosas e indecentes? Meu Deus, o homem pode ter até ameaçado a mulher, como poderia saber?

Por outro lado, a voz que tentava me convencer a me levantar e agir tentou me convencer apelando para a empatia, mas não tentou me colocar no lugar da mulher, mas dos familiares dela. Oras, para reconhecer a aberração que é um assédio moral ou físico eu tenho que me colocar no lugar do irmão da vítima, não no lugar da vítima? "Imagine como o irmão dela vai se sentir" é assim que a minha mente tentou me convencer? A minha mente é impossibilitada de se colocar no lugar de uma mulher ou ela acha que não precisa, que a experiência da mulher não importa?

Credo!

Por um lado minha cabeça queria me convencer de que eu não devia nada a ninguém, que aquilo não era meu problema. Por outro queria me convencer que era quase um dever meu "como homem" fazer alguma coisa. Como homem ou como cidadão?

Estou perdido. Espero que a mulher esteja bem, que tudo que ela se lembre do dia seja de ter sido abordada por um velho chato que logo foi embora. É muito fácil não fazer nada. Fico me perguntando quantas pessoas no ônibus tiveram diálogos similares nas suas cabeças. Qual voz será que venceu na cabeça deles?

https://www.wattpad.com/user/Davi-da-Motta

A poeira

Antônio Jefferson Teixeira Sousa
Itapipoca/CE

A poeira anda pelo mundo
Ela se veste de nada
Cada passo
É como rastro de criança na areia
Onde está? Para onde foi?
Se desmancha em tudo
Como uma dama
Que espalha flores no tapete terra
Vu-uu-uu! Vu-uu-uu!
Banhando-se de vento, cultiva o chão duro
Ela é nada.
Ela é tudo.
Ela.
A poeira.

http://lattes.cnpq.br/3962715860700015

A Sílfide

Tácito Cortes de Carvalho e Silva

Presidente Venceslau/SP

Como de costume, todas as tardes, Floriano, em mangas de camisa, se postava diante da janela que dava para a ladeira e ficava a observar o movimento da rua: os estivadores que subiam do cais só de calção e chinelos e paravam no bar da esquina, as beatas que se dirigiam com seus véus negros para a igreja no alto da colina e as crianças que brincavam pelas calçadas. O homem, magro, maduro, optara por viver ali, naquele canto de mundo. O câncer de próstata diagnosticado há pouco tempo e tratado com cirurgia e injeções de hormônios lhe trouxeram um certo amargor e sensação de impotência. No lusco fusco da tarde fazia-lhe bem o painel visto de sua janela e o ruído do mar e dos trapiches, trazido pelo vento, era música a seus ouvidos. Mas, além de tudo, Floriano esperava pela garota de bicicleta que descia devagar pelo caminho de pedras com os cabelos a esvoaçar ao sabor do vento, magra e esguia, vestida com jeans e tênis branco. Uma sílfide. E ela vinha todos os dias ao cair do sol e parava bem em frente à janela, sacudia as madeixas encaracoladas, olhava para ele e através dele ... Seu olhar era como um convite para reviver momentos doces e prazerosos de sua juventude; lembrar-se da juventude era bálsamo para Floriano: exímio violonista, bom cantor, moreno estilo galã latino, arrebatava os corações das moçoilas de sua época. No entanto, casou cedo e, então, começou seu sofrimento. A esposa estéril e doentia não pode lhe dar filhos. Na rua procurou algumas amantes, mas infelizmente não se adaptou a nenhuma. Eram mulheres mais interessadas em seu bom salário de oficial de justiça o que o levou ao ato descontrolado da agressão que o conduziu à prisão. Ao sair em liberdade procurou o isolamento. O cais parecia lhe dar vida. O barulho das ondas, o cheiro dos peixes misturado com o do óleo das barcaças, o falatório dos marinheiros e pescadores, o vai e vem das prostitutas ganhando a vida, tudo lhe dava a sensação de estar vivendo e isto, para ele, era essencial. Na verdade, pela manhã, costumava andar à beira mar e "viajava" em seus pensamentos para lugares distantes e paradisíacos. Após longa caminhada parava no bar da esquina para tomar um pingado com pão e manteiga e se permitia um dedo de prosa com o turco, dono do boteco. E o turco lhe punha a par das notícias do lugar: contava-lhe com detalhes sobre a vida de cada um dos moradores daquelas redondezas, os que eram gente boa e os malandros, as mulheres que traiam os maridos, os moleques que já trilhavam o caminho do banditismo, as prostitutas e suas brigas, os marinheiros e os estivadores com suas lutas ... Contava - lhe

também, sobre a garota da bicicleta, filha de gente da elite, que morava em bairro elegante mas gostava de se divertir com os marinheiros e estivadores, escolhendo entre eles os mais fortes e suados para se deitar nos trapiches ou mesmo na areia fazendo sexo misturado com cheiro de suor, peixe e cachaça.

– Estranho - dizia Floriano - por que uma moça fina (podia se notar!) iria gostar deste tipo de vida? Seria uma pervertida? Teria algum complexo, algum problema? Floriano não sabia ao certo, mas é claro que esta informação dada pelo turco lhe trazia enorme curiosidade e também um enorme desejo que consumia todo o seu ser. À noite, na alcova, o homem tinha sonhos libidinosos com a garota e acordava pela madrugada banhado de suor e com a sensação de ereção do membro com orgasmos sucessivos; pensava em provar de forma concreta esta sensação e sentia que de alguma forma isto podia lhe fazer muito mal.

Em algumas noites saía de mansinho e de longe, escondido pelas dunas, espionava a menina. A luz bruxuleante da lamparina no trapiche transformava em sombras os movimentos do casal e Floriano, com o amargo gosto da revolta, sentia por aquela mulher um ódio tresloucado. Às vezes, no entanto, seus sentimentos eram de carinho e amor incontido.

Naquele anoitecer viu a garota passar e sentiu a inexplicável sensação de desejo, ódio, prazer e amor. Esperou a noite chegar, o movimento da ladeira arrefecer e, então, se vestiu e saiu de casa devagar, passo a passo, sentindo o friozinho da brisa marítima se misturar com o calafrio de suas veias. Passou pelo turco que subia do cais, mas mal o cumprimentou, na verdade, nem o viu, mergulhado que estava em seus devaneios. Os pés na areia grossa emitiam um som que o atordoava e, pela primeira vez, sentiu-se cansado, quase sem fôlego, atravessando as dunas. Encontrou jogada na areia a bicicleta e viu no trapiche próximo as sombras que o atormentavam. Aproximou-se mais e ficou ali por muito tempo ...E, então aconteceu...

Pela manhã não se lembrava de como voltara para casa. Vagamente se recordava de ter levantado a bicicleta da areia e a encostado em uma duna. Estava confuso e parecia ter ouvido gritos, mas não sabia se fora um pesadelo. Abriu a janela, viu o carro da polícia na esquina e o turco apontando para sua casa, sentou-se na cama e seus sapatos estavam sujos de sangue.

A porta se abriu e o policial entrou com as algemas na mão. Floriano, quase letárgico, estendeu os braços porque já sabia o que ia acontecer.

A Superlua e o Amor

Wilson Duarte
Itatiba/SP

Dizem os poetas que a lua pertence aos que se amam. E sob o luar não há qualquer dúvida quanto a isso. O romantismo aumenta, o luar favorece e faz com que corações apaixonados se aproximem e se amem ainda mais. Carinhos, afagos, e beijos leves ou mais ardentes ocorrem sem que o casal perceba. Nessa hora ambos estão como que ausentes da realidade em um mundo que é só deles. Juras de amor, promessas de eterno relacionamento e tantas palavras mais são pronunciadas sem que percebam a passagem das horas. Alguns até sussurram uma canção de amor. Nesses momentos o tempo para. Nada mais existe. Ambos sentem-se corno se estivessem no Nirvana, um lugar onde a felicidade é completa e infinita. Só eles e mais ninguém. Ambos acreditam estar acima do mundo real, como se o espaço existisse apenas para eles dois.

Problemas e dificuldades todas as pessoas os têm, em maior ou menor grau, porém, as vicissitudes do dia a dia inexistem nesses momentos. Pelo contrário, a felicidade está estampada nos rostos e gestos de ambos. O que dizer então quando tais momentos acontecem sob a Superlua ou Lua Azul, como também é chamada na noite em que tal fenômeno ocorre. É a lua favorita daqueles que amam. Assim, essa noite pode significar o início de um longo e duradouro relacionamento ou mesmo o sacramentar de um relacionamento já existente. E qualquer que seja a razão pela qual estejam juntos naquele momento, parafraseando o que disse certa vez o "Poetinha" —alcunha de Vinícius de Morais — o relacionamento será eterno enquanto dure...

A trajetória do fim

Vinícius Bandera

São Paulo/SP

O teto vinha baixando. Durante muito tempo não percebera. Depois, começou a sentir que tinha menos espaço acima de sua cabeça. Pulou, pulou, pulou... Deu vários saltos, o mais alto que podia. Não conseguia alcançar o teto com as mãos. Ainda havia muita distância, mas ele tinha uma intuição de que algum espaço se encolhera. Cinco anos depois, ao dar os seus saltos de sempre, verificou que indubitavelmente o espaço entre ele e o teto vinha sendo comprimido. Malgrado tal convicção, não se deixou desesperar, considerando que ainda tinha muito ar para cima. Um dia, olhando o firmamento de seu cubículo, pois era o que lhe restava fazer na ausência de janelas, teve uma ideia que passaria a controlar sua existência. Acabara de cozinhar no fogão de lenha. As brasas ainda estavam acesas, à mercê da morte inexorável. Pegou uma que se transformara em carvão. Era o momento de dar os saltos cotidianos. O carvão na mão direita, a cada pulo uma marca aonde mais longe pudesse riscar. O teto ainda era uma meta inalcançável. Mas as marcas ficaram nas quatro paredes. Então conseguira imprimir um referencial matemático ao qual não poderia haver contestação. As marcas equivaliam à descoberta da luneta por Galileu. Se elas fossem ultrapassadas, seria uma indicação matemática – e parece não haver nada mais exato na natureza do que este saber – do quanto o teto vinha baixando. Não saberia dizer quanto tempo se passou, mas um dia percebeu que algumas marcas, as mais altas, não mais estavam onde as colocara. Um novo rebaixamento as cobrira. Ainda podia pular sem tocar o teto. Com o carvão, cujo estoque de lenha estava acabando, fez novos riscos. Encontrara, com esse método, o relógio que lhe faltava. Estava, assim, marcando a sua existência. Na ausência de espelhos, ou algo em que se pudesse refletir, não podia verificar o tempo em seu rosto. No entanto, no corpo e na alma começaram a aparecer marcas, que, ao contrário das de carvão, não saíam. Mais e mais ficavam. Iam-

no entrevando. Curvavam-no. Já não podia dar aqueles saltos. Mesmo assim marcava como podia. Subia na mesa e rondava as paredes a deixar sinais de sua vida. Um dia, não sabe quando, mas foi um marco em sua trajetória, um grande acontecimento: quase tocou o teto, de cima da mesa, erguido sobre a ponta dos pés. Foi uma espécie de terra à vista dos antigos conquistadores. A sorte estava lançada, como disse César. Não havia mais como escapar. Mas nunca houve tal possibilidade. Deixou de fazer marcas quando compreendeu a total inutilidade dessa sua iniciativa, tomada em um passado no qual ainda nutria alguma esperança. Coincidiu que por essa época não mais lhe colocavam lenha. Passaram a deixar em uma vasilha a comida para dois dias, três... Ele já não tinha o trabalho de fazer a comida. Também já não estava com forças para mais nada nos últimos tempos. Não raramente, nem tocava na vasilha. Às vezes, deixavam-na e a levavam sem que ele soubesse o que continha dentro. Não ficou nem um pouco surpreso quando um dia, após grande esforço, subiu à mesa e tocou o teto com a cabeça. Esse grande feito poderia ser comemorado em grande estilo. Conseguira algo por que se empenhara durante toda a vida. Desceu e deitou-se. Na cama ficou por muito tempo. Não tinha como precisar se três, quatro, cinco... ou quantos dias. As suas marcas de carvão somente lhe davam indicação de um extenso período de tempo: anos, décadas. Nem elas mais havia. O quarto foi ficando escuro à medida que o teto descia, porquanto era da parte de cima que brotavam raios luminosos, através de alguns orifícios nas paredes. A única luminosidade que sobrara vinha por onde introduziam a comida.

A Turma de 72 ou Nas Esquinas Do Céu

Roberto Rodrigues da Silva
Indaiatuba/SP

Hoje pela manhã fiz duas coisas que há tempo eu não fazia. A primeira foi ler o meu horóscopo no jornal, uma leitura feita por simples diversão, embora saiba de gente que leva isso muito a sério. Tive um tio, por exemplo, que possuía uma firma de terraplenagem e só abria a empresa após consultar o horóscopo. Caso os astros dissessem que aquele dia não seria bom para os negócios, ele simplesmente dispensava os funcionários, que acredito dessem pulos de alegria.
Não preciso dizer que, contrariando os astros, tornou-se um empresário falido.
Bem,mas voltando, ao horóscopo percebo que existem dois tipos: aqueles que não dizem absolutamente nada de novo:"...lembre-se sagitariano que quem com ferro fere com ferro será ferido, cor verde limão...número para hoje..."E aqueles que escondendo-se atrás de uma maior complexidade continuam não dizendo nada: “Sagitário: Planetas tomam posição acirrada nas esquinas do céu”. Bonito em termos poéticos, mas acredito não acrescentar muito para o meu dia.
.A segunda foi procurar documentos para a minha aposentadoria. Nesta busca encontrei uma amassada caixa de camisa com um amontoado de velhas fotografias dentro: pequenas, grandes, descoloridas. Muitas em preto e branco com as bordas cortadas de forma irregular, como corroídas pelo tempo e pelas lembranças. Foi lá entre elas que encontrei um pequeno álbum de fotos, daqueles tirados e vendidos nas escolas ao final do ano.
No alto da capa, o nome do Colégio Meninópolis, no canto inferior direito o endereço e o ano 1972. A capa coberta com as assinaturas e apelidos dos colegas (ninguém falava em "bullyng" na época).
Lá dentro uma mistura de pequenas fotografias que iam desde a fachada do prédio, passando pela capela, (a escola era católica), laboratórios, chegando aos professores e direção. O colégio não existe mais, ficava em São Paulo, no bairro do Brooklin. Foi entre suas paredes que passei onze anos de minha vida,

cursando os atuais: Fundamental e Médio, na época: Primário, Ginásio e Colégio (científico).

Olho a fotografia maior, a que finaliza o álbum: é o da minha turma com o professor de Língua Portuguesa ao fundo.

Sorrisos, poses, sonhos...

Onde estarão meus colegas agora? Muitos vieram acompanhando-me desde os primeiros dias de escola, que fim levaram?

Os professores, o que aconteceu com eles?

Olho com mais atenção à fotografia. Ela como todas tem o dom de congelar o tempo. Um fragmento clicado. Como se tirássemos um vagão de um comboio que insiste em continuar em seu caminho. Um fragmento de tempo parado naquela distante e fria manhã de 1972(na imagem todos estão agasalhados).

Quantos sonhos povoavam as nossas cabeças naquele final de ano letivo? Quantos foram alcançados? Quantos deixados de lado? Quantos risos transformaram-se em lágrimas ao longo do tempo?

Perguntas feitas agora, mas não naquele momento; apenas sorrisos, esperanças, sonhos... alegrias. Vivíamos em um mundo à parte, desconhecendo (eu pelo menos desconhecia) as barbaridades da ditadura que violentava o país naquele momento.

Pensando bem se eu lesse naquele distante momento o horóscopo que estou lendo hoje: "Sagitário: Planetas tomam posição acirrada nas esquinas do céu", aí sim eu acreditaria realmente nos horóscopos."

rod53gues@yahoo.com.br

A viagem do grãozinho de areia

Alberto Arecchi
Pavia – Itália

Antes do que o ar for criado, o céu era preto e a luz era dura, sem esfumaduras. Tudo era silêncio, as árvores ficariam firmes... Na verdade, se querermos expressar toda a verdade, nem havia árvores ou animais. Só uma paisagem fantasmagórica, feita de montanhas ásperas e vulcões. As rochas - que pareciam cortadas com um machado - ressaltavam como silhuetas contra um céu sempre preto. Os rios corriam impetuosos, negros como tinta, refletindo o céu. Um dia, do nada, uma pequena esfera transparente começou a inchar, como uma bolha de sabão, tornou-se cada vez mais gigantesca, e em seguida abriu-se e lançou o vento. Foi como um sopro de liberdade... O azul explodiu no céu e as águas reverberavam-no com mil tonalidades. Finalmente, a vida das plantas e dos animais podia começar, as árvores podiam roçar, alguém poderia ouvir o barulho do vento e das pedras caindo. O que tinha acontecido? Um elfo, livre de herança e riqueza, implorou ao Criador para dar-lhe um sopro de vento, algo que não custaria nada, apenas um sopro, e foi assim que houve o ar. Como todos sabem, a respiração e a palavra não custam nada, mas são o mais que exista de vital. As cores se mexiam num arco-íris iridescente com reflexões e transparências evanescentes, como as asas de uma libélula enorme. O mesmo elfo que tinha aplicado para se tornar "mestre do vento", olhando no seu rosto reflexo em uma poça de água, descobriu as próprias sombras e esfumaduras... Detalhes que faltavam até um momento antes, quando seu rosto parecia uma meia-lua, meio claro e meio completamente preto.

Até aquele tempo, não havia pássaros nem outros seres voadores, até mesmo faltavam todos os animais que respiram. Também faltavam as plantas, que precisam de ar para viver. Portanto, em toda a Terra, apenas os elfos e os cristais foram testemunhas do evento maravilhoso. Os elfos contam isto em suas tradições, que permanecem gravadas em uma veia de ouro puro, como em um livro secreto, na parede mais escondida, na caverna mais profunda de todo o planeta. Esta página de sua história não tem título "O nascimento do ar", mas começa com a frase: "No dia em que se viu o primeiro arco-íris". Os elfos, de fato, não precisam de ar para respirar, mas ficaram tão impressionados com a grande explosão das cores, como em uma bolha de sabão iridescente, ricas de tons e matizes, nunca vistas antes, que marcaram a data, desde então e para sempre, como "tempo zero" de seu calendário.

A primeira rajada de vento levantou turbilhões. A coisa mais leve do mundo, na época, era um grãozinho de areia, porque ainda não havia folhas ou penas. Esta é a história de um grãozinho que foi levantado, nos desertos da Ásia Oriental, e começou a rodopiar com os redemoinhos de areia. Conheceu muitos outros grãozinhos como ele, arranjou um monte de amigos e descobriu o mundo com gosto. Tanto gosto que, a partir daquele momento, nunca mais voltou para o chão. Ele percorreu um caminho igual a mil vezes em torno da Terra, mas - mesmo assim - não foi capaz de ver tudo. Nosso grãozinho ficou por muito tempo confuso em uma nuvem vermelha, que girava acima dos desertos da Mongólia. Não poderíamos dar-lhe um nome mais familiar? O chamaremos Paulinho, permitindo-nos um pouco de familiaridade, apesar de sua idade. Então, o grãozinho Paulinho se embarcou para uma longa viagem, velejando com alguns amigos para a costa do Oceano, e então viu pela primeira vez, abaixo dele, o verde das árvores.

Paulinho sentiu o fardo da umidade, quando o vento forte do deserto se mudou com a brisa do mar. A viagem tinha-lhe - por assim dizer - entrado para a corrente sanguínea, e não queria parar. Sob ele estava voando uma criatura estranha, nunca antes vista, com duas grandes asas abertas, deslizando suavemente, e conseguindo assim pegar cada mínimo sopro de ar, de maneira que nunca descia da altitude. Com uma manobra inteligente, Paulinho entrou em uma pena da asa desse grande pássaro. Agora, ele poderia aproveitar a viagem sem se preocupar com a umidade ou com o calmo de vento. Ele tinha certeza de que seu carreiro iria levá-lo para qualquer lugar do mundo, sem sequer fazer-lhe pagar o bilhete. Veio porém um dia em que o grãozinho percebeu que seu transportador não estava mais em movimento. Paulinho já não sentia a sensação do ar e percebeu que seu hospedeiro não podia mais se mexer. Uma comoção, muito barulho ao redor. Bicos enormes batendo de todos os lados, para comer a carne da ave que o tinha guiado pelos céus do mundo. De repente, tudo em volta dele ficou escuro e Paulinho encontrou-se em um mundo de enzimas quentes e úmidos, ricos em ácidos e outras substâncias estranhas que ele não conhecia. Foi uma sorte que a sua compleição forte, de quartzo e sílica, lhe permitiria evitar ser digerido, e nem sequer ser atacado por todos aqueles sucos. Ele ainda podia sentir o movimento da viagem, mas por um tempo não sentiu mais o ar por cima de si.

Finalmente, a libertação. Paulinho viu novamente a luz e logo se encontrou rodando em um céu flamejante, feito de fogo ardente. Não era um pôr do sol tropical, mas a erupção de um vulcão enorme. Paulinho de areia se viu apanhado no vórtice de uma enorme nuvem de cinzas, que pairava sobre o planeta. De lá, via os continentes, mares e rios. Uma paisagem verdadeiramente estupenda.

Uma partícula minúscula de pedra-pomes se agarrou a ele. Paulinho nunca tinha-se visto a si mesmo em um espelho. Naquele dia, sua amiga disse-lhe que era uma maravilhosa peça de quartzo iridescente, uma gota de vidro vulcânico, que refratava as mais belas cores do espectro... Uma pena verdadeira, que ela não se pudesse admirar!

Por muitos séculos, a nuvem da erupção cobriu os céus do mundo. Foi a longa lua-de-mel com a Pomicinha sempre ligada com ele. Abaixo deles, as cores se tornaram obscuros. Era a sombra de sua nuvem, que cobria e resfriava o globo. Na altitude, no entanto, que maravilha de luz e cores! Os grãozinhos rodavam, arrastados por cada sopro de vento, para compor todas as tonalidades do arco-íris, todas as reflexões, todas as transparências que podem sair dos jogos entre os minerais nascidos no ventre da Terra. Nessa altura a Terra, vista do espaço, deve ter parecido um grande globo luminoso, ou pelo menos cercado por uma espécie de lenço brilhante.

Ao longo do tempo, a nuvem era destinada a assentar-se. Um dia, finalmente, Paulinho viu a superfície da Terra: quanto tinha mudado! Tudo era verde, o mundo era povoado por animais de todos os tipos. A corrente de vento que levava os grãozinhos foi assentando-se. Foi então que Paulinho e a sua parceira decidiram não parar nunca mais na superfície do globo. Era demasiado agradável viajar, levados pelo vento, e ver o mundo mudando, com todas as cores e todos os seus perigos. Quantas vezes arriscaram de ser queimados pela erupção de um vulcão! Um par de vezes as correntes do ar, nas montanhas, os levaram até os limites da atmosfera. Nessas altitudes, Paulinho viu novamente o céu negro acima dele, como no início de sua existência.

As coisas ao seu redor mudavam. Os sopros de ar os arrastavam de cima a baixo, por todos os continentes e sobre os mares, e faziam sentir vivo o Paulinho, com a sua parceira Pomicinha. Os dois, no entanto, não mudavam, ficando sempre os mesmos que no primeiro momento da sua existência. Eles nunca foram alterados, não respiravam, não cresciam, não estavam vivos. Durante a longa viagem, suspensos no ar do planeta, tinham visto muitos seres vivos nascendo, crescendo, envelhecendo e morrendo. Os dois, no entanto, como todos os grãozinhos de areia, mantiveram-se sempre iguais, como no primeiro dia da sua existência. O ar era importante, essencial para o movimento contínuo, mas podiam também existir sem ele. Até viam com maravilha que os seres vivos do mundo animal e do mundo vegetal, nesse globo rico de cores, ao qual eles também pertenciam, não poderiam existir sem aquela camada de ar, que não só dava-lhes as cores, as sombras, mas também o movimento e mesmo a vida.

Um dia apareceu um longo cilindro branco, flamejante, subindo rapidamente, disparado a partir do solo. Eles queriam experimentar a emoção de apanhar esse objeto: eles tinham ouvido dizer que era a mais recente descoberta, em termos

de viagens, e que poderia levantar-se muito mais alto, até onde ninguém tinha ido antes. O longo tubo de metal branco foi rapidamente para o céu azul, mas alguns instantes depois, o céu tornou-se negro, completamente preto e cheio de estrelas, como no primeiro dia do mundo. Em princípio, Paulinho e Pomicinha não percebiam a sensação de viajar com uma velocidade assustadora. Então eles viram debaixo deles o globo azul, que se tornava visivelmente mais pequeno, e eles sabiam que aquele era o mundo em que sempre tinham sido, desde o primeiro de seus dias. Por um momento, sentiram uma sensação nunca experimentada, um tipo de medo ou ansiedade, algo que um grãozinho de areia nunca deveria sentir. O ar não estava mais lá, mas voavam, com uma velocidade impressionante, no espaço profundo, sem ruídos, sem toques, porque não havia mais o fluxo de ar sobre eles.

A expedição espacial terminou com um pouso na superfície da Lua. Com o impacto, os dois grãozinhos de areia foram lançados a partir da casca do navio e caíram sobre uma pilha de poeira lunar. A viagem de Paulinho e Pomicinna tinha parado. Nos céus negros desprivados da atmosfera, nunca mais poderiam encontrar nem um sopro de ar para os levantar. Só podiam observar desconsolados - para sempre - aquele grande globo azul, alto no céu da Lua, em que podiam ver ventos e tempestades a mover continuamente enormes nuvens brancas, rodando em forma de espirales. Em Paulinho e na sua companheira surgia, a partir de profundo, uma espécie de saudade.

O mundo do movimento contínuo tinha-se mudado para eles no mar da Paz Eterna, onde nada muda e onde o céu é sempre preto. O reino da quietude eterna. Próximo a eles, plantado no solo da Lua, um mastro com uma bandeira que nunca teria podido bater no vento.

https://www.liutprand.it

A vida, felicidade e amor

Valdetrudes Junior
Quixeré/CE

Que a vida seja mais que fotos em redes sociais,
Que o sucesso seja mais que apenas um bom salário,
Que a vida seja a felicidade compartilhada com quem dividi e não separa,

Que estar, seja a primazia nos momentos difíceis,
Que a verdade sobre o amar, seja verdade,
Que és o caminho e não a chegada,

Que tenha a certeza sobre a felicidade,
Que é um estado mutável da alma,
Que a felicidade não é algo cumulativo,

Que a felicidade é algo a ser vivido,
Que a felicidade não é uma parada reconfortante,
Que a felicidade não é fixa no tempo.

Portanto seja hoje, ame hoje, viva hoje,
Sabendo que, se o amanhã vier, será um saldo,
Positivo nas contas do tempo.

www.pensador.com/colecao/valdetrudes_junior/
www.facebook.com/valdetrudes.junior

Aí cê aparece, paz

Adriane Neves

Florianópolis/SC

Aí cê aparece etc e tal
E fico livre de todo caos
E posso agora dormir
Porque o mundo não acabou
Mesmo que eu tenha destruído tudo sem dó
Mesmo que tenha poupado algumas coisas
Mesmo que nada tenha sido salvo
Na grande catástrofe que causei em mim mesma
Ai cê aparece etc e tal
Sinto tudo se juntar
Penso que tenho o ímã dentro de mim
Tudo rápido demais
Tudo de novo em paz
Mas minhas mãos estão manchadas de sangue
E minhas digitais se espalharam por aí
Feito paulistanos
Como vou me redimir
Eu vou é dormir
Já que você voltou
E paz

https://www.nevesadriane. Com
@nadrianes
@soul.tas

Amor é o que nos faz gigantes

Wagner Azevedo Pereira
Rio de Janeiro/RJ

A mor alegria é ter a viva consciência, sim,
Da vida que segue como se num elevador
Diferente da catábase que tão perto do fim
Faz o percurso pra abaixo, mas eleva a dor

Paradoxo e paronomásia para só refletir
Qualquer coisa que invade o âmago do ser
Se deixar explodir o sentimento que porvir
Virá tão fato mais que a cor, o âmbito viver

Acima do céu *anima* do que é mais profundo
De imaginar não é fácil nem tampouco ver irreal
O que se colhe neste grande misterioso mundo

Como registraram os músicos e os poetas antes
Tudo passa, ame sem medo, de forma bem natural
Porque somente o amor é o que nos faz gigantes

Aparências

Rosiane Maria Covaleski
Santa Cruz do Sul/RS

Palavras proferidas qual facas,
Em princípio, somente o orgulho laceram,
Sorrateiras, consumindo a esperança,
Visceralmente, até que na alma penetram...

O desencanto de um sentimento ardiloso,
Vai desfazendo todo o sonho tramado,
Nas promessas que nunca se cumprem,
E no profundo vazio das falas...

E a ilusão de um amanhã diferente,
Prolonga a dor disfarçada,
Fazendo sangrar em silêncio
As chagas de um amor que maltrata.

https://www.facebook.com/rosiane.iglesias

Apenas e sempre

Clark Mangabeira

Carioca em Cuiabá/MT

Um beijo sempre começa e termina com muito mais do que duas bocas se encostando. Um beijo é sagrado, demonstra-se entre dois seres pelas línguas e sobrevive, não como ato, mas como um átimo de realidade eterna que ressoa além das salivas que se encontram, fechando-se em si, em um casulo de possibilidades feitas e não feitas. Um beijo é, apenas e sempre, um beijo.

Minha avó aproximou-se do meu avô decidida. Ele, imóvel, quieto, talvez a observando, parecia esperar o contato. O doce encostar que seria o tudo e o nada de um milésimo de segundo de eterna lembrança. Quem sabe o que ela sabia e queria com o beijo a acontecer? Com o futuro do presente do amor condensado naquele toque por vir? Era o beijo que importava e meu avô, parado, denunciava sua vontade.

Observava os dois, o momento íntimo, a alguns passos, rodeado pelos outros convidados que, discretos, mantinham-se entretidos nas suas vidas. Não reconheciam a magnitude de dois seres de mais idade se beijando, das duas bocas enrugadas por tantos anos juntos a se encontrarem, das duas mãos que se tocavam com compaixão e respeito, salpicadas de recordações como a do dia em que vi minha avó abraçar meu avô embaixo de uma jabuticabeira do sítio que tínhamos, enquanto ele tentava alcançar as mais altas para ela. Naquele momento, espiá-los era meu sinônimo de amar. Era o que eu tinha de sólido para me manter ali, naquela reunião sem gosto, sem forma nem cheiro de real. Eu era uma exceção entre os muitos que não viam, enquanto todos ali estávamos a celebrar uma vida.

Meu avô, quieto, continuava a aguardar. Sempre foi assim. Ele sabia sobre momentos. No gingado de um cavalheiro moldado nos anos antigos, cortejava, mas, discretamente, adorava ser surpreendido pela esposa. O casamento não lhes tirou isso, a aurora dos anos clássicos. E minha avó aproveitava o gingado para se fazer de atitude e demonstrar, como naquele momento, que era dela a força coquete de provocar e dar o passo final para o beijo: ela se impunha, não ele, que continuava quieto, quieto, aguardando, quase austero.

Os rostos se aproximando para o beijo e testemunhar o amor nunca é sem um pouco de saudade. A serenidade de um e a agilidade do outro, a expectativa do beijo que se denunciava cada vez mais perto, e a paixão que reina no tempo, que imperou quando houve discussões sobre a venda do Opala 72 e quando a cor da parede do quarto da filha mais nova – uma história de família recontada entre

risadas – quase causou a separação. Os inúmeros quases e porquês e continuidades e descontinuidades que os anos entrelaçavam e ali se resumiam; o beijo que, cada vez mais próximo, deveria recuperar aquele cheiro doce de jabuticaba de um sítio do passado; o beijo, novamente, apenas e sempre, um beijo.

Minha avó decidiu-se um pouco mais e seu rosto enrubesceu. Quase lábio com lábio e a intimidade maior do que sexos e corpos por debaixo de lençóis amassados nas tardes de sábado. Lábio contra lábio, intimidade enfim infinita, e eu com os olhos marejados pela cena que se manteria para sempre em mim: dois corpos em comunhão de corpos, saliva transformada em vinho e a sacralidade do casamento de décadas cristalizada na maciez da pele da boca. Afinal, se no começo era o verbo, antes era a boca, e, ali, duas consumavam o ato da narração do amar.

Chorei no meu canto. Olhei e acompanhei a cena com carinho, enquanto os demais convidados mantinham-se em si mesmos, e sabia que o fim do feito também se aproximava. Minha avó começou a se afastar. Meu avô manteve-se. Os beijos, eis o problema, sempre passam, nunca duram enquanto ato. São mesmo átimos a pairar etéreos, sem eira nem beira, começados, terminados, existindo apenas.

Minha avó levantou-se ainda rubra e a voz do capelão anunciava a hora. Três homens que eu nem sequer tinha notado levantaram a tampa do caixão e sacramentaram a imobilidade do meu avô – permaneceu quieto, miúdo, porém beijado. Minha avó em um canto, eu, a alguns metros, e o beijo no ar silencioso, só notado, espero, por nós três. Um beijo, apenas e sempre, é um beijo, e o que dizer quando chega a partida? Para minha avó, o beijo resumiu, soberano, o tudo e o todo. No meu caso, eu disse, infelizmente, o comum, o simples, o trivial: eu te amo, vovô.

clarkufmt@gmail.com

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Jane Austen

(escritora britânica)
(texto: Ana Rosenrot)

Jane Austen, nasceu na cidade de *Steventon*, no condado de *Hampshire*, na *Inglaterra*, no dia 16 de dezembro de 1775. Ela era filha de *Cassandra e George Austen*, um reverendo anglicano, sendo a segunda menina entre sete irmãos. Aos 8 anos de idade, ela e sua irmã *Cassandra*, foram enviadas para um colégio interno em Southampton e depois para outro internato em *Reading*, onde Jane provavelmente tirou a inspiração para descrever o internato da Sra. Goddard, presente no romance *Emma.*
Escreveu seu primeiro livro, *Lady Susan*, aos 19 anos; uma novela onde já está presente o tema que tornou-se sua marca registrada: os costumes, as tradições da sociedade provinciana inglesa do século XVIII e a ideia do casamento como única forma de ascensão para uma mulher . Depois, em 1797, escreveu o que seriam suas obras de maior sucesso: *Razão e Sensibilidade* (primeiramente chamado de Elinor and Marianne) e *Orgulho e preconceito* (First Impressions). Seu pai, acreditando no talento de Jane, ofereceu suas obras a um editor e todas foram rejeitadas. Seu romance *Lady Susan,* foi vendido em 1803, por 10 libras esterlinas, mas só seria publicado 14 anos depois.
Em 1801 a família Austen se mudou para *Bathe e em 1805,* após a morte de seu pai, ela, sua mãe e sua irmã, devido a problemas financeiros, se mudaram para a propriedade de um de seus irmãos em Chawton.
Jane só conseguiu publicar seus livros em 1811 e 1813 respectivamente, assumindo os riscos da publicação e usando o pseudônimo "Uma Senhora"; coisas do patriarcado da época. Apesar disso, seus livros receberam boas críticas e renderam 140 libras esterlinas de lucro.
Posteriormente Jane Austen publicou os romances: *Mansfield Park (1814), Emma (1816) e Persuasão (1817).* Seus textos carregam uma verdadeira análise psicológica de sua época e são praticamente autobiográficos.
Pouco se sabe sobre sua vida amorosa, mas apesar de não ter se casado, Jane chegou a aceitar um pedido de casamento e desistir no dia seguinte.
Jane Austen faleceu em 1817, aos 41 anos de idade, vítima do mal de Addison(insuficiência adrenal primária, uma doença desconhecida na época), deixando os romances *Os Watsons* e *Sanditon*, inacabados. Essas obras foram completadas e publicadas, posteriormente, por um sobrinho da autora.
Suas últimas palavras foram: "Não quero nada mais que a morte".
A autora deixou um legado literário impressionante, suas obras foram traduzidas para diversas línguas, tornando-se um clássico da literatura mundial, que inspira gerações.
Jane Austen é inesquecível!!

https://www.facebook.com/apocastudios

As Estações e o Tempo

Gabriela Borges de Pádua Faleiros
Capetinga/MG

Tempo, a força que governa as vidas mortais, o que coloca um limite naquilo a ser alcançado, pois não importa quão segura é uma existência o seu tempo vai, cedo ou tarde, chegar ao inevitável fim. Mas essa força definidora é irrelevante para aqueles que ele não pode tocar, e na Terra das Fadas, a sagrada Avalon, o tempo não pode tocar ninguém. Estações passam e mudam. Com cada troca que ocorre o Povo celebra, pois os Fae são seres de magia, e não importam suas origens, sejam os belos e honrados Seelie ou os manipuladores e apaixonados Unseelie, as Estações são a única prova constante do Tempo que passa, mas não os afeta verdadeiramente.

Agora, neste instante, o Outono colore Avalon. Os Fae festejam e comemoram o equinócio ao redor do mais antigo carvalho do Reino. Em meio à multidão de seres uma criança, jovem e inocente, ainda aprendendo os caminhos dos Mundos, corre em direção a sua mãe, cheia de curiosidade, com os cabelos negros da noite balançando ao vento e os olhos da floresta brilhando em seu rosto da cor da terra fértil:

- Mãe, por que o mundo muda?

- O que quer dizer amor? – pediu a Mãe, curiosa com a intenção de sua progênie.

E, com toda a seriedade e sabedoria que apenas uma criança Fae é capaz de alcançar e demonstrar, a Criança diz:

- O mundo a nossa volta muda constantemente. A Primavera é cheia de vida, alegre como uma criança e gentil como o colo de uma mãe. As flores florescem e os animais nascem. O verde cobre cada pedaço do chão e os pássaros cada pedaço do céu, mas logo a doçura da Primavera dá lugar ao temperado Verão. O calor ofusca e queima, mas também aquece os corações e alegra os rostos. Tudo fica dourado sob a luz do dia e o ar cheira a mel, mas assim como ele veio, o Verão se vai, para ser substituído pelo quieto Outono. As

cores quentes do vermelho, laranja e amarelo cobrem a paisagem, os animais começam a se esconder e o silencio melancólico das lembranças distantes substituem o chilrear do pássaros e o zumbido das abelhas que vieram antes. E ainda, assim como o resto, o Outono passa e o Inverno chega. Tudo fica branco, em uma beleza fria e implacável que esconde a terra como um cobertor que esconde uma criança cansada. É duro, cruel e sem misericórdia daqueles que não estão preparados, mas também é protetor e misterioso, em um conflito eterno, mas equilibrado. No entanto, mesmo o Inverno passa e o ciclo se reinicia. É um círculo sem fim de vida e morte, sempre mudando, sempre diferente, mas ao mesmo tempo, sempre o mesmo. Por que isso acontece Mãe?

E a Mãe, brilhante e maternal, com os cabelos de sol e os olhos do céu de verão que iluminam a pele prateada de luar, responde:

- É o Tempo, minha amada Criança. Tudo aquilo que se liga a terra tem uma ordem e um limite. As Estações são uma representação eterna do poder do Tempo naquilo que ele afeta, pois elas são constantes, mas sempre diferentes da encarnação anterior.

- Nós também temos um tempo, Mãe? – pergunta a Criança.

- Não, meu amor. Nós somos filhos da Magia e como tal o Tempo não tem palavra ou voz naquilo que vivemos. Nós aprendemos e crescemos em nosso próprio ritmo, paramos onde desejamos, mudamos apenas se for nosso desejo, e a não ser que forças externas interfiram, o Tempo não pode colocar um limite em nossa existência. Mesmo se nossos corpos se forem ainda existiremos, em formas diferentes, talvez, mas ainda aqui, ainda mudando e vivendo em nossos próprios termos, porque a Magia não tem forma e nem fim e todo Fae é feito de magia, seja ele jovem ou velho, sábio ou tolo, da Corte dos Seelie ou da Corte dos Unseelie. – responde a Mãe.

A Criança reflete as palavras da Mãe e acena com a cabeça antes de mais uma vez sair correndo, desta vez em direção a multidão que celebra em torno do grande carvalho. Ela dança em meio as folhas caídas com outros jovens e cria pequenas luzes vermelhas nas pontas de seus dedos para se divertir fazendo-as dançarem em torno de si no ritmo dos tambores e flautas tocados pelos adultos.

A conversa não foi esquecida, mas sim absorvida como todo o novo conhecimento deve ser e a lição que lhe foi ensinada será guardada com todas as outras lições que recebeu e com todas as que receberá no futuro.

As Estações continuarão a passar. A Criança vai continuar a aprender e crescer em seu próprio ritmo e chegará um dia em que ela não será mais uma criança. Nesse dia ela irá Escolher seu caminho. O que será que ela vai se tornar? Um honrado Seelie, que trança coroas de flores durante a Primavera e corre pelos campos atrás das abelhas no Verão? Ou ela será um Unseelie, esculpindo imagens para as festas do Outono e brilhando em meio a neve do Inverno? Ela vai escolher o mesmo caminho que sua Mãe? Ou talvez ela escolha o mesmo caminho que seu Pai? Ela se tornará Mãe ou Pai para uma nova Criança ou permanecerá apenas por ela mesma, cercada de amigos e conhecidos, mas não uma progênie própria? Quem irá cruzar seu caminho? Quem será abraçado em sua vida?

O Tempo não tem poder na vida daqueles que não tem sua hora marcada. A Criança que um dia não será mais uma criança tomará as decisões e enfrentará as consequências que delas vierem. O Tempo ainda não sabe quais serão e nem nós saberemos, pois nosso limite chegará muito antes da Escolha que será feita pela Criança do Povo das Fadas. As Estações continuarão a mudar, e elas irão testemunhar as escolhas feitas por aquela Criança que conhecemos e também por aquelas que nunca iremos, presenciando o fluxo sem fim daqueles que chamam a sagrada Avalon de sua casa e seu lar, sendo para os Fae a única prova visível do Tempo, que passa constantemente e sem intervalos, mas não pode verdadeiramente tocá-los.

Assim foi... Algo virá...

Lucas Estêban

Fortaleza/CE

É... Os tempos se foram
Quase nada perdurou
Costumes mudaram
Tudo se transformou

É... A época passou
Mudanças chegaram
Saudade ficou
Lembranças restaram

Sim, os dias passaram
Momentos vividos
Olhares testemunharam
Períodos curtidos

No papel letras escritas
Na mente recordações
Tantas canções ouvidas
Fez cortar corações

Emoções ficaram no passado
Outras previram o futuro
Sentimentos abriram espaço
Para um mundo sem muros

Sim, nada dura eternamente
Transformação não espera
Movimento permanente
Mutação acelera

Não, não esqueçamos
O passado recente
Situações vivenciamos
Lembremos sempre

A esperança semeou
O presente nasceu
O futuro brotou
O amor não morreu

O que já era
Virou semente
Agora árvore
Fruto nascente

Algo virá
Expectativa
Assim será
Alternativa

Sabemos nós
Nada a esperar
Queremos nós
Tudo a buscar

Um mundo se vislumbra
A viver nova era
Com muita ternura
Quem sabe, quimera...

Atores em cena

Grazielle Pacini Segeti

São Paulo/SP

Será a vida um grande espetáculo? Uma peça teatral cujo enredo varia entre a tragédia e a comédia, assim como grandes ondas e pequenas marolas nos divertindo ou nos aterrorizando, brincando com nossas emoções?

O problema é que o diretor não nos entregou o texto com antecedência, não temos a oportunidade de estudá-lo de antemão, só nos resta improvisar a cada cena, com os mais diversos cenários e figurantes que surgirem durante toda nossa atuação.

Não há ensaios, se errarmos temos de continuar aos tropeços e arcar com as consequências.

O júri é sempre bastante exigente. Algumas vezes podemos não agradá-lo, em outras ocasiões, no entanto, até conseguimos receber algum prêmio.

O elenco vai mudando ao longo dos anos e temos de aprender a contracenar com toda a sorte de atores que possam surgir durante toda a execução dessa grande peça.

Os atos vão se desenrolando continuamente e, embora queiramos deixar a melhor atuação para o "grand finale", nunca sabemos quando será e então, já poderá ser tarde demais.

https://www.facebook.com/jotha.luiz.5

Balão, Paixão e Tradição

Almir Floriano/SP

Com meu pai e com vizinhos
Aprendi desde pequenino
Quando todos se reuniam na casa de alguém
Para a confecção dos nossos juninos

E me lembro da alegria deles em ensinar
Eu e meus amigos cortar papel e colar
Existia uma magia sem igual
Todos juntos num mesmo ideal

A gente caprichava em cada balão
Enquanto um colava outro fazia bocas
As mulheres faziam bolos e doces
Para alegrar nossa festa de São João

Em tempo de copa do mundo então
A nossa emoção aumentava ainda mais
Parecia um ritual sagrado
Construir balões com as cores nacionais
E, na medida que aprendemos fazer balão
Não existia mais data certa para sua confecção
A magia e o encantamento já estava no sangue
E todo dia pra gente era São João!

O balão me ensinou o sentido da amizade
O espirito de união entre amigos
Ocupou meu tempo em momentos de alegria e amor
E faz parte das melhores recordações que trago
E nenhum de nós imaginou sentir tanta saudade
Daquele tempo de inocência e de alegrias
Onde a gente era feliz de verdade!

O balão é o precessor da aviação
E não há Lei nenhuma que revogue essa verdade
Nem tampouco deixaremos de construí-los
Porque o balão está em nosso coração
E faz parte da história da humanidade!

O balão é idolatrado em várias partes do mundo
Em muitos países faz parte das tradições
Hoje, a arrogância de uma Lei imbecil
Coloca na condição de fora da lei
O maior baloeiro do Brasil
Nosso querido Santos Dumont,
O homem que inventou o avião!

*Aquele que não respeita as tradições e sua história, não merece fazer parte dela!
*Conheça a história do balão e das tradições juninas pelo mundo desde a invenção do papel no livro O BALÃO NO MUNDO:

http://www.perse.com.br/persenovo/livro.aspx?filesFolder=N1553883512502

Bittersweet

Rosa Maria Soares Bugarin

Brasília/DF

Estranha sina, essa do poeta:
ter o mundo de todos
e ver um mundo, só dele...

Em nuances de sonhos multicores,
bailam palavras e nascem as miragens
que se harmonizam aos sons que vão surgindo...

Brinca de rir, o poeta descuidado.
Sorri, jogando metáforas de sonhos,
desenhando promessas no ar dourado,

sem perceber, que estranha sina essa,
de misturar ao mais doce sorriso,
um leve travo de lágrimas amargas...

Black Dog

Carlos Henrique Barth

Macaé/RJ

Ela chega quando menos se espera. Às vezes há um gatilho que a aciona. Outras vezes, não. Aparentemente, está tudo tranquilo em sua vida. Você está empregado, as crianças com saúde e o casamento vai bem. Mesmo assim, aquele pesar se instala em seu coração e parece que nada mais faz sentido. É um pesar desproporcional e você tem consciência disso. No entanto, isso não torna as coisas mais fáceis.

Aquele sentimento ruim vai drenando suas forças, te sufocando. Andrew Solomon no livro "O demônio do meio dia" compara a depressão a uma trepadeira que impede o crescimento da árvore sadia, sorvendo sua seiva, a matando. A metáfora é perfeita, pois é isso que ela é: um parasita que vai sugando a energia vital do hospedeiro.

Não há mais certezas ou convicções. Só dúvidas. Não é o momento de tomar nenhuma decisão importante pois você sabe que seu julgamento está comprometido, que a química do seu cérebro virou uma bagunça. O momento pede somente resiliência. Mesmo assim a mente fica inquieta, indócil. Tudo se torna negativo e você só vê o lado ruim das coisas. Não tem ânimo para nada, fica remoendo o passado, projetando o futuro. É o inferno.

Falo da depressão leve, que é o que sinto. Não sei se teria forças para suportar a crônica. Winston Churchill se referia à suas recorrentes crises depressivas como um cão negro (*Black Dog*) à espreita. Seu conselho para lidar com a doença era uma demonstração de coragem: "Se você está atravessando o inferno, continue andando."

Para mim o aspecto mais cruel dessa enfermidade é que se trata de uma doença solitária. Só quem a carrega pode entendê-la. Além disso, na era da felicidade compulsória seu portador é muitas vezes estigmatizado como um fracassado. Porém, tenho uma visão bem diferente sobre o depressivo. Em minha

opinião, o fato de tantos levarem o *Black Dog* dentro do peito na atualidade é um claro sinal de alerta de que nós, como sociedade, estamos indo pelo caminho errado.

Sigo em frente porque sei que em breve o sol vai renascer e afastar esse período de trevas. Não é a primeira crise e já consigo lidar com a ideia de que não vai ser a última. Não esperem de mim respostas ou receitas, pois não as tenho. Não sou nenhum especialista no assunto mas, se me permitem, gostaria de dar somente um conselho: quando estiver sadio fortaleça sua mente e seu espírito para suportar o baque quando a depressão chegar. Agora, como fazer isso? Bom, penso que cada um tem que encontrar seu caminho e não sou modelo a ser seguido por ninguém. Sou só mais um entre tantos que sofrem com essa doença, mas saber que há outros por aí lutando pode ser reconfortante nesses momentos de crise.

O fato é que não há receita infalível e a única certeza é a de que o *Black Dog* está à espreita e um dia voltará.

Black Friday

Maria Apparecida Sanches Coquemala
Itararé/SP

Criança, sua poesia era verde/amarela.
Cantava a beleza das florestas, o ouro,
a grandeza do terra, o esplendor do céu,
onde à noite cintilavam milhares de estrelas.
Adolescente, se voltou para o amor,
belo, romântico, encanto desta vida,
amor verdadeiro rumo à Eternidade.
Adulto, a inspiração poética enfraquecia
perante os males naturais e humanos,
secas, enchentes, vírus, epidemias,
crise econômica, corrupção em toda parte;
o amor se diluindo em fortuitos encontros,
casamentos rareando, se desfazendo...
Foi silenciando, a inspiração não vinha.
O mal lhe parecia estar em toda parte,
qual tiririca invencível ao querer humano.

Naquela sexta- feira, andando pela praça,
vendo as luzes coloridas nas árvores,
deu-se conta de que o Natal se aproximava.
Gente falava de compras natalinas,
black friday, nova loja na cidade,
fazia piadas das notícias de corrupção.
Sentiu-se de repente o lobo da estepe,
o homem- lobo solitário de que falava Hesse
incompatibilizado com a sociedade.
Tomou um porre no boteco da esquina.
Atropelado, morto e desconhecido
foi enterrado como indigente.

Canção de exílio

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Sabiá
quer voar.

Quero-quero
a cantar.

Bem-te-vi, beija-flor
aonde vai meu amor?

Sabiá
quer voltar.

Quero-quero,
sonhar.

Canção De Um Tempo

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Tudo me foi passageiro...
O amor passageiro
a cama passageira
os beijos passageiros...
Também passageiro foi
o coração que não é meu,
a vida que não é minha
e nem sei a quem pertence!
Minhas mãos que falam poemas
são minhas... Sim, estas são minhas,
ao cunhar no papel os meus sentimentos...
O grito da poesia é todo meu,
na dor ou na alegria,
patrimônio inestimável, só meu,
bem maior que a mim pertence...
Trafego estradas desconhecidas
O sol não me pertence
a paisagem não me pertence
o canto dos pássaros
também não me pertence...
Nem a casa onde nasci me pertence!
Passageiros, prazeres passageiros...
A angústia que explode dentro de mim
esta sim, a mim pertence,
e ninguém dela faz questão...
Destilo a gota do sofrimento
mergulho fundo nas águas frias...

O café da manhã é frio
O pão também é frio
mas as mãos servas que o sovaram
antes mesmo do sol nascer
estão quentes e me alimentam...
A mocidade foi transitória
como a carícia de um tempo que findou.
A velhice solitária é como um soco
intransferível a arder-me na face!
Tudo na vida é provisório
na travessia silenciosa que fazemos,
um a um, peregrinos que somos
nesse espaço de sombras
onde habitamos nus!

Cantônio

David Leite
Jandira/SP

— Antônio...

Silêncio.

— Antônio...

Apenas murmúrios e o farfalhar das folhas da árvore pela janela.

— Antônio!

— Responde, Cantônio! - Uma voz emerge do meio da sala, com um tom de demanda.

— Presente...

Do canto da classe, Antônio, atônito, responde de sobressalto a chamada da professora.

— Tava perdido dentro de sua cabeça de novo? A próxima vez te colocarei em falta. - A professora provoca.

Não tanto perdido, pensava Antônio. Estava entregue, como de costume, a imensidão que ele conhecia. Um horizonte gigantesco, de um céu de cores quaisquer que quisesse, de vales e montanhas que assim desejasse e miríades de caminhos para se trilhar e ainda assim, não se perder. Não havia como estar perdido ali, pois não haveria destino a se chegar onde já se deveria estar.

Mas a chamada havia sequestrado ele do seu mundo particular e ele havia retornado para aquela rija realidade. Estava em seu canto, a última carteira, ligeiramente perpendicular a fileira. Era assim que se sentia confortável, pois ficava em vértice com o resto da classe, com todos em vista, e, como acontecia com frequência na hora da chamada, todos olhando para ele, esperando sua resposta.

Tendo o término da chamada, segue a liturgia escolar... Algo sobre biologia, animais gregários, manadas e...e...algumas coisas a mais.... Aos poucos, os vales de Antônio começam a se povoar....bois e vacas começam a virar grandes manchas malhadas na extensão verde....ovelhas, cabras, alunos....Alunos?...

— Alunos...hora do intervalo...

Novamente ele volta para aquele mundo mais estreito. A classe inteira se dirige para a porta... Manada?

O pátio cinza se estendia diante dele e seu canto... Agora, no seu mundo, aquele pequeno grupo de alunos saia de sua formação e se dispersava por um plano de concreto que surgira...mais livre, barulhento, mas ainda retido naquele quadrado estéril....Ignorante à planície, os animais e a chuva de nacos de queijo...

O sanduíche de queijo que sua mãe preparou estava inspirador. Frugal, apenas pão e queijo, mas, ao mesmo tempo, repleto da mística daquele carinho materno.

Da torneira do bebedouro fez-se um rio...inundou a planície e ramificou-se entre aquela área coalhada de vida como uma moldura...

Aula de música. A voz afrouxada e ríspida doutrora agora foi substituída por uma doce soprano... Algumas notas no violão ensaivam um coro na sala, mas era o menestrel dos campos que embalava seu mundo

Aqui conto o canto de Cantônio

Que ainda que com um tanto de pranto

do canto, observa, tudo com encanto

E repetia, enquanto o violão soava em classe, o bandolim do menestrel guiava tudo o que podia caminhar naquele mundo em procissão, criando formas de infinito sobre o tapete vivo.

O carrilhão então convoca a todos para o fim da aula... Finalmente...

Enquanto guardava os cadernos, Antônio olha através da janela o crepúsculo dourando o horizonte...Esse sim, o mesmo que dourava o seu mundo.

Certo é o Tempo

Valéria Cocenza dos Santos
Belo Horizonte/MG

Se tudo tem seu tempo
Haverá, então, o momento
Em que o lamento de outrora
Recebera nome de encantamento

O choro não mais será de dor
Lagrimas?
Se rolarem, serão gotas do orvalho
Amor

O caminho acompanhado será
A dor de outrora, então, cessará

Vem, companheiro-amigo!
Cantaremos, choraremos, dançaremos, riremos
E, o que mais fizermos, em tudo que for
coloquemos, sempre, a doçura de uma flor.

Eu queria seu colo agora
Sua voz calada
Tudo em silêncio
E que somente seus braços falassem
Num abraço de aconchego e amor

Eu queria um amor que nunca tive
E que me nego acreditar
Que não existe

Eu queria a paz
Eu queria seu colo
E... Por horas nele dormir.

Chorei

Rose Paz
Niterói/RJ

Chorei.
Chorei em pé.
Chorei sentado.
Chorei sozinho
E acompanhado.
Chorei entre suspiros.
Chorei calado.
Chorei dormindo
E acordado
Até que minhas lágrimas enfim viraram rio.
Pus você em um barco
E o conduzi para fora de mim.

Cisto

Danilo Giroldo

Rio Grande/RS

Escravo dos meu sonhos.
Penso no caminho até aqui
e as lagrimas rolam,
brotam espontaneamente.
Choro lendo Kipling.
Gotas de decepção,
um liquido salgado e amargo.
O mesmo gosto
dos sonhos que derretem.

Sinto as marcas dos enganos.
As consequências da cegueira.
O impacto da vaidade,
disfarçada de esperança,
ocultando a realidade
que eu não queria ver,
e no fundo sempre soube.

A dor de sair corta a alma,
mas prevalece o instinto.
O mover inconsciente,
herdado de antepassados muito distantes.
Será que esponjas percebem e agem,
ao notar que correm risco de destruição?
Flagelados, coloniais ou não, agem com certeza.

É hora de encistar com os sonhos de volta ao peito.
Terríveis e vorazes copépodos se multiplicam.
Que a carapaça seja dura o suficiente,
e que a germinação produza um ser melhor.
Menos vaidoso e mais atento.
Mais coletivo e menos individualista.
E que perceba melhor, o ambiente que o cerca.
A última fase livre natante falhou miseravelmente.

http://www.editorapatua.com.br/produto/72552/vala-de-danilo-giroldo

Cordialidades da vida

Weverton Nelluty

Macapá/AP

(...) a vida nos relaciona como em uma cordialidade reversa..
Direcionando nossos alvos, ideias e até mesmo sonhos para o oposto.

Deixando um modelo obscuro de incerteza vagando pelo deserto,
Então esperamos encontrar a paz no fictício horizonte calmo
E no calor absurdo que a alma instiga tudo se aproxima do nada,
Nos vemos sem rumo, indecisos, ofuscados e reprimidos,
Distanciando e não exaltando o que parece ser plausível.

Até então que;

Indagamos o que no deserto se encontra, elevamos nossa fronte
E olhamos para um horizonte já não cheio das incertezas,
Já não cheio do nada como antes,
Vemos a esperança cansada da mesmice,
Mesmice encontrada na rota mais próxima das incertezas
Vemos o calor se evaporar rumo ao coração
E nas nuvens das lembranças encherem os olhos de lágrimas.

Vemos o corpo por si próprio deparar-se em um instante inerte,
De repente tudo para! O olhar, o coração e por frações de segundos a vida se refaz.
Anulando o que a dinâmica da tristeza e das magoas causaram ao físico,
Vemos o refrigério chegar junto ao fôlego com objetivo proposital,
Vemos tudo novamente se recompor,
Em partes pré-definidas e outras ausentes do agora,
Onde somente o tempo mostrará seu desfecho.

O que a dúvida dividia não mais se divide,
Muito menos subtraem da vida lembranças felizes
Assim completamos as etapas da vida...

Assim somos, por ontem, por agora, por amanhã,
Um emoldurado ser com princípio, meio e fim…

http://wevertonnelluty.blogspot.com/2012/04/cordialidades-da-vida.html

Criança não entende o que não se explica, e adultos só entendem o que eles conseguem explicar

João Vitor Andrade

Viçosa / MG

Era um dia normal, desses de férias escolares e como sempre, estava encarregado de tomar conta de meus sobrinhos.
Vale destacar que eles são bastante curiosos e sempre questionam todas as coisas nos mínimos detalhes, confesso que acho bacana, me sinto muito inteligente na presença deles, por vezes ouço um deles proferir a frase: "ré ti Jão, você é mesmo inteligente"!
E ai, conversa vai, conversa vem, caímos na temática MORTE, a mesma me é familiar, porém, sempre à evito, pois sinto que muitas pessoas não estão preparadas, e sempre se esquivam ou encerram o diálogo. E tratando-se de crianças, nunca iria sugerir dialogar sobre a temática, pois acredito ser um tema delicado e bem complexo, sendo necessário uma vivência real, para uma melhor compreensão.
Mas, nesse dia foi diferente, o gatilho do assunto era um suicídio que havia acontecido em nossa pequena cidade, então os garotos começaram questionar! E as perguntas mesmo que muito curtas e simples, me renderam um bom tempo de explicação e didática.

1 . "Ti Jão, o que é suicídio?"

- É quando a pessoa se adianta e ao invés de esperar a morte chegar, ela vai até a morte. Sabe, imagina vocês vindo da roça, vocês sabem que vai ter um ônibus né, e que existe um horário para esse ônibus passar, mas só que vocês estão com muita pressa e então pegam um taxi ou vem de carro, antes do horário do ônibus.

2. "Ré, mas jogar bola e vídeo game é tão bom, por que uma pessoa iria querer morrer, sabe elas deviam espera o ônibus né?

- Então, esperar o ônibus na minha opinião é sempre o melhor a se fazer, mas a pessoa que pega o taxi e vai antes, na maioria das vezes, está doente, sentindo muita dor, e ai acha que o taxi é a melhor forma de ir, sabe! Elas acreditam que estão tomando a melhor decisão, mas na verdade estão é com dificuldade de ver outra opção e ai, preferem o taxi, para acabar com a dor que estão sentindo...

3. "Hamm você já viu alguém fazer isso? ou morto por causa disso?"

- Suicidar, em si não, e se eu vesse, iria tentar de muitas maneiras demonstrar que me importo com a pessoa, tentando impedir ela de pegar o taxi.... E morrer, entende! Mas, mortas por causa disso, já vi sim, e não é nada agradável, é bem triste, aliás, já chorei bastante por ver pessoas que morreram por isso.

4. "Nossa, a mamãe e o papai deles devem ter ficado triste, né?"

- Sim, sim, e não só a mamãe e o papai, os irmãos, os tios, as tias, os amiguinhos os vovôs e as vovós, os amiguinhos... Sabe, eu li num livro que pelo menos umas 6 pessoas ficam muito tristes, quando alguém não espera o ônibus e acaba indo de taxi...

5. "E ti Jão, como faz para saber quem quer pegar o taxi, e morrer?

- Então, as pessoas que querem ir de taxi, normalmente falam isso, sabe, elas falam que estão tristes, que não aguentam mais, que só queriam morrer, que não tem mais jeito para elas.

6. "Uai, então é fácil não deixar elas pegar o taxi, é só quando elas falarem isso a gente correr e ajudar elas, não é?

- É isso mesmo, mas olha só, não é tão fácil assim, fazer alguém desistir de pegar o taxi, é algo um pouquinho demorado, mas na falta de uma pessoa que

saiba realmente o que fazer, tipo alguém que seja formado para cuidar da saúde, e principalmente da mente/cabeça das pessoas, sua ajuda é fundamental.

7. "Então tá, ti Jão, pode ficar tranquilo, eu não vou deixar nenhum dos meus amiguinhos pegarem um taxi, principalmente, para a mamãe e o papai deles não ficarem tristes. E se um dia o seu telefone tocar e você tiver ocupado e olhar e ver que é o número da minha mamãe ou papai te ligando, você promete atender?

- Mas porque seu papai e sua mamãe me ligariam?

8. Uai, agora que eu sei que é um pouco difícil ajudar alguém a não pegar o taxi, se algum dia eu precisar ajudar alguém, eu vou pedir para a mamãe ou o papai te ligarem, você sabe o que fazer né? Promete que vai atender?

- Prometo...

E sabem, acredito que ou eles estão fazendo um bom trabalho, ou que eles ainda estão em um meio onde os danos sociais originados pelo suicídio são minimizados, afinal, até hoje não recebi o telefonema... E cá entre nós, ficarei extremamente agradecido caso não venha vivenciar essa experiência.

Dança das Estrelas

Tauã Lima Verdan Rangel

Mimoso do Sul/ES

Após um dia ensolarado, com o sabor da brisa outonal
Os últimos raios do sol se dissipam, um cenário surreal
Pontos brilhantes vão se desnudando no firmamento
Em um bailado frenético, uma dança, um grande alento

No início, pequenos pontos esparsos no manto noturno
Cintilam sem medo, em um lume frenético e oportuno
Contrastando com o tom violáceo sem fim do caminho
Em um frenesi, uma sinfonia de luzes em desalinho

Brilham estrelas cadentes, opacas e outras eternais
Amontoados estelares povoam as mentes intelectuais
Num giro complexo, fisicamente medido e pensado
Ou, ainda, num conjunto lírico poético e versado

Fazendo morada nos sonhos apaixonados dos amantes
Uma visão celeste intensa, insana, muito inebriante
Entre as estrelas bailarinas, refletido o querer intenso
Lançado pelos corações apaixonados e propensos

Suspiros entoados por amantes sob o giro rodopiante
De inúmeras estrelas sem fim, com um lume brilhante
Em uma dança sem limites, simplesmente libertadas
Como sopros suspirados pelo universo em lufadas

Das Wolf

Goldfield
Casa Branca/SP

Adolf – do germânico Adalwolf: ***"lobo nobre".***

Ele mordeu os lábios, abrindo a pequena bolsa de couro e depositando a munição sobre a palma aberta, as balas pesando devido à prata. A orquestra tocando a "Cavalgada das Valquírias" seguia dominando o ar, a agulha da vitrola ainda arranhando o disco colocado pelo falecido Krüeguer para agradar o *Führer*, sabendo como ele apreciava Wagner...

O mesmo Krüeguer do qual restava agora apenas um braço à vista, decepado na altura do cotovelo, o osso branco brilhando sob a lâmpada da sala enquanto se projetava da carne partida. As insígnias da SS na manga mostravam como a alta posição do morto não valera nada contra a calamidade que sofrera; e o sangue escorrendo do membro despertava seus instintos mais ferais...

Fechou os olhos e focou sua audição. A besta ainda estava ali dentro, farejando, tentando encontrá-lo. O fato de ter no peito um coração sem bater atrasava sua detecção pelo inimigo. E sabia que aquela oportunidade seria a última para liquidá-la.

Abriu os olhos. Percorreu os móveis virados, o estofamento rasgado e os cacos da janela quebrada a alguns passos de distância. O quepe de algum oficial jazia numa poça de sangue ao alcance de sua mão. Não era de Krüeguer – o aroma do sangue era outro. O local havia na verdade se tornado tal confusão de corpos despedaçados que um necromante levaria dias tentando montar cada cadáver corretamente.

A melodia de Wagner encontrava o auge no gramofone. Sabia que a música atiçava ainda mais o monstro.

Terminou de carregar a Luger e se levantou, desencostando-se da pilastra portando três profundas marcas de garras rompendo o papel de parede.

Os grunhidos da fera estavam mais próximos.

Contornou a coluna, o caminhar cauteloso evitando os cacos pelo chão. Conter a respiração não era algo difícil a alguém que a fazia de forma tão lenta, a ausência de calor em seu corpo também contribuindo para se camuflar ao ambiente. Além do mais, a besta estava lidando com um russo, diferente dos "arianos puros" agora desmembrados por toda a sala. Diziam serem frios por natureza, até mesmo aqueles que não eram mortos-vivos. Ouvira falar até em experimentos dos nazistas, realizados com os prisioneiros da guerra, tentando comprovar a avantajada resistência natural dos eslavos ao inverno...

Dentro em breve, o maldito lobo estaria tão frio quanto seus inimigos no leste.

O centro da sala de estar revirada desenhou-se diante de seus sentidos. Havia um corpo decapitado jogado sobre um sofá, o intestino pendendo da pança

feito uma cria de cobras vermelhas desenrolando-se para fora do ninho. A julgar pelo uniforme, devia ser Otto, o gentil dono da casa que lhes oferecera vinho pouco antes da transformação do principal convidado. Uma taça quebrada podia ser vista aos pés do móvel, tornando impossível distinguir a bebida do sangue...

Não que no caso dele fizesse alguma diferença.

Teve de conter novamente seus impulsos, ignorando o forte ar de fluído vital dominando toda a residência. Por pouco não tropeçou num abajur derrubado, felizmente recuperando a discrição ao se abaixar atrás de outro sofá. Agora conseguia ouvir os passos do canino, a coisa tendo inteligência o bastante para também ocultar sua presença. Não queria reconhecer tê-la subestimado...

O *Führer* não era o mais brilhante dos homens – ao menos era o que a propaganda pátria martelara insistentemente em sua cabeça. Sabia guardar bem seu segredo, no entanto; ou o NKVD não teria passado anos tentando descobrir a verdade sobre os anos de guerra do líder nazista. A respeito de como ocultara a real natureza de seu ferimento enquanto servia no Somme em 1916, arranhado na perna por um soldado francês em inexplicável ataque de raiva que, segundo palavras do próprio *Führer* aos confidentes mais íntimos, "resistiu ao fogo de toda uma trincheira". Um francês que, tendo sua árvore genealógica pesquisada, revelou-se sétimo filho de um sétimo filho – ironicamente liquidado pelos mesmos germânicos na Guerra Franco-Prussiana...

Parecia vingança, auxiliada pelas forças além da compreensão humana que regiam o mundo. E eram essas mesmas forças que haviam trazido aquele russo até o *Führer*. Um filho de camponeses ucranianos cujos pais sucumbiram à fome e que havia sido convertido numa criatura da noite para sobreviver. O vampiro recrutado pelo grande Stalin, em outra pungente ironia, para integrar a divisão de místicos e seres sobrenaturais do NKVD, em arriscadas missões atrás das linhas inimigas...

O guerreiro das trevas que, naquele momento, não só eliminaria o grande inimigo da União Soviética, mas daria novo passo na eterna guerra entre vampiros e lobisomens – cujas consequências, nos anos porvir, ele não conseguia sequer imaginar...

Mas estava totalmente disposto a selar seu destino.

Ergueu-se de trás do sofá, Luger apontada. Do outro lado da sala, a figura peluda e curvada remetia ao próprio demônio encarnado em forma canina; a besta meio homem, meio lobo voltando para ele seus olhos vermelhos, dentes afiados e focinho cujo formato ainda remetia assustadoramente a um nariz humano. Trapos de uniforme cáqui ainda revestiam parte de seu corpo, uma suástica pendendo frágil de um de seus braços terminando em garras mortais.

Urrando, o lobo soltou grosso fio de saliva e saltou na direção dele.

A Luger rugiu feito um leão, fera colocando-se em desafio contra a atacante. Dois, três tiros. Enquanto uma bala passou rente à cabeça do monstro, errando-a por centímetros, as outras se cravaram em sua carne escura, liberando jorros de sangue.

Embora a atrasando, a besta não parou.

O vampiro saltou para trás, as garras do oponente varando o ar onde há pouco estivera, rasgando os restos de uma cortina ao invés de sua pele gélida.

Tornou a pressionar o gatilho da Luger, porém não esperava que um golpe às cegas do lobo, com um dos braços, atirasse a pistola para longe de sua mão.

Sua mente, seus instintos e toda a Inteligência soviética realmente o haviam subestimado.

Deixou que a fúria fluísse por seu corpo. Os olhos brilharam em rubro tão intenso quanto as íris do lobo; a boca se abriu com os caninos afiados sedentos por sangue. Abaixou-se para escapar de outro bote do adversário, atacando-o enquanto passava sobre si, os punhos golpeando-o no peito. O lobo ganiu, estimulando-o a prosseguir com o ataque. Enquanto a fera colidia de costas com uma poltrona, virando-a, o vampiro acelerou até ele com uma mão prestes a atravessá-lo...

Quando sentiu o braço em torno de seu pescoço, *travando-o* – a força do membro contrastando com sua suavidade. Era um braço de mulher, sua visão permitindo-o identificar as unhas pintadas de vermelho e a pele muito branca, pelos levemente eriçados devido à adrenalina. Sentia o sangue excitado pela ação percorrer todo o corpo da jovem, pulsando intenso e apetitoso, as artérias transbordando de ímpeto. A sede voltou a acometê-lo, agora com uma ponta de luxúria – mas não conseguia se desvincular do abraço, tampouco voltar a cabeça para vislumbrar a agressora.

Os acordes regidos por Wagner anunciavam a chegada de uma própria Valquíria para socorrer o *Führer*, este se levantando devagar e ofegando, visivelmente combalido pelos ferimentos a prata, que agora lhe pesavam.

O cheiro do sangue agitado da mulher deu lugar, momentaneamente, a seu perfume – fragrância fina e cortante, que queimava os pulmões do vampiro. Alho, convertido em sutil colônia com a qual banhara todo o corpo. Eficaz proteção contra qualquer um como ele.

Tratava-se de Eva Braun, como reconheceu tardiamente o agente do NKVD. Enigmática amante do *Führer* que não fora convidada para a recepção daquela noite, estrategicamente planejada para afastá-lo de sua guarda pessoal – embora a transformação não houvesse sido premeditada. Ele possuía outra carta na manga, afinal de contas... Uma improvável guardiã também ignorada pelos soviéticos.

Enquanto o braço direito da mulher mantinha o aperto sobre o russo, o esquerdo subitamente adentrou também seu campo de visão... erguendo pontuda estaca. Soltando seu último suspiro, o vampiro aguardou algumas palavras, no mínimo uma declaração. Ela veio em sua própria língua, embora carregada de sotaque:

– Vocês nunca o derrubarão... *Nunca*.

Ouviu um último ganido do lobo enquanto a madeira era cravada em seu peito. A dor lacerante de seu coração se convertendo em cinzas fê-lo quase berrar, porém ainda manteve a dignidade – desfalecendo em meio aos braços de Eva enquanto todo seu corpo se desintegrava. O último vislumbre, antes de deixar o mundo humano, foi a suástica ainda pendente no braço do lobisomem. Triunfante, hipnotizadora.

https://www.wattpad.com/user/Goldfield

Débil

Kárita Helen da Silva
Vitória/ES

Acuda meu grito que emerge
em meio ao silêncio
e sem nada dizer,
um olhar apenas,
se revela em confissão
ardente e serena

Minha face congelada
pela rigidez do seu olhar
revela a insensatez
deste sentimento alentar.

Não cabe a mim
o verso frio
Não cabe a mim
a rima nobre
cabe a mim
o soneto triste
de estrofe
e estância pobres

Não acalente esta alma estéril
É inútil tentar decifrar
o que se passa em mente débil

Demônios que a garoa não leva

Gabriel Loffi
Baependi/MG

A vi pela primeira vez pela televisão. Estava ali, perto do mato e do barulho do riacho e você apareceu num daqueles programas de domingo. Nunca mais consegui te esquecer. Naquela época, namorava com Mariana, Mariana de Cambuquira. É engraçado porque Cambuquira era seu sobrenome e também de onde vinha. Tinha olhos cor de âmbar e a pele morena queimada do sol do interior. Seus cabelos eram encaracolados e castanhos, com as pontas amareladas. Era de poucas palavras e gostávamos de estarmos à sós, olhando as vacas do Seu João Ribeiro e imaginando o sonho por detrás das montanhas. Seu beijo era de água doce do riacho. Seu cheiro era a mescla do doce da acerola e do frescor do limão, das árvores no quintal de casa. Pela tarde gostávamos de passear pelas ruas de pedra e sentar no passeio da pensão da Dona Terezinha e tomar sorvete no coreto e ir à missa aos domingos. Teu silêncio era o "eu te amo" mais alto que já ouvi, quando olhava para as estrelas enfeitando o universo do seu olhar. Tudo era assim, tranquilo e feliz. Mas então apareceu ela, a Srta. Sampaoli, Antonella Sampaoli, e parti para encontrá-la sem o beijo de despedida de toda tarde que Mariana me dava antes de entrar para ajudar a mexer o doce de goiaba ou descascar espigas de milho.

Sampaoli era totalmente diferente de tudo que eu tinha visto até então. Ela parecia saber de tudo e eu me senti meio bobo quando fiquei frente a frente pela primeira vez. Era bem maior e elétrica do que tinha imaginado. Gostei quando ouvi ela falar, falar e falar sobre tudo que acontecia ali. Tinha a pele branca, o olhar nublado e a boca vermelha com um cigarro de filtro amarelo, sempre insinuando que ia cair ao concreto a qualquer momento. A primeira vez que toquei sua boca, o gosto do fumo era diferente do cigarro de palha do qual eu já havia sentido, a língua corria muito mais depressa do que no interior, tal como suas pernas que por vezes desencarrilhava do ritmo naquele samba do Adoniran, que tanto ouvimos no vinil de um boteco na Paulista. Sampaoli nunca dorme. Eu não consigo acompanhá-la e acabo cochilando em algum ponto de ônibus. Quando acordo ela já está me puxando para alguma padoca e me apresenta depois suas amigas, a Angélica, a Augusta, a Consolação… De vez em quando insiste em me levar pra ver a Bella Vista e comer uma lasagna na cantina dos seus pais. Em dias de jogo, eles sempre perguntam como eu vestia preto e branco ao

invés de torcer pro alviverde, enquanto empurravam “só mais um cannoli, perfavore”. Outras vezes gosto de olhar para os seus olhos verdes-ibirapuera, de olhar pelo espelho suas curvas e esquinas de poesia concreta, do salgado que molha sua boca da garoa de sua solidão. Ás vezes fica estressada como um fim de tarde de sexta no sinal fechado da Marginal, gosto de vê-la assim, ao longe como quando está olhando com atenção o passo de tantos que circulam pela Pinacoteca. Foi ela quem me apresentou a Folha, o Pacaembu, a casa do Caetano, os bares mais escondidos da Vila Madalena, os desencontros da Sé sob à Luz da estação. Alguma coisa acontece no meu coração, sempre quando te vejo Sampaoli. No subterrâneo apertado da linha 3 do metrô e te vendo do terraço de algum prédio entre os livros e os discos de um sebo qualquer, te amo! Mas, me perdoe, por em momentos de alucinação, ver passar pelos meus olhos como que despercebida a lembrança da saudade, saudade de Mariana de Cambuquira. Mais que isso, da Cambuquira de Mariana. E das águas de Caxambu, das praças de Baependi, dos parques de São Lourenço e da estrada escoltada por pés de café que me leva a Machado. Saudades é demais, das minas de Minas e das montanhas Gerais.

https://exercitodeumhomemsoblog.blogspot.com

Depressão

Verena Vida

Salvador/BA

Dor profunda na alma
Tristeza que não se acaba
Assim é a depressão

Choro, angústia e solidão
Assim está um coração
Afligido pela depressão

Pensamentos vêm e vão
Viver ou morrer? Eis a questão
De quem vive com depressão

Epidemia? Mal do século?
Qual a cura para depressão?
Nem remédios e nem fórmula
É preciso fé, amor e esperança

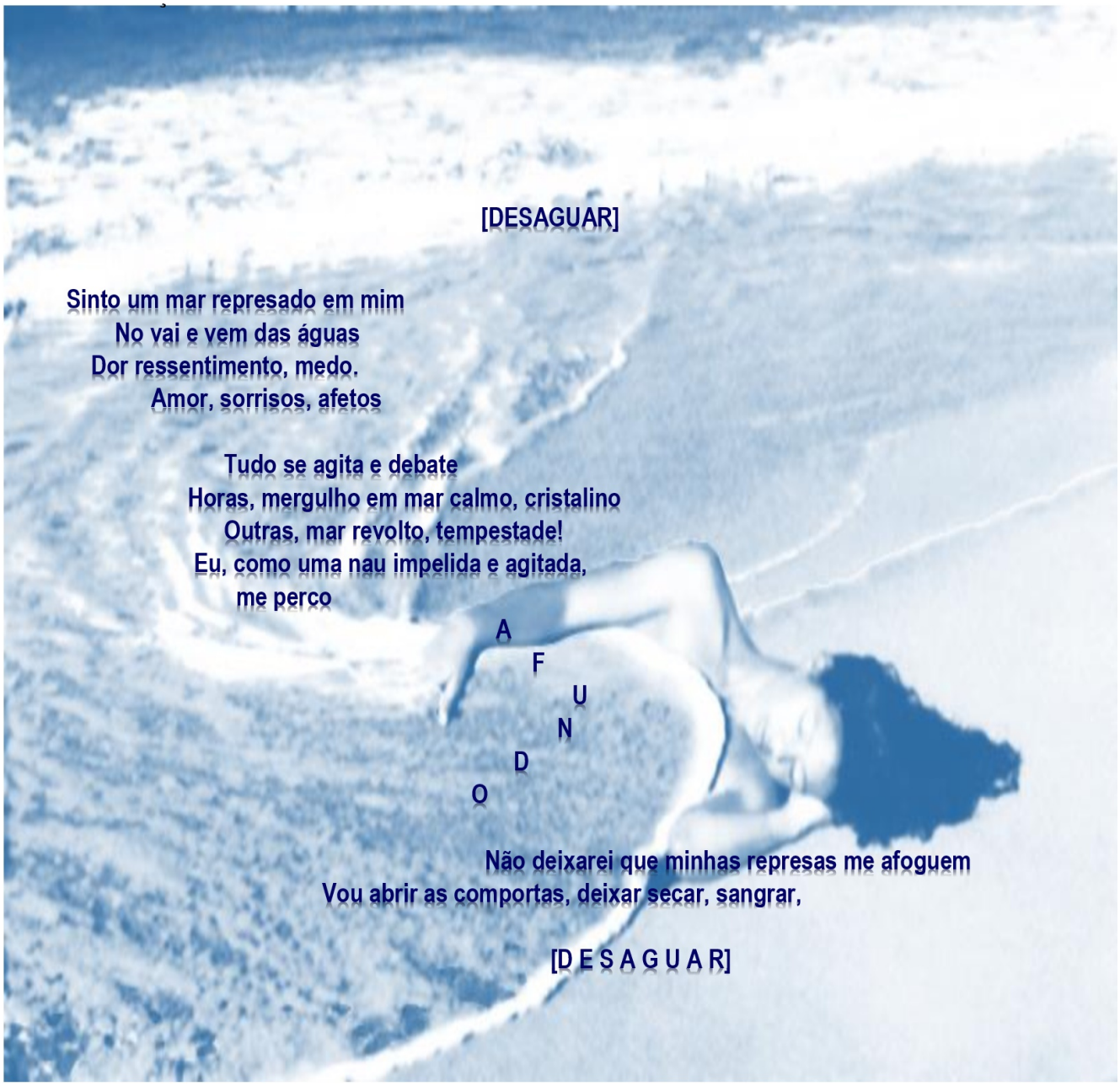
Nem falta do que fazer e nem demônio
Mas dor incessante que não se acalma
Depressão é doença da alma

Instagram: @verenavida

Desaguar

Mary Almeida

Conceição do Coité/BA



[DESAGUAR]

Sinto um mar represado em mim
No vai e vem das águas
Dor ressentimento, medo.
Amor, sorrisos, afetos

Tudo se agita e debate
Horas, mergulho em mar calmo, cristalino
Outras, mar revolto, tempestade!
Eu, como uma nau impelida e agitada,
me perco

A
F
U
N
D
O

Não deixarei que minhas represas me afoguem
Vou abrir as comportas, deixar secar, sangrar,

[D E S A G U A R]

Desenredos

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

Descobri que:

As pessoas mais bonitas são feias.

Os instantes mais preciosos são curtos.

As histórias mais incríveis não existem.

As coisas mais importantes não servem para nada.

As demoras nos fazem recomeçar.

O tempo desvira nossas certezas.

Todas as coisas doces começam no mar.

As belezas não são eternas.

O riso é uma flor do prado.

O olhar germina primaveras.

As palavras criam mundos menos profundos do que este.

A gente só se encontra quando se perde pelo caminho.

Despedida

Íris Cavalcante

Fortaleza/CE

Divórcio era o único assunto de que Lisa e Mário tratavam nos últimos dias, entre emoções contidas ou extravasadas, papéis, assinaturas, avaliação de bens, reunião com advogados e visitas cartoriais.

Eram seis da manhã. Lisa dormira mal e o rosto não trazia o costumeiro viço. Precisavam falar tranquilamente sobre detalhes jurídicos, mas ela não queria discutir sobre isso num ambiente formal ou tumultuado demais, muito menos na presença dos filhos. Veio de Mário a proposta de encontrá-la à beira mar. E havia urgência.

Já moravam em casas separadas. Mário arrumava-se na impessoalidade de um flat. Lisa continuava morando no mesmo apartamento do Meireles, que dividiram por mais de vinte anos. Lá criaram os filhos e viveram o que há de melhor e pior no casamento. Foram felizes e infelizes, mas infelizes não precisavam ser para sempre — pensava Lisa.

Ela inspirava todo o ar possível aos pulmões, mas nada aliviava a aflição. Lisa tomou o café sem muito ânimo e desceu até a praia em passos tímidos, observando a assimetria entre as casas antigas que sobreviviam em meio aos prédios modernos. Lembrou-se de quantas vezes fizeram esse percurso juntos, tratando de contas a pagar e pequenas implicâncias comuns entre casais.

Mário a esperava na Ponte dos Ingleses, um lugar bucólico de onde costumavam contemplar o crepúsculo, em tempos de felicidade. Era um dos prazeres do casal, antes ou após uma caminhada, fosse manhã ou fosse tarde. Num golpe de sorte, também poderiam deslumbrar-se com a dança de imprevistos golfinhos sob a ponte, em estado de abandono, mas a avaria e as pichações nas armações de madeira não inibiam a beleza do cenário.

Ele usava um suéter azul sobre a camiseta, prevenindo-se do incomum frio que fazia naquela cidade tropical e demonstrava certa casmurrice na expressão.

Era primeiro de janeiro e tanto o mar quanto as pessoas achavam-se de ressaca naquela manhã. Não havia babás com suas crianças, nem surfistas, banhistas ou caminhantes, apenas uma senhora que levara sua Lulu da Pomerânia para passear, mas já arrependida pelo mau tempo.

Lisa cumprimentou-o, quase formalmente, e lhe sobreveio um encadeamento de angústias pela união que cumpria seu ciclo e atingia o declínio. Não se protegera do frio, que a fazia tremer-se toda. Mário ofereceu o suéter que combinava com as íris de Lisa; após uma conversa tensa, pediu-lhe um abraço e fez-lhe tardias juras de amor. Ele acendeu um cigarro – sempre recorria a um em situações delicadas. Fumava desde os treze, mesmo tempo em que começou a beber.

Ela temia pelas consequências do fim do casamento, essa instituição tão hermética, cuja ruptura causa tantos danos emocionais e deixa sempre uma dúvida, em algum recipiente da mente. Afinal como viveria sem o homem com quem partilhou mais de vinte anos da sua vida? Fora educada para pensar dessa maneira e receava pela ausência da figura masculina... De jovem passou a senhora sem se dar conta da travessia do tempo e das transformações que sofrera, ao longo da vida.

Mário se aproveitava da insegurança de Lisa para tentar reverter sua decisão, uma espécie de chantagem que ela refutava, sustentada nos ressentimentos que acumulava há anos. Na verdade, Lisa precisava renascer a partir de um determinado ponto e aquele era o momento adequado.

Era como uma queda de braços e ele, julgando-se o mais forte, não aceitava a decisão da mulher, tida como frágil durante toda a vida conjugal a que se submetera a um papel secundário. Ele queria dar a palavra final como uma afirmação de sua masculinidade e tentou, sob todos os argumentos, demovê-la da audácia quanto ao divórcio. Implorou, abraçou-a — ela se esquivou. Diante da inutilidade da súplica, Mário deu-se por rogado e disse: Tudo bem, meu amor, é isso mesmo que você quer? — insinuava-se uma ameaça em sua voz, que de tão familiar, Lisa nem estranhou.

Ela olhou o relógio, antecipando a despedida. Fitou o olhar de Mário, que não sabia se resignado ou sofrente; o homem que amara era uma incógnita.

— Feliz ano novo, meu amor! — ele disse, com um sarcasmo no sorriso.

Abraçou-a mais uma vez. De início, suavemente, depois imprimindo força, até deixá-la comprimida, em seus braços. Incomodada, ela tentou desvencilhar-se. Ia protestar, mas ele a calou com um súbito beijo. Parecia que a sequência de seus movimentos fora programada. Na primeira oportunidade, ela gritou: Você está louco? Trazia pânico implícito na voz e no corpo trêmulo. Não sabia se fizera uma pergunta ou uma acusação, mas ao sentir sua respiração de volta, teve a sensação de ressuscitar; apenas não imaginou quão rápido seria o próximo movimento de Mário.

Ele a empurrou, como quem empurra uma pluma ao vento. Lá embaixo havia apenas um mar de um intenso azul. O grito de Lisa rompeu com o silêncio daquela manhã, apenas cortado pela rebentação das águas contra o quebra-mar.

— Adeus, meu amor! Tudo podia ter sido tão diferente...

Mário acendeu outro cigarro e começou a fazer o caminho de volta, olhando-a pelas frestas de madeira da ponte. Ela debatia-se contra as águas e pedia-lhe o último socorro. Lisa não sabia nadar.

Era inacreditável a indiferença dele, até dar-se conta de que ela usava seu suéter azul.

https://www.facebook.com/iris.cavalcante.75

Devaneios

Elaine Mattos

Rio de Janeiro/RJ

Horas e horas olhando pela janela. Lá fora apenas uma árvore. Uma aroeira, com cachinhos de pimenta rosa, mas vermelhas.

Queria estar engarrafada em uma ponte qualquer. Podia ser a ponte da Baía de Sydney, por que não? O pensamento me leva para qualquer lugar longe daqui. Nunca estive na Austrália, parece que nunca saí desse quarto. Mas eu não estive aqui a minha vida toda, sei que não.

Nunca fiz planos para o futuro e agora percebo que não tenho mais tempo para planejar nada. Tudo passou muito rápido e o único plano agora é sentar diante da janela e pensar em pontes, parques e lojas.

Sempre adorei lojas. Quanto mais cheias e insuportavelmente barulhentas, melhor. Olhar as vitrines, admirar sapatos e roupas; era capaz de passar uma tarde inteira experimentando vestidos para bailes que jamais iria e rir baixinho, na cabine, com os modelos extravagantes que nunca combinavam com os sapatos nos meus pés.

Gostava de andar sozinha pela rua e dirigir pela cidade. Nunca gostei de estradas. Nada que levasse muito tempo para chegar a algum lugar – não importava qual, que não demorasse! Longas estradas remetem a longas viagens e longas viagens precisam de planos e eu nunca fiz plano algum. Sempre que passava diante de algum acidente na rua, e via um motociclista caído no chão, eu tinha o mesmo pensamento: no quarteirão anterior esse motociclista tinha planos para hoje, amanhã ou para o ano que vem. Planos não combinam com a vida. Ela muda rápido e nunca levam em consideração o que você planejou.

A árvore está balançando mais forte esta tarde. O tempo vai virar, certamente.

Gosto de olhar pela janela e ver a chuva caindo e lavando as folhas. Elas ficam verdinhas e parecem sorrir. Faz tempo que não vejo sorrisos, risos, rostos, gargalhadas.

Poderia estar em um parque em Orlando. Nunca estive em Orlando, mas sei que tem brinquedos incríveis e muita gente se divertindo. Fecho os olhos e consigo escutar a gritaria da montanha russa. Me deixo levar e entro no parque do Harry Potter, nunca estive no parque do Harry Potter, mas li todos os livros e vi todos os filmes e sei como é a loja de varinhas e o Beco Diagonal. Queria beber uma cerveja amanteigada e comer *feijão de pum*. Minha dieta não permitiria que eu comesse nada disso, eu sei, porém não estou aqui, estou em Orlando. Logo me perco e vou tomar um café em Paris. Nunca estive em Paris, mas quando era criança assistia a todos os filmes ambientados na "cidade luz". Tinham musicais belíssimos, cantos e sapateados, com a atriz Audrey Hepburn sempre linda, fazendo o papel da mocinha que se casa ao final.

Caem as primeiras gotas e a janela fica toda salpicada de água. A árvore fica embaçada, mas ainda é dia e eu ainda estou aqui, olhando pela janela.

Estou cansada. Muitos pensamentos cansam; os diversos idiomas se confundem aos barulhos dos lugares que visito e me deixam um pouco confusa. Acabou por hoje. Não vou mais a lugar nenhum. Está na hora dos remédios. Sei por que a enfermeira acaba de entrar no quarto e vai empurrar a minha cadeira para longe da janela. Ainda tinha um restinho de luz, mas sou colocada na cama. O remédio vai fazer efeito e vou adormecer muito rápido. Ele entra por uma agulha no meio das borrachinhas do soro que fica ligado a mim, noite e dia.

Não me alimento mais como antigamente. Penso que poderia ir até a Itália comer uma pizza antes de dormir. Nunca estive na Itália.

Disfarce

Luana Pena

Lavras/MG

Me cobriram de pele alva como neve
Me deram olhos inocentes como uma criança
Me fizeram uma menina amável como se espera.
Me disfarçaram para que você não percebesse
Os monstros que escondo debaixo da minha cama.
Achei que eu poderia me esconder deles também.
Mas com você já sabe, sonhamos juntos todas as noites.

https://entrelinhas11.blogspot.com/

Dois Microcontos Ecológicos

Edweine Loureiro

Saitama,Japão

SOCORRO

Durante um discurso para os ribeirinhos, no qual afirmava jamais ter contaminado com mercúrio os rios da floresta, o dono da mineradora, engasgando-se, recebeu logo um copo de água.

*

OBEDIENTE

— Este é o meu novo machado. Não é lindo? O cabo foi feito daquele cedro que, ontem, finalmente, consegui derrubar; limpando de vez a área, como o patrão queria... — orgulhava-se para um amigo o lenhador, doravante desempregado.

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

Dor de amor não se cura com tarja preta

Monaliza Cristina
Teresina/PI

Eu acordo todo dia às 6:25
Penteio meus cabelos ressecados
Rego minhas flores
Depois me seco de chorar.

No café da manhã troquei ovos
Por três comprimidos de tarja preta
Que engulo com um copo de vinho.
Depois me seco de chorar.

O psiquiatra me manda seguir em frente.
Impossível! Se o remédio que me passou
Não cura dor de amor.
Depois me seco de chorar.

Mas de noite quando chego em casa
Me embriago com mais uma taça
Porque teu amor me fez alcoólatra.
Depois me seco de chorar.

https://monalizacristina92.wixsite.com/queridasolitude/queridasolitud

Engano no Celular

Ricardo Moncorvo Tonet
Amparo/SP

Acabava de chegar ao meu trabalho, na matriz da empresa em Campinas, quando toca o celular.

— Alô, pergunto.

— Quem está falando, pergunta a voz do outro lado.

Uma voz masculina, aparentemente um jovem maduro entre os trinta, trinta e cinco anos.

— Com quem você gostaria de falar? Retruco do outro lado.

Nunca se sabe, nesse mundo maluco de hoje, se quem está me telefonando não é um sequestrador de dentro de alguma prisão brasileira!

— Eu queria falar com a Karina – acho que com "k" mesmo, me parece mais elegante e atraente – respondeu meu interlocutor.

— Não tem ninguém com esse nome aqui, respondi sem prestar atenção na resposta absurda, pois àquele celular era meu e eu não conheço nenhuma Karina (com "k").

Acho que ele se deu por satisfeito e acabou desligando.

Mas, quando já me direcionava para a sala de reunião, novamente toca o celular.

— Pronto! Atendo.

Do outro lado, um longo silêncio, até que de repente a mesma voz:

— Desculpe, foi engano!

Não passou mais do que um minuto e mais uma vez o celular. O coitado já não aquentava mais e esbravejou:

— Pô, estou tentando telefonar para minha mulher e cai sempre no seu celular.

Perguntei:

— Qual o número do celular da Karina, ou melhor, da sua esposa?

— Nove, sete, dois, um...., oito, ele respondeu.

Era o mesmo número do meu! E agora o que falar para esse infeliz.

— Você está ligando para o código de área certo?

Foi então que senti um certo alívio na voz que vinha do outro lado. Mais calmo ele falou:

— Estou em Campinas hoje, e aqui o código de área é dezenove e estou telefonando para minha esposa que tem um celular com código de área onze.

— Desculpe pelo incomodo, continuou.

— Não foi nada, isso acontece, respondi querendo terminar logo aquela conversa.

Antes, porém de desligar o jovem abriu seu coração:

— Obrigado, por sua ajuda, você acaba de evitar uma separação!

Cumpri minha boa ação do dia e aprendi que muitos enganos podem ocorrer com um celular.

https://ricardomoncorvotonet.blogspot.com

Entrelaçadas

Carlos Jorge Azevedo -
Santa Marinha do Zêzere- Baião-Portugal

Alegria e tristeza são irmãs
Nadas na estranha mente no crescente
Denotam sentimento pertinente
Descansam ao luar dos seus afãs.

Quando te vejo alegre então duvido
Que de facto tu sejas tão risonha
E que a tua alma linda e tão tristonha
Se expanda num sinal que não sentido.

Alegria e tristeza de mãos dadas
Faces da mesma moeda num vaivém
Vivem de qualquer sorte entrelaçadas.

Atrevo-me a dizer são quase iguais
Filhas de instável mãe num entretém
Quando uma chora a outra ri aos ais.

www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Era Todo Ouvidos (ou O Ouvidor Real)

Aldenor Pimentel

Boa Vista/RR

Depois de décadas de tirania, o imperador e rei estava finalmente morto. O anúncio, feito pelo porta-voz da Coroa, do púlpito do Palácio, foi recebido pela multidão com silenciosos vivas. Era o fim de uma era.

O imperador não deixara filhos. O trono estava vazio. Com apreensão, aguardava-se o nome do sucessor. Pelos corredores do Palácio, especulava-se, aos cochichos, quem seria o dito-cujo. Em seu testamento, Sua Majestade, sem explicitar os motivos, deixara o trono ao menos cotado da Corte: o ouvidor.

O novo imperador, ao falar, pela primeira vez, à multidão, prometeu novos tempos. O discurso foi ouvido com intensos aplausos e sonoros vivas. E como não ver o amanhecer com sorriso nos olhos, quando nosso futuro está nas mãos daquele que sempre nos ouviu, mesmo quando a ordem era endurecer?

Como ouvidor, do nascer ao pôr-do-sol, do primeiro ao último das filas que se formavam em volta do Palácio, por todos aqueles anos, ele recebia, um a um, em sua sala, e ouvia com atenção, as mais distintas queixas e lamúrias.

Um dia, um triste acontecido fez-me ir até o mais novo imperador. Como sempre, do fim da fila, não se viam as portas do Palácio. Terminada a longa espera, contei a Sua Majestade que um dos seus homens, ao coletar impostos, me levou além do devido. Dos cinco sacos de estopa cheios de frutos que eu colhera por aqueles tempos, deixou-me, não os quatro, como de costume, mas tão só um.

Como eu esperava, o imperador, demonstrando insatisfação com o que ouvira, mandou chamar o tal homem. Cobrou-lhe explicações e o repreendeu na minha presença. Por fim, ordenou-lhe que me devolvesse o que era meu por direito.

— Sim, Majestade — acatou o súdito, sem levantar a vista.

O homem foi lá dentro e, antes que voltasse com minha colheita, agradeci ao imperador o que fizera. O coletor de impostos devolveu-me meus quatro sacos de estopa, aparentemente vazios. Olhei dentro e não vi mais que dois ou três frutos em cada um deles. Desconcertado, sorri um sorriso amarelo e pensei: "Se fossem outros tempos, nem isso eu teria." Voltei para casa, com os sacos de estopa quase vazios sobre os ombros.

— Para começar, está bom. Vai melhorar — disse eu a mim mesmo, resignado.

Não tardou muito e aquele triste episódio me voltou a acontecer: o coletor de impostos levara-me novamente mais do que devia. Aliás, dos cinco sacos de estopa com frutos, agora ele me deixara a mísera metade de um dos sacos, e não um saco repleto de frutos, como outrora.

Tomado pela ira, repeti o ritual. Fui ao Palácio. Após enfrentar a interminável fila, relatei o ocorrido ao imperador, que esbravejou indignado contra o coletor de impostos, que, por sua vez, sem levantar a vista, me trouxe meus sacos de estopa vazios, ou quase.

Enquanto o homem fora pegar o imposto a mais que de mim coletara, pude ver, pela porta entreaberta, a sala de jantar do Palácio. A mesa estava posta. Deduzi que a ceia já esperava o imperador. Olhei com mais atenção e meus olhos encontraram, entre as iguarias à mesa, grande porção dos frutos que eu mesmo colhera e que me foram tomados indevidamente. Compreendi que o imperador não só sabia dos atos reprováveis do coletor de impostos, como era o principal beneficiário deles. Foi aí que não consegui mais conter minha ira.

— Majestade... — da minha boca escapulia o vocativo real.

— Pois não, súdito meu.

— Perdão, Senhor, mas preciso lhe dizer algo que me incomoda e o atinge diretamente.

— Sou todo ouvidos e assim será. Fale.

Como me fora concedido o direito à palavra, externei o que notara e as impressões acerca das injustiças que me eram infligidas, sob as barbas do imperador.

— Desde já, entristece-me, Majestade, pensar na possibilidade de que, aquele em quem depositamos nossas esperanças, tornou-se nosso algoz. Dói-me menos a barriga vazia que tomar ciência de que vossos banquetes sejam regados pela nossa fome; que vossa gula se alimente da nossa carência; que o que sobre em vossa mesa, nos falte; que, daquilo que Vossa Majestade esbanje, nos restem não mais que migalhas; que vosso deleite seja nossa dor.

Acreditava eu que, sendo o imperador homem tão justo, reconheceria as próprias falhas e repararia os malfeitos. De seu lado, Sua Majestade não desviou o olhar, tampouco me interrompeu uma única vez. Seu semblante conservava-se sereno o tempo todo. Após ouvir meu desabafo, chamou a guarda e voltou a me escutar: aos berros, eu clamava que cessassem em mim aquela horrenda tortura, em vão. Implorei que, ao menos, meus carrascos abreviassem minha dor e me matassem sem demora, mas eles não me deram ouvidos.

Não bastassem os socos e pontapés por todo o corpo, por fim, cortaram-me a língua. Minha boca já não articulava palavra alguma: agora, eu era, tão só, medo, sangue e dor. Como bom ouvinte que sempre fora, o imperador ouvia tudo de perto. Ouviu-me até o fim. Até meu fim, foi todo ouvidos.

https://www.facebook.com/artedealdenorpimentel

Eros, O Amor

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Força fundamental que move o grandioso mundo
Desprovido de vergonhas, és um ser angelical.
Arcos e flechas são armas de um amor profundo
Segue por um caminho suave, sinuoso e musical.

Tu és mesmo o filho da linda Afrodite ornamentada?
Nasceste tão jovem, no mesmo ciclo que a terra coroada.
Nasceste tão sereno, primordial ao ovo da noite estrelada.
Nasceste tão singelo, surgiu ao primitivo caos da embaixada.

Uma ferida viva, marcada a todos os viventes.
Até mesmo a Eros, ao seu próprio coração latente.
Homens e deuses, feridos em seus corações.
Um retrato da alma, uma Psiquê de paixões.

Com os olhos ardentes, reluzentes, mas cerrados.
Com amor cego, fechado, mas aos dois entrelaçados.
Uma Princesa mortal, que ao seu amado aguardou.
Um amor imortal, que para sempre Zeus criou.

Espectador

Luzitânia Silva
Presidente Tancredo Neves/BA

Acordei. O calor me tomava por completo. Tempo abafado, sensação estranha. O corpo doía por inteiro. Não sabia qual parte apresentava mais dor: se os braços, as pernas, a cabeça ou as costas. Só compreendia que o conjunto da obra estava um caco.

Tentei levantar. Minhas pernas não queriam responder aos comandos, parecendo haver uma queda de braço entre meu cérebro e elas. No fim das contas, não existiam vencedores.

Depois de um tempinho, não sei como, consegui ficar de pé, visualizar a cena e me assustar com o que vi. Quase tive um troço ali mesmo. Senti meu coração disparar e um frio percorrer por minhas entranhas, ao menos acredito ter sido desta forma o sentimento.

Havia uma multidão em minha casa. Nunca vi tanta gente assim no ambiente rústico e aconchegante do meu lar. Nunca! Pessoas comiam, bebiam, conversavam. Parecia uma festa. Mas de quem? Não fui convidado! Contavam piadas, riam... Alguém chorava num canto, acho que era Mariana. Sim! Era ela! Minha irmãzinha amada. Mas porque estava tão triste com aqueles lindos olhos tão avermelhados? Apertava o peito com as mãos e os cabelos volumosos ondulados estavam despenteados. Eu fui lentamente para o seu lado. Ignorei minha impossibilidade de locomoção. Falei com ela e fui ridicularmente ignorado. Por mais que eu gritasse, esperneasse, mostrasse-me compadecido, ela não me respondia. "Coisas de adolescentes"! - Pensei, deixando-a sozinha.

Noutro canto vi minha mãe. Havia uma estranheza em seu modo de agir. Movia-se preguiçosamente, olhava para algum lugar e se perdia no tempo. Minha tia se sentou ao lado, deu um copo com água a ela, acho que continha algum remédio. Minha mãe tentou repreendê-la, sem êxito. Pouco depois, dormia feito um anjinho.

A sala ainda estava animada. Gente ria e contava casos, mas o ambiente não era de festa. Sei lá. Tinha algo estranho pairando no ar. Olhei para fora através da janela. O clima de fato estranhava. Tempo nublado, quente, abafado. Era prenúncio de algo muito ruim. Tive medo e o coração disparou. As vozes alteraram, ouvi gritos e mais gritos. Minha irmã estava ainda mais em frangalhos. Meu coração doeu. Gritei pedindo explicação. Ninguém se interessou em me responder. Fiquei com raiva e gritei mais alto ainda. Não adiantou nadinha. Resolveram me ignorar. Ninguém mais ria, nem brincava, nem contava casos. Tudo era dor ou compaixão. Vi algo de madeira trabalhada, ao fundo. Senti um frio na espinha. Não podia acreditar! Só agora pude notar que se tratava de um velório. Talvez fosse de meu pai, haja vista não tê-lo visto até então. Não era um homem próximo, contudo uma lágrima quis escorrer do meu olho esquerdo. Contive-me, mesmo não estando nada bem.

Olhei mais uma vez para o caixão, de longe. Fui chegando mais perto. Meu pai se encontrava ao lado de um amigo. Então não foi ele! Estava vivinho da silva! Bateu saudade de meus irmãos, o Gustavo e a Amanda, meus sobrinhos, meus avós, meus familiares todos. Dormi tanto que nem havia me dado conta do falecimento de ninguém. Com certeza fui dopado!

Fui andando lentamente e amedrontado. Minha namorada não se encontrava ali. Senti saudades enormes dela. Havia muito amor em mim e eu a queria ao meu lado, naquele momento horripilante. Cheguei ao lado do caixão. Não notei nada nem ninguém. Meus olhos já estavam fechados há tempos. Fui os abrindo lentamente, com medo de descobrir a verdade. Passou um filme em minha cabeça. Vi meus familiares se reunindo nos Natais de nossas vidas, vi festas animadas, vi tanta coisa! Mas faltava alguém. Abri os olhos para ter certeza do que minha imaginação dizia. Não era possível! Era simplesmente inacreditável e estarrecedor.

Jazia no caixão aquele corpo magro, quase perfeito, aqueles olhos mateiros fechados, aquele semblante másculo e angelical ao mesmo tempo. Parecia dormindo, descansando lindamente. Parecia não saber de nada do que estava acontecendo. Alguém disse que foi um acidente e que o motorista e sua

namorada não sobreviveram. Em algum lugar, o corpo da mulher estava sendo velado. Foi trágico! Cruel!

Emocionei-me, chorei como nunca havia chorado. Gritei e o meu brado foi de dor. A surpresa foi maior que esperei. Nunca imaginei que aquilo aconteceria daquela forma. Levantaram o caixão. Carregavam em direção a algum lugar e eu fiquei ali, parado, sem saber o que fazer. ELE SE FOI! ELA SE FOI! Eles se foram e não poderiam fazer mais nada a respeito. Eu era espectador do meu próprio fim. Eu morri e não pude me despedir dos que amava, levando comigo a mulher de minha vida. Eu morri sem saber se adiantou de algum modo tudo aquilo que eu fiz ou deixei de fazer.

@meumundopoesiaeprosa

Espera

Aparecida Gianello dos Santos

Martinópolis/SP

Tudo tem seu tempo. Há um momento oportuno para cada coisa debaixo do céu: tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou... (Eclesiastes 3)

Não havia mais lugar no mundo que me preenchesse mais do que a velha pracinha nos meses de inverno. Eu e os ipês tínhamos uma coisa em comum, afinal. Talvez fosse esse o motivo de tanto entrosamento: a longa e silenciosa espera, em meio ao frio e secura do tempo – sonhávamos mesma primavera. Ali eu passava minhas manhãs. Complacente, o sol aquecia meu frágil corpo, enquanto a brisa, ligeiramente álgida, trazia-me as mais prazerosas lembranças. Poliana. Era este seu nome, mas chamava-lhe carinhosamente "Flor". E ficávamos assim, eu e meus velhos companheiros, sempre juntos, aninhando saudades. Nessa longa e silenciosa espera, também eu era ipê.

Era julho quando eles se conheceram naquela pracinha, rodeados de majestosos ipês, seus mais nobres expectadores. Apaixonados, casaram-se logo. Jovens que eram, não sabiam ainda sofrer longas esperas. E foram felizes, até que... Poliana partira. Para sempre, em consequência de um cancro. Por causa disso, ele nunca mais vira a primavera dos ipês, não do mesmo jeito. Tudo agora perdera a cor, o gosto, o sentido...

Eram tantas lembranças brotando em minha mente, que já não tinha mais espaço para pensar numa maneira de fugir ou provocar um embate. Não sabia mais que dia, nem que mês eram. Não sabia mais das horas, se era cedo, se era tarte. Tampouco sabia o que fazia trancado naquele incômodo escuro e frio. Não sabia mais o que esperar... A cabeça doía, como se houvesse levado uma pancada ou algo assim, não que me lembrasse o acontecido. Eu, aliás, só tinha esta certeza: estava agora completamente sozinho. Meus companheiros

caducifólios não estavam mais comigo. Se estavam, eu não mais os via, nem verdes nem calvos. A paisagem opaca dera lugar a um negrume inexaurível. A solidão e o vazio abrolhavam em minha alma.

Eu bem que avisei que uma hora ele não suportaria sofrer tamanha dor, vendo murchar sua amada... Mas não havia muito o que ser feito. Todos nos esforçamos muito para que se sentisse bem, para que ficasse bem, para que vencesse aquele terrível inverno... Mas ele não aguentou o frio congelante, o qual vive todo ser ao que parte sua metade. Fez o que fez. Cansado de esperar, como um velho ipê sofrendo ante a inflorescência, quis ele se antecipar indo logo para a última de suas primaveras. Eu o vi, quando se trancou em seu quarto... E ouvi, quando disparou a arma contra a própria cabeça.

A manhã levantava serena quando cheguei à pracinha naquele julho. Havia algo de novo no ar, eu sabia. Eu finalmente sabia. Respirei fundo sentindo um leve aroma, misto de brisa e flor. Fiquei tonto, o coração disparou e os olhos foram clareando... Tudo estava perfeito, pulcro. O canto doce dos pássaros, o chão forrado de roxo e aquela chuva de flores que não cessava. Fui ficando leve, virando folha. Suavemente, e sem mais pressa, flutuei ao seu encontro.

Vovô, vivera ainda por alguns anos, desde aquele trágico dia. Durante o tempo em que passamos juntos, embora apenas vegetasse, em consequência de seu irrefletido ato, todas as manhãs eu o levava à pracinha em frente, lugar que mais apreciava quando consciente. Todas as manhãs... Até aquela, quando findara sua espera.

Estranho na lista

Eduardo Carvalho
Rio de Janeiro/RJ

Em pé, num vagão de metrô, eu digitava no telefone a pequena lista de compras: *papel toalha, guardanapo, sabonete, papel higiênico, abacaxi, banana, kiwi, queijo minas, tapioca, ~~pai~~... pão*.

Isso mesmo. No último item, o aparelho se achou no direito de corrigir e tascou aquele *pai*. De bate-pronto, retrocedi duas vezes o cursor para insistir: *pão*.

Interessante o fato de o chip ter pensado que eu precisava comprar um pai. Há anos leio que a tecnologia será, cada vez mais, a extensão do corpo, da cabeça e até da alma da gente. Mas vai acertar em cheio assim no raio que a parta!

Faz muito tempo que busco um pai. Mesmo assim, até agora não havia me ocorrido tentar encontrá-lo num supermercado.

Estaria na seção de frutas, legumes e verduras? Com ou sem agrotóxico? Ou repousaria, gelado, na prateleira dos laticínios, entre iogurtes e requeijões?

Faria ele parte do setor onde fica o material de limpeza, disfarçado de detergente ou de sabão em pó? Ou será que, engarrafado, envelheceria ali no meio dos vinhos e eu ainda teria o trabalho de examinar características de teor alcoólico, acidez e amargor?

Um corredor depois do outro, eu seguia o recado do celular, aquele "fica a dica" me mandando providenciar um pai ali no mercado. Tive vontade de perguntar se ele me teria alguma serventia mesmo no caso de estar fora da validade. De que marca seria? Em que faixa de preço se encontraria inserido? Estaria em promoção?

Antes de chegar ao caixa, ainda considerei consultar na internet a moça da tevê que, quem sabe, diria: "Você pode substituir um pai por linhaça". Desisti.

Ando atrás de um pai há muitos e muitos anos. Desde quando ele decidiu se perder de mim.

Já o procurei nas bolas do futebol que eu nunca soube jogar bem, em acordes de violões que em vão tentei tocar, nas frestas entre os desamparos que vivem a me perseguir.

Tentei achá-lo nos silêncios que tive de escutar, em barulhos que eu quis calar, nos tantos becos e ruas e cidades e idiomas por onde andei, em brigas tidas ou evitadas, nas incontáveis madrugadas que varei, e até bem no fundo da saudade que nunca me sai do peito.

Pensei que seria possível descobri-lo na negação das minhas possibilidades e na afirmação das minhas incapacidades, na exaltação que sempre fiz dos meus muitos defeitos ou no encobrimento das poucas qualidades que eu possa ter.

Já quis dar de cara com ele, sei lá, em pleno pessimismo que me guia e até na veia da timidez que me protege. Na alegria e no desamor. Assim como em incontáveis bares que frequentei para ver se podia ser como ele – mas, sobretudo, diferente dele.

Também o busquei no que havia de sabedoria nos meus amigos mais jovens e na porção menos experiente dos meus amigos mais velhos. Noutros pais, conhecidos e desconhecidos de toda sorte. Em livros, discos, professores, atores, e até nos ídolos que não tenho mais.

No meu avô. Na minha mãe. No meu irmão. Na minha avó. Na minha filha. Em Deus.

Encontrei não.

Pode ser que um dia eu precise procurá-lo no onde-quando mais quero esquecer que ele existe: no pai que tenho sido – ou tentado ser. E pode ser que me surpreenda com a sua presença justo nessa prateleira, em algum corredor da minha alma. Sem preço, marca ou validade. Apenas alojado nesse lugar de mim em que luto com mais ardor para ser tudo o que ele não foi, não é.

Estudar é preciso!

Reginalda Silva
Solonópole/CE

Estudar é preciso
Para se ter bom futuro
E viver bem no presente
Pra não se perder o rumo
Que te faz ser consciente
Para saber o que quer
E para ser competente.

Estudar é preciso
Pra não perder o sentido
E a vida bem entender
Pra lutar contra os abusos
Que possa vir a sofrer
Para saber sobre as leis
E enganado não venha a ser.

Estudar é preciso
Para entender o mundo
Na internet ou televisão
Para não ficar perdido
E pisar em qualquer chão
Jamais ser enrolado
Por algum sabichão.

Estudar é preciso
Pra tirar o pé da lama
E o caminho longe ir
Para conhecer culturas
Seja longe ou bem aqui
Pra conhecer o universo
Sem do seu lugar sair.

Estudar é preciso
Com estudo se conquista
Nem por acaso ou um triz
Todos podem aprender
Do agricultor ao juiz
Que o maior diploma da vida
É ser realmente feliz.

Eu, aquele estranho

Lucas Luiz
Guararema/SP

Lá vai o primogênito do Chico
e da Maria, ó ali,
emitindo sons estranhos,
sonhando ser pássaro.

Vive para dentro,
sem qualquer critério lógico
naqueles olhos preguiçosos
de ambição.

Sabe apenas se apequenar
mais e mais – parecendo satisfeito
apenas com a luz refletindo
sua casinha de barro.

poeminhoscult.wordpress.com/

facebook.com/poeminhoscult/

Existe coisa mais gostosa?

Milton Xavier

Fortaleza/CE

Imaginem a cena:

Sentado, aguardando o dentista e lendo um livro. O livro que publiquei e chegou recentemente. Na verdade apenas folheava e lia trechos aleatórios.

Com o rabo de olho noto uma pessoa ao lado tentando enxergar a capa. Sutilmente coço a cabeça e mostro um pouco da capa. Não escancarei, é claro, afinal não era para tanto.

Voltei à leitura. Na verdade eu nem lia mais, meus olhos quase saltando para o lado tentando ver a reação da pessoa. Será que conseguiu ver?

Não aguentei, disfarçadamente dei uma coçadinha no joelho e mostrei descaradamente a capa do livro. Voltei à leitura, agora um pouco mais inclinado facilitando a visão por parte de minha provável compradora torcendo para que o dentista não a chamasse nem a mim. Bom, se me chamasse diria delicadamente à recepcionista:

— Fala pra ele que eu não tô!

Resumindo, pois acho que já estou cansando os prováveis leitores deste pequeno texto, a moça, na casa dos vinte anos, perguntou:

— É bom o livro?

Busquei lá no fundo da minha alma a cautela necessária para responder, revirei todo o meu cérebro à procura das palavras corretas e sensatas para um momento único como aquele, juntei o que me restava de paciência e com toda a modéstia respondi:

— Bonitinho.

Ah, caramba (pra não usar outra palavra). Minha pressão deve ter chegado a mil. Dei um sorriso amarelo, mas, por dentro, arrancava os cabelos, dava dentadas no braço, cabeçadas na parede e...

— Posso ver? — disse ela com brandura.

Entreguei o livro como quem entrega seu filho recém-nascido à enfermeira.

Acho que ela notou. Olhou a capa detidamente, virou o livro e leu a sinopse. Voltou à capa e ao abrir o livro olhou a foto. Olhou pra mim. Olhou para o livro de novo.

— É você! Tá brincando comigo, né! É bom mesmo?

— Se não gostar te devolvo o dinheiro!

https://www.facebook.com\osmestresuniversais

Febre Amarela

Gustavo Barbosa Rossato

Jundiaí/SP

Os dois entram no bar. Eram amigos desde o colégio. Na época eram considerados os dois esquisitos. Agora beirando aos quarenta, um é o eterno solteirão e o outro casado com a primeira namorada. O casado vive socorrendo a esposa com problemas emocionais e o solteiro pode ser diagnosticado com depressão profunda, mas ele não sabe disso. O solteiro começa a elaborar sua tese:

— Quando cê ouve *Strawberry Fields Forver* no fone de ouvido John Lennon fala "I Berried Paul". O Paul que tocou no Allianz Park é o substituto do original que morreu num acidente de carro. Tem muitas evidências de que mostram isso. No Sgt. Peppers eles introduzem Billy Shears. Na verdade, os outros três estavam apresentando o substituto.

O casado não diz nada. Dá um gole na cerveja e escuta com muito interesse. No colegial poderia ter um arquivo do quanto já pesquisou das mais diversas teorias da conspiração. Hoje em dia, ouvir o amigo falando desses mistérios insolúveis era o alívio da semana.

— Não vou tomar a vacina pra Febre Amarela. Eles fazem isso pra controlar a população. Você vai ver a quantidade de pessoas estéreis nos próximos anos. Tá tudo mundo envolvido desde a mídia até a maçonaria.

O casado continua calado. Come um pedaço tímido de batata frita com cheddar e bacon. Depois olha para o relógio que não adiantou desde o início do horário de verão.

— Ce viu aquele documentário do Chico Xavier? Data Limite? Está previsto para julho de 2019 que a humanidade vai passar por mudanças drásticas, exatamente cinquenta anos depois do homem ter pisado na Lua.

— Mas o homem não pisou na Lua – o casado interrompe deixando-o estarrecido.

— Se o homem não pisou na Lua então essa história do Chico Xavier, o maior médium de todos os tempos é uma mentira?

— É sim. Pura mentira. — O casado fala com uma voz bêbada e amargurada.

— Então não vai acontecer nada em 2019? Nenhuma mudança drástica?

— É sempre a mesma coisa. O que aconteceu em 20/12/2012 às 20h12min? Nada!

— Então o mundo nunca vai acabar? A gente vai continuar assim?

Os dois dividem a conta. Na despedida dão um abraço rápido. O casado vê a mensagem de desespero da mulher e entra no carro com a sensação de que foi a última vez que conversou com o único amigo que teve na vida. Idealiza um carro ir de encontro no cruzamento e o amigo morre igual ao verdadeiro Paul McCartney nos anos sessenta. O sósia entra nos Beatles a contragosto de John Lennon. O substituto fica tão poderoso que no ano de 1980 contrata Mark Chapman para matá-lo e enterrar toda a verdade. Agora tudo faz sentido. Sentado em seu carro sem conseguir colocar a chave no contato as peças do quebra-cabeças estão todas encaixadas.

Ele, sujeito tão reprimido, chora que nem bebê. Chora muito parado naquela rua mal iluminada. Queria agradecer ao amigo pela conversa mais esclarecedora que tivera nesses muitos anos perdidos. Queria sair do carro e gritar para ele não morrer por que precisava estar vivo até julho de 2019 e ver um novo mundo surgir com os escolhidos. Estariam caminhando por entre leões e árvores frondosas igual à sociedade brega e perfeita nas imagens da revista Despertai.

Mas ele está paralisado. O que impede de sair do carro é a obrigação de acordar cedo para tomar a vacina contra a febre amarela. Ele tinha dado seu nome, portanto não poderia decepcionar ninguém. Acima de tudo era um homem controlado pelo sistema.

Feito cães e gatos

Aldenor Pimentel
Boa Vista/RR

Desde que o mundo é mundo, cães são cães e gatos são gatos. E cães caçam gatos e gatos fogem de cães. Mas uma verdade que muitos enterram na areia é que existem gatos, e não são poucos, que querem ser cachorros. E de tudo fariam para sê-lo.

Acontece que cães não são de aceitar gatos no clube. Mesmo assim, um grupo de felinos resolveu enfrentar as feras e não saiu em fuga com o rabo entre as pernas diante do primeiro não ou mesmo da primeira rosnada.

Ao mostrar terem garra e serem bichos de raça, os tais gatos ganharam o direito de sonhar com a possibilidade de entrarem para a matilha. Não da noite pro dia; e nem de qualquer jeito. Eles seriam submetidos a provas.

Acordo feito, começaram os primeiros desafios: em poucos dias, os gatos deixaram de miar, se lamber e se esfregar nos humanos; aprenderam a latir, rosnar e atacar em bando. Mas entrar para a gangue não seria tão fácil. Eles teriam que fazer bem mais que mostrar os caninos afiados.

A cada dia, vinham testes mais e mais difíceis e perigosos. Um a um eram superados; e a vitória, festejada aos uivos. A última comemoração foi breve, logo interrompida pelo aviso de que aquela não era a prova final. A prova de fogo

estava por vir e foi solenemente anunciada: para serem definitivamente aceitos no bando, eles deveriam fazer mais que imitar cães: tinham que agir e pensar como cães. O grande teste a eles imposto foi o de se voltar contra os próprios pares e, feito cães, caçar, ferir e matar outros gatos.

O susto com a notícia foi grande. Não foi fácil renegar a própria raça, mas eles já tinham ido muito longe pra desistir de tudo. Já que chegaram até ali, resolveram seguir em frente.

No começo, doeu um pouco neles, mas doeu muito mais na carne de suas vítimas: pobres gatos e gatas caçados, feridos e mortos. Os bravos gatos estavam definitivamente aprovados. Entraram para a matilha.

O tempo passou e os gatos-cães se multiplicaram e se tornaram maioria no bando. Aliás, passaram a dar as ordens. Já nem pareciam gatos. No comando, viram os cães se extinguirem. Para a alegria dos felinos, pensavam alguns, cansados de caçadas, ferimentos e mortes.

Mas não foi bem isso que aconteceu. Com o fim dos cachorros, os gatos-cães continuaram a caçar, ferir e matar gatos. Já não eram mais gatos que agiam feito cães. Agora, eles eram cães.

https://artedealdenorpimentel.blogspot.com

Fruto

Guilherme Aniceto
Itajubá/MG

Quando nasce o amor
dentro de dois homens
geralmente
demora um pouco
para crescer também
entre eles.

O que existe dentro
precisa de tempo
para maturar
- o fruto da coragem.

Mas quando cresce
o amor entre dois homens
normalmente
também se espalha
ao redor deles.

Abrem-se os braços como galhos
e as mãos como cachos
numerosos.

E é óbvio
que há quem não colha
o fruto.

Há quem não coma
daquilo que é natural.

www.instagram.com/poetaguilhermeaniceto
www.facebook.com/guilhermeaniceto
https://medium.com/@guilhermeaniceto

Gotas d'sentimento

Venâncio Amaral

Sorocaba/SP

Uma janela entreaberta, a princípio o vento invade assobiando uma bela canção, no entanto, o tempo se mostra anuviado, sugerindo uma previsão. De repente um grande barulho, a janela quase estilhaça os vidros batendo em confirmação!
Chega a chuva anunciada, fecha-se portas e janelas, no cúbico isolamento admirando por meio da transparência, aprisionado, mas com o pensamento longe, viajando ao horizonte, me encontro a olhar para o céu completamente tempestuoso. Em um rápido piscar dos olhos, sendo deslocado... Dessa vez, vívido em meio a chuva, tendo os pingos a tocarem o corpo, evidenciando a sensação de liberdade.
O corpo quente, contrapõem a água gélida, que aos poucos rompem as barreiras do ser, indicando um caminho, permaneço imóvel, ainda livre, no entanto, sozinho.
A chuva não dá trégua, intensificando a tempestade, pingos mais fortes batem no corpo, como se estivessem batendo em uma porta... Começo a caminhar, simples dez passos, porém, ainda insistem em bater.
Novamente imóvel, percebo que não são apenas os pingos que estão batendo no corpo, junto a esses batem um coração, em um dialogo intenso, no qual permaneço coadjuvante. Até ser vencido pela insistência, dessa forma, a água que rompeu barreiras e indicou um caminho, agora destranca a porta.
Deixando o coração em evidência, causando a fuga dos sentimentos, antes guardados, simplesmente vão escorrendo e alguns são drenados pelo corpo! No entanto, o que mais se nota é a enxurrada de solidão, levada junto a (m)águas passadas e após a grande vazão... Lembranças vem à tona! Deixando claro o motivo do tormento.
Não por conta das restrições à liberdade, porém, devido as inúmeras opressões aos sentimentos! Por que somente os sentimentos nos permitirão a completa felicidade... Deixando claro que amar, é estar preso em liberdade!

Gotas de Liberdade

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Eu e você juntos... Seres do pecado
Imundos e levianos!
Trancados no quarto.

Seres lascivos...
Nus, descobertos...
Corpos pelados
Cheiro de amoralidade
Suor pingando na face.

Não importa o mundo
E menos ainda opiniões alheias
E nem o castigo a nós profanos
O que escorre em nossos corpos
São as gotas da liberdade.

Gotas de suor dos movimentos
Selvagens, irracionais e sem razão
Suando, gemendo aos sussurros
Ofegantes... Os lábios com gosto de sal
Do suor do pecado.

Libertinos e lascivos
Dois seres molhados de suor.
Lábios úmidos com as gotas da liberdade... Escorrendo...
Por todo o corpo... Nas partes secretas e ocultas...
Entrando sem pedir licença em nossos lábios.

Beijos quentes e libertos de tabus
Lábios desonestos aproveitando se da liberdade
Para provar o sabor de sal e de pecado.

E assim... No nosso tempo infinito
Afogando nas gotas da liberdade.
Seres lascivos!
Pecamos completamente pelados em nosso quarto.

Imagem – Arquivo pessoal da autora – Ano - 2018

Grito No Silêncio

Célia Helena Vasconcelos
Goiânia/GO

Meu grito ecoa no peito,
dor que não cala, mas não fala, não sai, só dói.
Vem de longe, de outros tempos,
abriga-se em meu ser e nele faz moradia.
Se estou acordada quero dormir para fugir,
se estou a dormir acordar não quero,
pois se o fizer vou ter que vivenciar a dor no silêncio.
Viver que sabota a alegria do existir,
viver que faz parte do não existir.
No silêncio escuro do peito meus ais gritam em vão.
 Emudecem sem nenhuma resposta, sem que ninguém perceba.
Um sorriso amarelo esconde a dor.
Escuridão que mora em meu viver, ser...
A noite se eternizou e o sol não vem clarear meus gemidos.
Ai como esse silêncio é dolorido! Ai, aii....aiii.....aiiiiii!.

Guernica Tupi

Maria Marão

Bragança Paulista/SP

Não havia gorjeio no ar
Apenas o arrastar das puídas franjas das vestes dos que choravam
e o silêncio no respirar dos que já não choravam mais

Restava subir, sem nada nas mãos para mostrar
aqueles que mergulhavam no enlameado labirinto
Corpos perdidos, a afundar

Estranhos brumados eu vi
Em que o límpido foi em fosco marrom arrastando

Descendo insano a carregar
Em cortejo, e ensinando
que nem só do céu podem bombas chegar

Estranhos brumados eu vi
Onde não havia trinado no ar

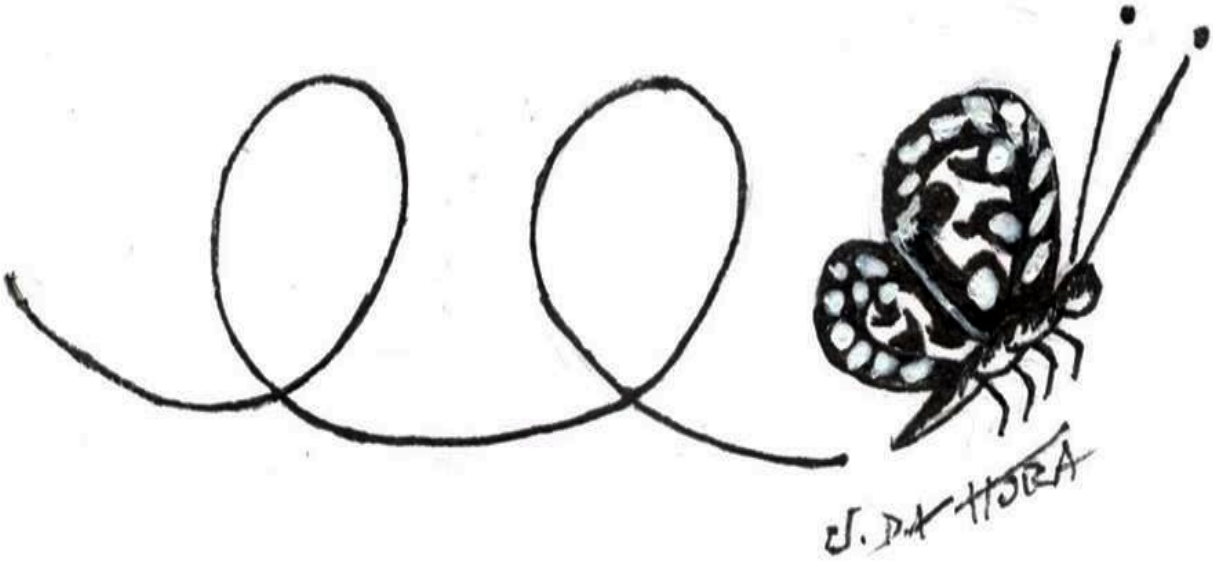
E ainda que houvesse
O canto não mudaria
O arrastar das puídas franjas das vestes dos que choravam
Nem o silêncio no respirar dos que já não choravam mais

viagenspoesias.blogspot.com

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

A borboleta,
quando o vento arma uma treta,
não perde a pose e faz pirueta



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Do quarto da moça formosa
o monge só sai
quando goza

Jorginho da Hora

Simões Filho/BA

Haikais

Benjamin Verza Marques
Porto Alegre/RS

O amor

tuas mãos quentes
à beira dos sonhos
coçadinha nas costas

Pensamento

não escapa ao vento
cria mundos
mão invisível

Imaginação

Sôngella Mariano
Itapeva/SP

Queria eu ser ,como o vento;
Livre como o pensamento.
Queria eu ser, como um pássaro;
Voar sem motivos pra voltar.
Queria eu ser um sabiá;
Para uma doce melodia cantar.

Tanto que quero ,mas nunca me
Liberto.
Tanto que desejo aquelas asas ,
Que não me deixo voar.

Quero agora ser o sol,
Mas logo quero ser
A lua ,
Então deixo meu querer me levar
Para os cantos da
Imaginação ,
Onde eu possa ser quem
Desejar.

Suicídio.

Eu vou para lá,
La longe ,
Onde um jardim e um bosque

Se cruzam ,
Onde as estátuas de pedras
Sussurram e observam.
Onde pelo mar, jamais ,
Se pode chegar ou em terra
Caminhar.

O paraíso perdido nos olhos
Frios ,
As pétalas de rosas petrificadas
E esquecidas com as lembranças de quem um dia vivia...
Eu sinto a morte por mim clamar ,
Mas também sinto por aqueles que em
Breve vou deixar.

Nunca poderei lhes contar os segredos que guardo,
Nunca lhes direi o quanto chorei nas
Noites sombrias
Quando eu tinha uma única companhia:
Aquelas paredes frias.
E eles nunca entenderão que ,
Enfim estou livre daquela
Profunda e triste
Melancolia.

Invasores

Nathália Hernandes

São José do Rio Preto/SP

Um dia encontrou um et debaixo da cama.

Quando tinha cinco anos assistira uma reportagem que contava que um cidadão estadunidense encontrara um extraterrestre debaixo da própria cama. Desde então, religiosamente, olhava em baixo daquele móvel todos os dias antes de ir dormir.

Agora, aos doze anos, finalmente encontrava o que tanto procurara.

É claro que se preparara para aquele momento. Lera sobre abduções e experiências feitas com seres humanos por criaturas de outro planeta e não gostara nada, nada.

Retirou o et preso de sua cama e pouco depois inciou as experiências. Não parou nem quando ele emitiu ruídos que deveriam ser de agonia. Não sabia se ele podia sentir dor.

https://www.facebook.com/nathalia.hernandes.9

Laços frágeis

Jayna Karolyne de Souza Santos

Belém/PA

Amores líquidos alastram-se pelo mundo.
As relações sociais tornaram-se delicadas.
Elas são rompidas a cada segundo,
Quebradas, esquecidas e ignoradas.

Cada um vive em sua própria bolha.
Amar entrou em extinção.
Confiar tornou-se uma escolha.
Proteger transformou-se em reflexão.

Ajudar converteu-se em destaque virtual.
Filmar e fotografar são mais interessantes.
Porém, resguardar vidas já não é sensacional.

As pessoas tornaram-se banais.
Os laços são mercantilizados e individualizados.
E as boas ações são manchetes dos jornais.

Lambe, lambe!

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

Depois de lamber teus pés, de lamber tuas coxas, de lamber teu ventre, de lamber teu sexo, revirando as fotos, encontrando fatos, lambi o que eu mais queria.
Lambi tua alma.
Era assim que eu imaginava ser lambida, ninguém sabia disso. Eu tinha apenas treze anos de idade, me via no espelho da cômoda com o toucador, rebocando a sensação imersa ao espaço, dividido por tantas meninas.
Minha mãe dizia que eu ficava trancada no quarto e que fazia mal.
Mal sabia ela, bem, mal eu sabia.
O tempo foi passando e o lambe- lambe era uma diversão moderna naqueles anos dos fotógrafos engraçados. A gente se vestia com o melhor estampado e os retratos perdidos em ângulos longe dos digitais.
O pastor da igreja falava muito alto, as orações me assustavam e minha avó Iracema me puxava ao caminho do senhor, eu só tinha quatro anos eu só lambia a chupeta porque eu não mamei no peito e chupei aquele troço enquanto minha vó vivia.
Com pouco mais de quarenta anos, vó Iracema morreu. Eu ainda tinha quatro anos, o tempo foi lambendo as nossas idas aos cultos, o curto período vivido entre a primeira neta e a vó com nome do livro de José de Alencar.
Vó Iracema tinha os traços puxando para os de uma índia, passava e lavava roupas pra ganhar o dinheirinho dela e era pra os moços que trabalhavam com camisas e calças sociais, iguais aos dos liberais.
Mas uma frase não me saiu nunca da vida lambida:
- "Nunca deixam minha neta chorar, dos olhos dela não pode sair uma lágrima sequer".
Mas minha vó morreu e eu chorei muito na vida escondida ou estampada em cenas com poucos ou muitos espectadores.
O forrobodó (pão doce) servido de manhã pra abastecer a fome rumo à escola era maior lambida que eu degustava. Com minha mãe servindo a gente e meu pai olhando de soslaio.

Não tinha nem muito que pensar, eu nunca tinha visto uma espingarda, um revólver, só nos filmes de guerras no cinema, morria de medo daquilo. No fundo o que eu mais desejava mesmo, era não cair na mesmice.
Como assim? Os anos sessenta, setenta, oitenta, noventa, foram me ensinando a ser uma "menina" com os olhos marejados pelas lambidas perdidas.
Eu sei que nem sabia meu lugar. Consegui umas vindas e resistindo ao século 21 o mais doloroso e ao mesmo tempo divertido, permitindo- me a algumas interrogações. De perguntas em perguntas tive que lambuzar respostas. Por quanto tempo ofuscando, por quantas noites mal digeridas, por tantos e tantos sorrisos falsos. Ela procurava nas entrelinhas o eu que já não existia. Pensando que é fácil suportar do lambe- lambe aos panos em planos ocultos e difusos?
De repente resolveu renomear os escritos cuspidos em desafios. Até decidir se despir fantasmas da memória. Sim, contou outra história.
A cidade amanhecia correndo, as pessoas caminhando com cachorros, o pronto-socorro lotado, eventos publicados na internet, um bando de gente online. E agora? Dar alma ao capeta ou enfrentar tanta merda? Bom, podia não ser tão difícil uma lambida por vez. Por vezes tentou chamar a avó, por vezes cansou de ser só, só mais uma embaraçada. As notícias, os rumores, os horrores, os aflitos, ovos fritos no café da manha, preto puro, amargurado com tanta incompreensão. Coração movido à bateria, carregador de celular destemendo sua relevância.
O mundo pedia sossego. Ela pedia um nome. Gostava de olhar paisagens. Não desenhava um rabisco sequer. Mas a vida pedia passagem. Deixa a passagem chamar Valentina? Valentina sendo escrita extravasando lambidas na libido, nas estimas, estigmas, catarse, cartazes espalhados. Incontroláveis desejos invisíveis. Valentina tornou- se dona de um memorial vivo, vivacidade em não controlar os instintos, Teve um chefe que trancou a porta da chefia e queria um beijo de língua. Valentina fechou a boca correu e abriu a porta, fez o poder entender o devido lugar.
Nunca largar macho foi tão gostoso nesse episódio miserável antes dos anos dois mil.
Mas se quisesse contar sobre isso poderia. Preferiu o silêncio comendo respostas. Na noite fria sugando a língua pela primeira vez.

https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto

Lembranças

Alberto Lacerda
Salvador/BA

Diante o silêncio noturno
Busca sôfrega alma ao que se apegar
Por companhia apenas a luz fraquejante do abajour
Que ao longe fitava seu olhar

Fui ter com a Esperteza de Drummond
Fui brinquedo, fui joguete
Até amor, quem sabe, fui.
Mas por fim, foi-se embora
Nada mais.

https://www.albertolacerda.com.br/

Lendas do Bairro Pontal

José Lucas Brito Souza
Quixeré/CE

O bairro Pontal fica na sede do município, e atualmente é um dos locais mais frequentados pelos quixereenses devido à recente reforma e urbanização da famosa lagoa do Pontal, com a construção de uma grande praça, com espaços para a prática de esportes e exercícios. Mas, em épocas passadas, o Pontal era um local bem diferente, com pouca iluminação e poucas casas afastadas umas das outras. E é desse tempo – sobretudo durante as décadas de 60, 70 e 80 – que circulavam algumas histórias e lendas sobre aquele bairro. Tinha-se de tudo: lobisomens; burrinhas ferozes; casas mal assombradas; aparições; discos voadores etc. Eis aqui alguns dos "causos" mais curiosos do bairro Pontal contados pelo morador local, o Sr. José, grande contador de histórias do município de Quixeré.

Uma das antigas lendas que o povo costumava contar tratava-se de uma aparição dum vulto de um rapaz vestido de branco que costumava se manifestar nas proximidades da lagoa. Segundo o que se contava era um rapaz bonito, de cabelo grande, que não falava nada, apenas acenava para quem passasse por ali de noite. Em noites escuras, quando muitos casais iam namorar nos arredores da lagoa, era quase certo dar de cara com esta aparição, mas o povo se acostumou e, a certa altura, nem se assustava mais com ela. Ninguém nunca soube dizer quem era este rapaz fantasmagórico nem o porquê de ele estar ali.

Em outra ocasião, também no Pontal, contou-me o sr. José que ele tinha saído para buscar lenha no mato, pois tinha o hábito naquela época de cozinhar em fogão de lenha. O terreno onde costumava buscar a lenha ficava em uma propriedade do Sr. Antônio Carlos, próximo a um antigo campo de vaquejada. Certo dia, por volta das 17:00hs, ele estava cortando a lenha quando notou, mais à frente, um homem parado o observando encostado numa árvore. Ele então foi

se aproximando daquela figura misteriosa para ver melhor quem era, mas o homem se escondeu atrás da árvore e acabou desaparecendo ali mesmo. Ele então pegou a lenha que já tinha cortado e voltou para casa, intrigado com aquela cena. Quem era aquele homem? Até hoje ele não tem resposta. É somente mais um dos mistérios do bairro Pontal.

Também existe uma história a cerca de uma antiga moradora conhecida como "Neném, filha de Manoel Brás", que era lavadeira. Certa noite, vinha ela com a sua trouxa de roupas no caminho da lagoa do Pontal, que nesta época já tinha a fama de mal- assombrada. Ao chegar em certo ponto, percebeu a presença de um cachorro branco que começou a segui-la do seu lado direito por um longo tempo. Não teria nada de anormal encontrar um cachorro vadio por aquelas bandas, mas o detalhe sinistro é que o tal cachorro não tinha cabeça! Assustada, ela continuou a caminhar até chegar na porta de casa, e somente aí foi que o cachorro sumiu do nada. Ao contar para seus pais o ocorrido, eles tentaram tranquilizá-la dizendo que isso era alguma "coisa da noite". E o fato repetiu-se outras vezes, com aquele cachorro branco sem cabeça sempre acompanhando a mulher até a porta de sua casa, e desaparecendo logo em seguida. Isso perdurou ainda por quase um ano, quando a mesma veio a falecer depois deste período. Seria que o "cachorro fantasma sem cabeça" algum tipo de aviso de morte ou algo do tipo? Ou somente mais uma das "coisas da noite" que andam por aí nos lugares desertos?

Por fim um caso ufológico, isto é, sobre discos voadores. Este é um relato bem mais recente, contado por um amigo atualmente morador do bairro Pontal, próximo também da famosa lagoa. Ele contou-me que, por volta do ano de 2013, em uma noite de céu limpo, ele estava juntamente com seu irmão quando avistaram algo estranho em meio às estrelas. Eram aproximadamente 20:00hs quando começaram a aparecer algumas luzes estranhas no céu, no total de 8 a 9 pontos de luz. Estas luzes se moviam ora rápido, ora devagar, e tinham cores variadas, como vermelha e azul, mas a cor branca era a mais comum. Não se pareciam com luzes de algum avião ou qualquer outra aeronave, pois se moviam de um jeito bastante peculiar. De acordo com o relato, ele e seu irmão

testemunharam: "*uma luz indo rápido em direção à Lagoinha e voltando, em direção ao cerrado; duas luzes indo devagar e umas cinco ou seis luzes em cima do cerrado*." Diante daquele avistamento, correram para pegar uma câmera e filmar o fenômeno, e perceberam que as luzes se moveram para longe, indo em direção à Chapada do Apodi, e então desapareceram na escuridão do céu noturno. Ainda de acordo com ele, seu pai teria visto, em outra ocasião, uma luz grande e brilhante em formado de disco sobrevoando a lagoa.

Segundo a Ufologia - que estuda estas aparições de discos voadores e outras coisas misteriosas nos céus - o que ocorreu nessa história é chamado de "Contato de 1º Grau", quando testemunhas avistam algum ou alguns Objetos Voadores não Identificados (OVNIs). E a escala continua: contato de 2º Grau, 3º Grau, até chegar ao assustador "Contato de 4º Grau", onde ocorre a abdução, isto é, a pessoa é "sequestrada" e levada a bordo de uma espaçonave, e geralmente devolvida depois de passado algum tempo. E estes avistamentos se tornaram, desde o século passado, um fenômeno mundial, com diversos relatos em muitos países mundo afora. Isso nos traz de volta aquela velha questão que há tanto tempo nos assombra: estaremos sozinhos no Universo?

https://www.facebook.com/lucasbrito.brito

Leoa

Rafaella Britto
Cotia/SP

Remexo os quadris ao compasso do samba
regozijo na paz dos pontos de umbanda
rasgo o peito na amargura do blues
deixo cair as negras madeixas sobre o colo nu.

Negra cabeleira crespa selvagem
juba solta na brisa esvoaçante
paisagem abundante
inebriante.

Visto o turbante
dourada coroa
lembrança de reis e rainhas
festejo, batuque e cores mil –
rufa o tambor
ruge a leoa.

Livre sou e canto a liberdade
livre cantar
da ancestral beldade
a que chamam *soul*.

www.imperioretro.com
http://medium.com/cinesuffragette

Liberdade

Rosimeire Leal da Motta Piredda
Vila Velha/ES

(Ser livre é quando se pode ser a própria pessoa. Todos precisam viver sobre certas regras, leis da sociedade.)

O livro "Fernão Capelo Gaivota" de Richard Bach, narra a história de uma gaivota que abandona seu bando e sai pelo mundo porque ansiava conhecer a liberdade, cuja existência era desconhecida em seu íntimo. Mas, após passar por várias situações, ela volta para eles, ao perceber que ser livre é quando se pode ser a própria pessoa e todos precisam viver sobre certas regras (leis da sociedade), e liberdade em excesso se transforma em libertinagem.

Em minha adolescência, assisti a um filme, cujo personagem principal era um cavalo árabe negro que era muito maltratado, porém, um dia, ele conseguiu se soltar e escapar, e aquela imagem daquele animal correndo feliz com suas crinas balançando ao vento e seu pelo brilhando debaixo do sol, eu nunca mais esqueci. Eu queria fazer o mesmo que ele. Simbolizava para mim um estado de felicidade onde era isento de restrição extrema ou coação física ou moral... poder exercer livremente sua vontade de viver a vida, tirando de si tudo que lhe prende os movimentos e lhe impede de tornar seus sonhos em realidade.

Contudo, talvez o cavalo no fim, tenha voltado para casa como fez a gaivota, ao descobrir que liberdade é outra coisa, e que fugir dos problemas não resolve nada. Entretanto, valeu a pena a experiência de ir em busca da liberdade, porque encontrou o seu verdadeiro significado e pôde ver a vida de outra maneira.

Do Livro "Voz Da Alma" - Editora CBJE - Rio de Janeiro - RJ - Brasil – Novembro/ 2005

Magnânima singeleza

Paulo Vasconcellos
Capanema-Pará-Amazônia

Quisera eu poder alcançar o cume de uma montanha
Para lá usufruir o ar puro da natureza
E sentir o vento balançar meu corpo
Fazendo com que eu tenha que buscar proteção
Para não desabar montanha abaixo.
Quisera eu poder contemplar o meu coração
Com a ternura que a mim se oferece
Em contínuas palpitações reveladas através de um pensamento fértil
Compensado por bravura e capacidade
Tudo de acordo com a simetria
Incorporada por ligeira inclinação
Moldurada de carisma enigmático
Que me faz suportar a ansiedade
Demonstrada de forma explícita
Provocada pela dor da saudade
Com rigor aprimorado de cautela
Cravada no seio da intimidade
Ante a valentia da minha reação
Mesmo que ela seja emblemática,
Filosófica ou até transcrita em um pedaço de papel.
O que importa é a minha simplicidade
Oportunizando-me crenças ocasionais
Revigoradas pela essência do saber.
Quisera eu poder abraçar o mundo inteiro
Para adotar uma fagueira emoção
Que se embrenhara livre na floresta
Dificultando o meu encontro com a felicidade
Momento que eu tanto sonhara.
Eu propunha pelo menos um aperto de mão
Por me sentir fragilizado pela dureza da melancolia
Traduzida em doce e terna paixão
Que se tornara avassaladora
Um caso de amor incondicional
Em consonância com a razão.

Meia-Noite e Dezessete

Gusthavo Gonçalves Roxo
Rio de Janeiro/RJ

Companheiros sofrem em todo canto,
Não apenas por lástima,
São agredidos, xingados, humilhados.

Enquanto os outros somem,
Você não liga,
Quando meus amigos sumirem,
Nada muda,
Enquanto são outros, você não dá a mínima,
São baderneiros de esquerda, bichinhas, comunistas.

Quando me baterem,
Me encherem de porrada na rua,
Apenas por rexistir e existir,
Você vai se importar?

Se eu sumir,
Você vai me procurar?
Vai se perguntar como foi meu fim?
Você vai se importar?
O que vai dizer seu coração?

Se eu morrer,
Você vai no meu enterro?
Vai lamentar?
Vai chorar lágrimas de tristeza ou de culpa?
Por ter colocado um fascista no poder.

Não adianta rezar depois,
Procurar em deus o perdão,
Eu vou te perdoar,

Te visitarei até sua partida,
Nunca deixarei você se esquecer.
Que é fácil lamentar depois de ter deixado acontecer.

Menosprezo social: a invisibilidade dos moradores de rua

Alvorecer Santos

Governador Mangabeira/BA

Era noite, 22 horas, o céu nublado, e o frio agindo nos corpos jogados ao chão. As pessoas que passavam em frente ao Largo dos Mares, fingiam não ver a realidade que se apresentava aos seus olhos.

E aqueles corpos largados ao breu, não lhe causavam sentimento algum, era sinal que o sofrimento alheio já não tinha tanta importância. E a cada dia que se passava, ficava perceptível que a sensibilidade de enxergar o outro estava se perdendo.

Como foi anunciado, a chuva não demorou para cair, e cada um dos corpos que ali se encontrava, procurava abrigo em algum lugar, e se refugiava embaixo das marquises, dos viadutos, e nas praças ao redor.

O cenário estava repleto de crianças, jovens, adultos e idosos, deixados à própria sorte. Em seus rostos, eram perceptíveis o sofrimento e o desejo em encontrar uma luz no fim do túnel, na esperança daquela realidade mudar. O pior de tudo, era conviver com a incerteza de que acordariam vivos no outro dia.

Quando arraiava, tudo voltava a mesma rotina de sempre, os moradores de rua vasculhavam os lixos em busca de alimentos; se prostituíam, usavam drogas, e faziam uns bicos para sobreviver.

Assim que os carros paravam na sinaleira, a festa se estabelecia, e um monte de moradores de rua se misturavam em meio aos veículos. E nessa correria, tinham que ser ágeis para limpar os vidros, antes que o sinal abrisse. Depois do serviço, estendiam as mãos, no intuito de arrumar uns trocados para garantir o café da manhã. E assim, passavam o dia sob o sol escaldante.

Na pausa para o lanche, quando isso acontecia, se protegiam embaixo das pequenas barracas feitas com pedaços de lençóis velhos, que eram amarrados nos troncos das árvores. Não demorava muito, e em poucos segundos, voltavam

para o sinal, e davam continuidade ao trabalho, e só paravam quando estavam completamente esgotados.

O cansaço era tanto, que alguns deles dormiam no chão mesmo, sem nenhuma proteção, e quando acordavam no meio da noite, e abriam os olhos, viam entre seus pés, muitos ratos e baratas, que eram atraídos pela quantidade de lixos que estavam a sua volta.

Muitas das coisas que pareciam ser simples aos olhos da maioria das pessoas, como tomar banho, se tornava uma raridade para aquelas pessoas que quase sempre dormiam sujas, e uma vez ou outra, conseguiam um pouco de água para lavar os pés e o rosto.

Era comum observar em plena luz do dia, o sacrifício que aquelas famílias faziam para preparar a comida; montavam um fogão improvisado com pedaços de tijolos, gravetos e álcool. E torciam para que a panela feita de lata não furasse com o calor das chamas. Assim que a panela saía do fogo, e a comida esfriava um pouco, uma roda de crianças e adultos famintos se formavam em torno dela, e devoravam todo o alimento com as mãos.

Era triste observar toda aquela realidade se repetir diariamente, e ver aquelas pessoas desassistidas em suas necessidades básicas, e o mais cruel de tudo, sendo mortas lentamente, sem dó e nem piedade pelos ditos "seres humanos".

Cansado de tanto sofrimento, um dos moradores de rua ligou para a imprensa e informou que no Largo dos Mares iria acontecer um suicídio em massa. A equipe de reportagem não demorou a chegar ao local, olhava de um lado para o outro, e procurava os suicidas, mas não os encontraram. De repente, um grupo de moradores de rua se aproximou dos repórteres, e se posicionou de costas para eles, e exibiu uma frase que estava estampada em suas camisas "Somos fantasmas que vocês e a sociedade se negam a enxergar". Por descuido, os repórteres estavam transmitindo tudo ao vivo.

@alvorecersantos

Metamorfose

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

"-O perispírito é sensível ao poder do pensamento e os espíritos que possuem agilidade mental conseguem plasmá-lo, dando-lhe as mais diferentes formas;o perispírito pode ser condensado ou sutilizado, restringido ou ampliado... é o fenômeno da transfiguração espiritual."- Do outro lado do espelho – Inácio Ferreira.

"Na tua luta contra o resto do mundo aconselho-te que te ponhas do lado do resto do mundo"- Franz Kafka

Não há maneira de se mudar o mundo senão transformando-se a si próprio.

Mudá-lo de forma consistente, duradoura, bem entendido.

Desde as mais antigas religiões, filosofias e prescrições de livros de auto-ajuda, este é o mote mais repetido entre as questões básicas existenciais do ser humano.

Por que ? Porque, para ser feliz ou infeliz, ter sucesso ou insucesso, ter prestígio ou má fama, é preciso mudar. Até mesmo para manter as coisas como estão é preciso mudar.

A lei da evolução das espécies diz que, para sobreviver num novo meio ambiente, os seres vivos adaptam-se por meio de mutações genéticas, ou seja, modificações em sua estrutura orgânica. Com isso, aqueles que já se tornaram mais aptos, sobrevivem,os demais perecem.

O ser humano, hoje, não precisa passar por alterações genéticas para garantir sua adaptabilidade aos ambientes mais hostis. Ele próprio os transforma, tornando-os mais adequados a suas necessidades. Sua mutação é cultural, isto é, muda a forma de fazer as coisas.

Mas a cultura tem um inconveniente: a cada solução encontrada um novo problema é criado, e por isso nos tornamos eternos mutantes.

No que se refere ao relacionamento com outros humanos, isto é evidente.

Se tenho problemas de convivência com meus familiares, colegas de trabalho e de escola, vizinhos e outros que tais, pouco posso fazer para alterar

esse quadro tentando simplesmente convencê-los a serem mais razoáveis,sensatos, delicados, generosos, carinhosos e altruístas.

Para minorar os problemas de relacionamento, devo eu mesmo ser o sujeito e objeto dessas mudanças. Ter a iniciativa de me tornar mais tolerante, paciente, desapegado dos meus interesses, valores e preconceitos. Com isso, passarei a não me incomodar tanto com as críticas, as negligências, desleixos, a falta de iniciativa dos outros.

Devo então tornar-me indiferente ?

Não, apenas compassivo com as fraquezas alheias e humilde em relação a minhas limitações. Da mesma forma como eu mesmo sou imperfeito, são passíveis de erros os meus pares.

A opção por mudar (e melhorar) é individual e intransferível.

Foi o que fez Gregor Samsa.

Oprimido pelas responsabilidades familiares e profissionais, resolveu um dia se transformar radicalmente.

De humano autônomo, cumpridor de deveres e capaz de se sustentar, resolveu tornar-se um insectoide, dependente da boa vontade de seus familiares em prover-lhe meios de sobreviver.

Mas por que virar um inseto ? Não poderia manter sua forma humana e gradualmente expor-lhes seus novos pontos de vista convencendo-os da justeza de suas opiniões ?

Se levarmos em conta a metáfora que a palavra metamorfose representa para o conto kafkiano, podemos supor apenas que houve a passagem de um estágio para outro, não necessariamente de maior evolução, como ocorre com a borboleta, por exemplo.

Ora, na literatura, a passagem de um personagem do formato antropomórfico para o zoomórfico tem sido observada em pelo menos 3 situações: aquela na qual constitui um castigo (os marinheiros de Ulisses transformados em porcos por Circe), aquela onde o autor dessa transformação usa tal expediente para manifestar sua "outra face" (seu alter ego) como o Lobisomem nas noites de lua cheia ou aquela onde o autor usa-a como disfarce para aproximar-se de alguém com a finalidade de seduzir e fecundar (como Zeus).

No primeiro caso é claramente uma retrogradação; no segundo parece ter função catártica, no último, apesar das aparências, destina-se a atingir um fim mais elevado, transcendente.

Daí a modificação do aspecto humanoide em insectoide, plenamente consciente de suas potencialidades, revelar um insólito paradoxo.

Aos olhos de seus familiares, Gregor Samsa havia regredido irremediavelmente, como se abatido por um castigo, chegando a nem ser mais considerado membro da família, como afirma textualmente sua irmã.

Mas a sua inusitada transformação (voluntária ou não) foi o móvel suficiente e necessário para que todos os seus pudessem, de alguma forma, superar-se.

Voltam a trabalhar, tentam se estabilizar como seres autônomos e responsáveis por si mesmos. Tornam-se mais humanos. Sua nova forma e postura obriga seus familiares a serem finalmente produtivos.

Gregor Samsa despojando-se de sua vaidade, orgulho e ambições, renuncia a seu papel hegemônico deixando aos familiares a iniciativa de tomarem suas próprias decisões. Como protagonista (o primeiro que agoniza), desencadeia uma sucessão de mudanças irreversíveis e dramáticas, como o fato de, ao admitirem inquilinos em sua casa, aqueles parecem enxergar-se nestes como estranhos vivendo em seu próprio lar.

Qual teria sido sua intenção ? Haveria uma vontade superior agindo sobre sua vida para transfigurar sua constelação familiar ? Estaria se concretizando o destino do ser humano em tornar-se aquilo que se é (na individuação de que nos fala Jung)? Mas de que maneira isso? Transformando-se num ser inferior ?

Aparentemente Franz Kafka reuniu nesta metamorfose os 3 aspectos apontados acima (o castigo, a catarse, a transcendência) porque talvez quisesse mostrar o que ele (autor) podia fazer com o que os outros haviam feito dele numa época em que os preconceitos e segregações mostravam claramente que o ser humano regredia em moral e compaixão enquanto avançava científica e tecnologicamente. Castigando seu personagem com a nova forma, forçando-o a enxergar sua desmedida (hybris), levou-o a purificar-se e consequentemente estimular os seus a transformarem-se também.

Ou, por outro lado, decepcionado com as transformações promovidas pela modernidade, onde já não encontrava mais certezas, decidiu retornar à condição mais estável,conservadora e segura que é a da vida precisa, previsível e instintiva do animal completamente irracional.

Contra todos os antagonismos, Kafka realizava a alquimia de modificar-se, literalmente (e literariamente), num ser apto a digerir os restos do mundo em decomposição ...

Meio do Caminho

Tinga das Gerais
Corinto/MG

Estrada sem fim
Íngremes carrascais
Caminho de mim
Pegadas marcas caminheiro
Paragem na sombra
Um arvoredo no meio do caminho...

Destino norte
Meus passos bússola
Alameda de Almas
Estrada adentrar
Uma porteira aberta
No meio do caminho...

Não é o fim do caminho
A paragem sede voraz
Manancial espelho da água
Caminhar é preciso
Uma vereda
No meio do caminho...

E eis o fim do caminho.
A pedra é o meio
Mas está no meio do caminho
Eu sentado na pedra
A pedra do moinho...
Que está no meio do caminho...

Minha terra

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Minha terra tem campinas
onde sobrevoam andorinhas.
Circulam em longas revoadas
em vastas nuvens agitadas.

Cantam em rota migratória,
em vermelhos flamboyants,
em vários coloridos ipês,
em amarelos cambuís.

Na praça, o filho mais ilustre
rege os dias e as cores, como
as composições em seu tempo.
Desabrocham músicas como
flores, no gestual do maestro.

Da partitura partiram músicas
do Hino da cidade à ópera
em outras terras. Mas para cá
voltou do exílio para sua paz.

Agora é o concreto que toma espaço,
cinzento ficando o passado, mas ainda
colorida segue esta distante memória.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Morador de rua

Nercy Grabellos

Rio de Janeiro/RJ

Quem é você?
Sinto-me nu
As pessoas cadê?
Passam e nem olham
Sou anônimo
Os outros trabalham
Assim aconteceu
O emprego se foi
O alcoolismo ocorreu
E por dentro corrói
Saí por aí
O anonimato dói
A família foi embora
Da minha vida
Sem rumo eu sofro
Na avenida
Sem caminho certo
Estou no chão
Sem ninguém por perto
Que me dê atenção.

Morte em vida, Catarina

Franciellen Santos
Campos dos Goytacazes/RJ

Catarina vivia trancada em seu quarto

Ora descia para beliscar um biscoito

Ora dormia durante o dia

Sua mãe não sabia o que fazer

Chamou um médico e pediu parecer

Chamou um padre e pediu para benzer

Chamou um espírita para prever

Chamou um pai de santo para rezar

Chamou um buda para curar...

Mas, de nada adiantou

Catarina só piorou...

Dali a uns dias foi perdendo a cor

Viu suas energias se esvaírem

E as esperanças de si partirem...

Perdeu a noção do tempo

E se viu perdida

No caos que chamara de vida

Num dia ensolarado, de pássaros cantantes

Alguém bateu a porta

Não houve resposta!

Tiveram que arrombar

Catarina foi encontrada, jogada

Sobre a cadeira âmbar...

A baba já seca escorrida nos lábios

O coração já havia parado

E os pulsos estavam ensanguentados...

Não havia mais sol, nem havia vida

Apenas morte, dor e saudade

De alguém que já havia partido para longe

E que dali não fazia mais parte.

Mulher é autora e atriz da vida, a cada dia!

Irane Castro
São Luís/MA

"...ser a nobre mulher.
A una presente essência.
Ser a distinta guerreira.
A plural da existência.

Ora com a desordem.
Há os bagulhos imaginários.
Ora com a ordem.
Tem algo bem real.

Vez autora do espetáculo.
Faz mesmo novo rumo
Vez avesso de cenas.
Que releva igual rima.

Só afinca a diferente.
No reverso de amor.
Só contínua cada dia.
Atriz do teatro vida!"

Mundo Cor-de-rosa

Marione Cristina Richter
Venâncio Aires/RS

Muitas vezes me deparo
Com pessoas vivendo "felizes"
Em casinhas cor-de-rosa
E um pátio todo florido
Onde todos são amigos
E tudo dá certo
Fechados numa redoma
Protegidos de todo o resto.

Me pergunto como conseguem

Viver em espaço tão limitado
Ou o problema sou eu
Que sinto que todo o espaço é apertado
O mundo é grande demais
Para enxergar apenas o chão sob meus pés
E se eu precisar sair correndo
Preciso saber até onde posso ir.

Como vou pintar de rosa
Estas paredes sujas de fuligem
Plantar flores no concreto
E confiar em sorrisos fáceis?
Preciso ver como as pessoas realmente são
E ver as curvas de um caminho torto
Não sei viver de ilusão
E muito menos ficar inerte a todo o resto.

Não me atrevo a pisar em sua grama
Pois a poeira que trago na sola
Ofende e faz sangrar
Pergunto: em que mundo você vive?
Bem na verdade, nem quero saber
Do mesmo não vou pra lá!

Não ser

Canindé
Sorocaba/SP

Com os pés atarracados nuns chinelos
de couro velho
ele, que vê as luzes da cidade como estrelas
renegadas,
da sua janela pequena aos sonhos,
deita os olhos num livro procurando a si,
um personagem que lhe sirva de espelho
em tolas frustrações.
Arrasado por sempre encontrar
nas histórias penduradas no varal
do tempo
senta-se na sua cadeira quebrada
escreve um lindo texto
para atirá-lo ao
                chão
e alimentar a vaidade
de ser um grande escritor
para os vermes sob os seus pés.

Completo,
acende e traga um cigarro
do último vintém
e solta no ar
as últimas palavras imorais
mortas nos pulmões...

Seu heterônimo das sextas-feiras.

No fim do dia

Paulo Florindo
Alegrete/RS

Noite do Adeus

Robinson Silva Alves
Coaraci/BA

Na madrugada fria
Um grito ecoa do nada
No vento noturno
A mais difícil jornada

Pensamentos voam
Sopram segredos
Revelam mistérios
O mais temível medo

O tempo esvai lentamente
O futuro se torna presente
Vagarosamente...
Sombras vagam na mente

Uma lembrança atordoa
Lágrimas caem
Sinos tocam nas catedrais
Silenciam soluços e ais

Um perdido sonho
A tosca felicidade
Encontra a realidade
A cruel saudade

Rumando sem rumo
Sem direção e norte
Na nevoa etérea
Que conduz a morte

Vivendo na vida
Uma vã jornada
Vagando sem destino
No final da estrada

Sem sonhos
Sem mundos
Prisioneiro do sem fim
Do vale profundo

Lembrando de amores
Da mais impossível paixão
Morrendo de amor
Perecendo na solidão

Na noite vazia
Uma noite do eu
Última poesia
Noite do adeus.

Nostalgia de um Pé Desventurado

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Ultimamente não tenho trabalhado. Após uma incessante caminhada pelas estradas tortuosas da vida, pude finalmente descansar. E cá, repousando sobre esta almofada rechonchuda e tediosa, alternando minha atenção ora para a janela, ora para a estampa dissonante da cortina, entrei, involuntariamente, em uma profunda reflexão sobre o âmago da minha existência.

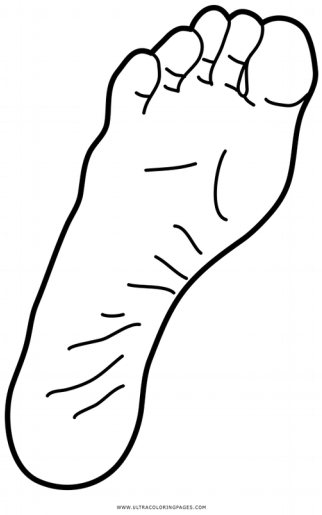
Essa meditação teve seu início quando vi minha imagem refletida na janela e percebi que já não possuo o mesmo vigor de anos atrás. Sou revestido por uma camada áspera e opaca daquilo que um dia já foi brando e livre de calos. Meus ossos agora competem com o joelho o posto da extremidade mais pontuda sob a transparência do lençol. Exalo o odor da invalidez e do esquecimento, como um grande livro jurídico, no fundo da prateleira, pesado e nulo, empoeirado de limitações.

Meus primeiros passos dei num casebre humilde e sorridente, numa terra seca e escancaradamente vermelha como o rubro das bromélias nordestinas. Se há uma imagem da qual não me esqueço, é a estampa da minha primeira pegada, dedinhos tão miúdos, num formato tão indefeso e franzino. Memorável época em que saltitava desnudo de um lado para o outro, mais leve que uma mariposa, porém quase tão desastrado como um novilho recém-nascido.

Veio então o chinelo, a chuteira surrada de meu irmão mais velho, e a gasta botina parda com a qual pisei na condução que me levaria a capital, e mais que isso, a uma nova vida. Nunca vi solo como aquele, tamanha era a imundície e a esperança que lhe cobriam a superfície. Em mim já não havia cicatrizes de cacos de vidro tampouco de terra vermelha. Passei a conduzir um carro. Relutar obstante em noites de muito álcool e pouco amor. Marchei apressado em dias de labuta e transpiração. Caminhei de preto lustrado até o diploma e rumei firme ao altar. Impaciente, andei de um lado para o outro no hospital à espera de um

choro de criança. Corri. Conduzi. Apertei o passo contrário aos perigos. Inchei. Pouco reclamei e jamais desisti.

Minha existência, entretanto, nunca dependeu apenas de mim e o devido valor não me foi dado. Hoje, estático sobre este travesseiro, já não posso cumprir minha função, passa por entre minhas veias um sangue excessivamente doce e doente. O pâncreas enfermo produz um líquido corrompido e diabético que ulcera nos membros inferiores, principalmente em mim, extremidade infeliz e esquecida do corpo. Conformado, aguardo. Aguardo o dia em que as feridas serão tão críticas, que todo o meu honroso trabalho será esquecido e jogar-me-ão fora como um simples objeto inepto, caduco pelo tempo, amputado e desvalidado pelos atos irracionais de um indivíduo ingrato.



O Cantar

Débora Guimarães Leite
Brumado/BA

O cantar é sonhar,
O cantar é viver,
O cantar é o que tem dentro de você.

A sua magia,
A sua imaginação,
Um pedaço de sua vida,
E da sua canção.

Cantar é saber cantar,
Cantar é saber viver,
Cantar é um pedacinho que há dentro de você.

Quem sabe dançar,
Quem sabe imaginar,
A magia da música sempre terá.

O futuro está na frente,
O passado está atrás,
O presente está nas mãos de quem sabe cantar mais.

A vida é uma música,
Cantar é a poesia que não se acabará,
Eu amo cantar e imaginar.

Ilustração: Canva

O Crime de Leonora

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

"Quem sabe um dia;
Quem sabe um seremos;
Quem sabe um viveremos;
Quem sabe um morreremos!"
(Mário Quintana)

O remorso é o maior delator de um crime. Nesse instante sinto a morte invadindo meus sentidos, e esse sentir me aterroriza. Faz dias que eu não me alimento e não durmo. O remorso dói como uma ferida aberta a sangrar pelos móveis, pelo teclado do computador, de onde escrevo agora. Pelas pernas, encharcando as meias de sangue. Eu fico olhando as paredes que eram brancas, vendo imagens que correm de lado a outro. Quando deparo com manchas de escarlate seiva desenhando a cara dela. Caminhando de cabeça para baixo pelo teto. A boca aberta. A língua, ora serpenteando, ora estirada, tesa, apontando para mim, acusando-me. Falando coisas terríveis dentro do meu ouvido. Eu

mando que cale a boca, mas ela não cala. Estou com a boca seca, o peito mole, doendo. Difícil é engolir a noite, mastigá-la e sentir seu gosto amargo. Ouvir a campainha tocando sem parar. A angústia fazendo do desespero uma faca silenciosa cortando as fatias do medo e saber que serei a próxima vítima de mim mesmo.

*****

A ideia persiste, tenho que escrever sobre Leonora. Tantas vezes tenho pensado durante este último ano tão penoso e vazio para mim. Preciso ocupar o espaço físico de Leonora, dando-me um sentido maior. É necessário que se faça um outro ser dentro de mim. O rumor de suas palavras, durante a noite, já não é o suficiente para consolar meu espírito que sofre tantos sobressaltos.

Sim, muito eu teria a dizer sobre o modo de ser de Leonora. Embora tenda a acreditar ser muito difícil falar sobre Ela. Sua forma frágil e imperatriz de ser, seus devaneios e sua mansidão, o pacato e o agressivo do olhar. Creio, pois, desnecessário salientar a dificuldade que tenho de formular conceitos, sejam eles quais forem sobre Leonora.

Há nas minhas lembranças estranhos hiatos. Fixaram-se, ao mesmo tempo, coisas insignificantes e extraordinárias. Depois vem um esquecimento quase que total. E essas recordações aparecem-me sempre emaranhadas e esmaecidas. Nada se organiza em minha memória. Daí o motivo de nada poder escrever sobre Leonora. Então...

Pego seu retrato e olho-o com zelo, e observo que meia metade, um quarto daquilo que houvera sido já está retraçalhado pela traça. Essa descoberta me confunde, me assusta. Foi sob esse profundo horror que repus o retrato onde estava. E percebo que não tenho mínima capacidade de escrever sobre Leonora.

É quando um remordimento e a dor tomam conta de minhas entranhas, logo choro convulsivamente a melancólica lembrança Dela. Então imploro aos deuses que devolvam minha Leonora. Mas eles nada me dizem como resposta. Eu sei desta impossibilidade, então volto a cair em um pranto ainda maior e durmo numa inconsolável tristeza. E quando acordo estou mais triste ainda e decido que escreverei de Leonora o que Shakespeare escreveu de Desdêmona; Cervantes divagou sobre a Dulcinéia del Toboso para o seu Quixote e Rosa cantou de Diadorim e Riobaldo. Porque, realmente sou desprovido de talento para escrever sobre Leonora.

Mal faço anotações sobre sonhos exóticos, encontros impossíveis como os que tive à meia-noite de um dia qualquer. Em que sobrevoava o Monte Everest,

içando Leonora e sua carruagem de fogo, rebocada por 16 cavalos e suas 48 ferraduras de prata, salvando-a do degelo movediço da montanha. Por isso tomarei outro rumo. Tentarei descrevê-la naquilo em que fui cúmplice, como se um diário fosse. Para quem não entende de nenhum estilo literário, forma melhor não há.

No entanto, não fosse minha parca sabedoria faria de Leonora uma heroína. Assim como Salomé, uma Sherazade, uma Olga, uma Anita Garibalde; ou quem sabe, uma lenda budista, uma deusa grega ou um ente folclórico. E por que não uma Ana Karenina? Só por que foi suicida? Mas de nada adianta meus esforços, porque só tenho reminiscências...

Aliás, Leonora não foi à estação àquela tarde para me matar. Ela apenas foi avisar que tudo já estava pronto, que eu poderia voltar. Mas a cena que ela assistiu foi fatal para o desenlace do ardil montado. Sua investida contra mim já estava planejado, o meu revide é que foi excessivo, fora do roteiro, uma fatalidade.

Agora estava eu ali, sentado no mesmo banco, na mesma estação, esperando o mesmo trem. Sendo alvo de olhares de desdém e perguntas indiscretas entre os passantes. Cada um tentando imaginar meu drama... Estaria eu com fome, desempregado, doente... Por quem sofro, por quem choro?... Não, não venham me perguntar. Porque não direi que é por Leonora que choro.

— Está vendo ali?

— Estou. Mas, será que está chorando mesmo ou é impressão minha?

— Está chorando, sim.

— Coitado!

Leonora tinha uma discreta personalidade, da qual cultivava um gênero não muito difundido de elegância, de uma intimidade invisível, cheia de pudores; se recusava a qualquer forma de ostentação. No seu conceito, uma forma inconteste de soberba. Sempre fora uma voraz crítica ao modismo, as tolas invenções, aos falsos raciocínios, as hipocrisias e todos os delitos humanos. Guiava-se Leonora apenas pelo sentido poético. Embora tivesse sido de uma poética violenta, às vezes. Pois que, ainda está muito vivo em minha mente, e é apavorante a lembrança Dela me enterrando todo o corpo na areia salgada da praia e sair para fazer compras na feira de artesanato local.

E vale lembrar que Ela era extremamente fissurada por quiromancia e cartomancia. Embora todas as suas adivinhações fossem fundamentadas nas

imagens fulguradas dos mitos fenícios, e não nos meros símbolos dos anjos das cartas e das linhas das mãos. Assim sendo, Leonora via em mim um ótimo instrumento para experimentar suas previsões e prognósticos místicos.

Quando ela voltava do passeio e via minha cabeça vermelha como um açafrão suado e, imbuída dos poderes da Deusa Astarteia, cuja divindade empresta suas energias através das pedras seixos dos rios, e delas, Leonora fazia uso para decifrar previsões modulando o calor das pedras em meu rosto quase espectral, estes eram, inclusive, alguns dos arcaicos ritos da prostituição sagrada, que era muito comum na Babilônia de Nabucodonosor e que Leonora usava em nossas orgias sexuais. E isto, Ela fez logo que desenterrou meu corpo da cova de sal, onde eu, moribundo, quase morto, jazia moído e cozido; quando aproveitava para quebrar o resto dos meus ossos. Então predizia, sussurrando ao meu ouvido, em tom metafísico e transcendental que a morte da geometria estava próxima e que o mundo já tinha data certa para seu fim.

Leonora era uma flor nascida entre os nós de um arame farpado.

Esses são apenas alguns poucos fragmentos da personalidade de Leonora. Eu não tenho o menor ressentimento em acusá-la de anjo ou demônio. Porque Nela, era fácil se perceber distintamente duas formas de caráter. Leonora tinha a nítida intenção de demonstrar que, se hoje era uma, amanhã seria outra. E isso me fascinava ao mesmo tempo em que me aterrorizava. E tal demonstração era convincente. Uma taça de vinho em suas mãos tanto poderia ser uma bela cena Vê-la sentir o buquê do vinho pelas bordas da taça, como terrível era assisti-la comprimindo-a até espatifá-la, deixando-a em cacos dilacerantes numa mistura infernal de vinho, vidro e sangue, contraindo o rosto em angústia para em seguida seus olhos se iluminarem demonstrando alegria infantil.

Vale ressaltar que nosso estar junto era ilusório e enganador. Não éramos nada um para o outro. Apenas cúmplice de uma existência angustiada e cheia de anseios. Leonora era lúbrica, libidinosa, verdugo, fada e musa. E apesar de tantos e tantos predicados, das virtudes e dos vícios, eu nunca soube o que escrever de Leonora. Apenas engasgo em seu nome: Leonora, Leonora, Leonora...

*****

O relógio marca meia-noite. Nesse instante escuto o ding-dong tocar com mais insistência. Arrasto-me penosamente até a porta. Universos foram criados e destruídos; Eras pereceram em lapsos de tempo. Ando, ando e não saio do lugar.

Era como se o corredor se alongasse, postergando o que viria a seguir. Num esforço de pesadelos, abro a porta.

Na porta, uma figura espectral de olhos incandescentes a dar luz à escuridão. Que em tom gutural diz:

— Vim trazer sua Leonora para mais uma noite.

— Quem é o senhor?...

— Quem sou eu?... Deveria saber. Eu sou Belzebu o Príncipe das Moscas!

Ei-la, os lábios vermelhos se contraindo contra os dentes perfeitamente brancos. A pele alva como o um alfenim sob um capuz preto. Dos olhos negros grandes e sérios brotam faíscas que mais parecem brasas. Estranhamente, estão mais vivos do que nunca; não me olham, invadem minha alma. Os cabelos, da mesma cor dos olhos, lhe caem até a metade das costas, lisos. O vestido é o mesmo com que eu a enterrei. Eis meu cadafalso.

Já não sei se estou acordado, vivo ou morto. O pensamento pesado de transgressões e remorsos como um navio cargueiro se misturam em minha mente. O peito aos pedaços. Dilacerado. Meu coração é forte, meus ressentimentos é que me doem! Sua rouca e tenebrosa voz uiva dentro dos meus tímpanos:

— Se em vida fui para ti um tormento, morrendo eu serei tua morte.

— Não chegue perto de mim. – eu grito.

Mas ela se aproxima e eu já sinto suas mãos. E a esganadura no meu pescoço. Quando por fim ela cortou minhas forças e embrulhou-me em seu manto.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10

O encontro desmarcado

Reinaldo Fernandes
Brumadinho/MG

Foi caminhando pela praia – gostava de caminhar pela praia – que ele encontrou o número (dela) gravado na areia: 9885-1331 (081). Não gostava de interromper a caminhada mas, naquele dia, abriu uma exceção. Decorou o número: 9-8-8-5-1-3-3-1.

Voltou para a barraca. Passou a manhã ora lendo, ora se banhando, ora bebendo com os amigos. E o número na cabeça.

Se (ela) deixou o número na areia, só podia haver uma razão: um romance. Sim, ela queria um romance, encontrar alguém, quem sabe um amor de verão.

Chegou em casa, pegou o celular, passou uma mensagem: "Barraca do Goiano, amanhã, 11 horas". Não passou. No dia seguinte criou coragem e enviou. Não quis dar detalhes que era para aumentar o mistério.

Na outra manhã, às 10, já estava na Barraca do Goiano. Colocou sua melhor sunga, livro na mão, fingia que lia. Se era romântica, com certeza gostava de quem lia, ainda mais um Neruda.

Chegou um casal, mais um e outro. Uma turma de Salvador, pai, mãe, crianças; três rapazes, um grupo de três italianos. Não, não era ela.

Morena, cabelos soltos, uma boca maravilhosa, os lábios superiores um pouco mais carnudos que os inferiores, recatada. Sozinha. Seu coração, o dele, bateu mais rápido. É ela!, pensou.

Chamou o garçom, pediu uma água. Esticou a toalha na areia. Deitou, ficou 40 minutos, chamou o garçom, pediu outra água, pagou. Balançou a toalha, colocou na bolsa, olhou muito rapidamente ao redor sem parar em nenhum ponto, e se foi, levando seu corpo moreno e a boca maravilhosa.

"Vai ver não era ela! Ou dei poucas informações...", pensou. "Barraca do Goiano, às 11 horas, sou alto, cabelos pretos." Enviou.

No outro dia, lá estava ele, com seu livro e o coração apressado. Apareceram turistas argentinos, casais de namorados, três senhoras muito risonhas e conversadeiras, um vendedor de queijo coalho, um homem que fingia ser índio e vendia cocares e colheres de pau.

Loira, estatura mediana, seios fartos. Cabelos aos ombros. Tirou os óculos e mostrou olhos esverdeados, lindos! Girou nos calcanhares procurando uma mesa e ele pode ver o bumbum. Algo assim ao estilo Juliana Paes. Com esses

adjetivos, não podia ser ela, claro que não podia! Uma mulher assim podia ser devassa, sexy, dançarina de banda de axé, menos romântica. Menos ainda sozinha.

Ou não recebera sua mensagem, vai ver tinha deixado o celular desligado. Ou acabara a bateria.

"Barraca do Goiano, às 12 horas, sou alto, cabelos pretos, olhos castanhos, meio magro."

No 5º dia lá estava ele no lugar marcado, esperando um encontro marcado.

Já tinha pedido a conta quando ela apareceu. Ela era. Tinha todo o jeito: não era nenhuma Camila Pitanga, é verdade, mas não era feia, a pele marrom-bombom, olhos pretos (viu quando tirou os óculos que não eram de sol e colocou-os na mesa). Cabelos anelados, curtos, presos por baixo com uma tiara, boca grande e o rosto liso liso, como trabalhado em photoshop. Estava acompanhada de uma amiga – ou irmã, sabe-se lá – que minutos depois a deixou só como quem a deixava para o encontro.

Preparou a cadeira, pegou um livro. "Os 50 tons do amor", de E. Leopard James. Colocou os óculos. Aumentou sua (dele) certeza. Com aquele livro, só podia ser ela. Fingia que lia. Sim, ela estava fingindo. Mas seus olhos procuravam ao redor. Ao passarem por ele, sorriram, olhos e boca, e seu coração saiu pela sua (dele). Ou quase. No entanto, os olhos não demoraram muito sobre ele. Procuravam outros – rapazes? – baixos, claros, gordos, negros.

Juntou suas coisas, blusa, bermuda, o Neruda e foi para a pousada.

Vai ver, no dia em que gravou seu número na areia era seu (dela) último dia na praia, estava se despedindo. Vai ver, era isso.

O Fenômeno Trans

Massilon Silva

Aracaju/SE

A tarde era de um calor próximo dos 35°C na rua, mas naquela sala relativamente aconchegante não devia passar dos 20°C, tal a velocidade com que se movimentavam as palhetas do barulhento aparelho de ar condicionado bem à vista dos presentes. Cerca de dez pessoas, distribuídas em poltronas, cadeiras mais e menos confortáveis, bancos de cimento forrados com almofadas e outras simplesmente de pé, enchiam o local, um ambiente sóbrio de aproximados quinze metros quadrados, com bebedouro em um dos cantos, indicando que ali se podia dispor de água à vontade, gelada ou não; uma pequena mesa com duas garrafas de café informando ser uma com e a outra sem açúcar, xícaras de vidro e copos descartáveis, açúcar e adoçante. Logo na entrada um balcão, onde uma solicita atendente fazia anotações sobre a vida de cada um ao tempo em que prestava importantes e decisivas informações, entregava envelopes e anotava datas. Havia ainda uma mesa de centro com jornais e revistas, estas especializadas principalmente em moda e fofocas sobre a vida de personagens da tv. As paredes de cor cinza com variações entre o azul e o branco, exibiam quadros de pintores anônimos, imitações baratas de Picasso, Degas, Monet e outros, predominando figuras de famílias felizes e bem nutridas. Um quadro, porém, merecia destaque especial: a aplaudida foto de Leila Diniz produzida especialmente para a inesquecível entrevista d'O Pasquim, em que a badalada atriz brasileira desfila pela praia de Ipanema exibindo uma ridícula barriga, metida em um não menos ridículo biquíni, em tosca representação do final dos anos 60. O destaque, como não poderia deixar de ser,a barriga, transportava-se como se por milagre para cada uma das presentes, emprestando-lhes uma falsa beleza, orgulho das futuras mamães, que desconheciam a verdade sobre a foto - propagar as ideias de liberação feminina, consideradas revolucionárias para a época e das quais nossa Leila foi lídima representante. Conceitos que o trágico acidente aéreo que a vitimou não conseguiu sepultar. Completando o quadro geral, um aparelho de televisão exibindo programas de nenhuma importância e traço em audiência, excetuados os de desenho animados, vistos por algumas crianças que acompanhavam as respectivas mães, umas já veteranas outras prestes a ingressar no mundo encantado da maternidade. Uma placa retangular colada à porta da sala contígua exibia a palavra "médico".

O movimento era típico de um consultório ginecológico tradicional. Mulheres entravam e saíam ; acompanhadas ou não; por filhas, babás, mães, irmãs, colegas, bolsas Louis Vuitton , saias ou calças Yves Saint Laurent, blusas Dudalina, sapatos Prada, celulares de última geração e até maridos.

Sentado a um canto da sala, nem alegre nem triste, um tanto ou quanto deslocado no ambiente estava estava Ruan. Ruana de nascimento, boa aparência, estatura meã, cabelos curtos, barba por fazer, costeletas alongadas, camisa de mangas curtas e botões da direita para a esquerda, calça jeans, idade entre dezoito e dezenove anos, barriga pouco à mostra, resultado de uma gravidez de aparência incipiente e até certo ponto indesejada. Não conduzia bolsa de grife, babá e nem marido. Pouco ou nada falava sobre assuntos femininos; mostrava-se entre nervoso e apreensivo quanto aos problemas ligados à gravidez e/ou parto masculino, coisa que lhe eram totalmente desconhecidas, bem assim o eram também às presentes, pretéritas e futuras mães que ali estavam e até mesmo de parcela considerável da comunidade médica até então. Estamos falando de dias idos do segundo decênio do século XXI.

Deixemos o jovem Ruan às voltas com seu "estado interessante" e partamos a conhecer um pouco da história de sua vida.

Nascido em lar cristão, família de classe média e não muito ligada a rígidos conceitos, mas seguidora dos costumes tradicionais, foi de imediato reconhecido como pertencendo ao sexo feminino, e como tal levado à pia batismal onde recebeu água benta e óleos santos, renunciou a Satanás e todas suas obras, entrando para o seleto grupo dos que têm assegurada a salvação eterna, desde que, no decorrer de sua existência secular não se afaste dos sublimes preceitos. Dias depois, no Cartório de Registro de Pessoas Naturais recebeu o nome civil - Ruan, só alterado anos depois por força de decisão própria e permissivo judicial.

Inserida no mundo exterior, foi desde logo tratada com as peculiaridades e cuidados dispensados às crianças do sexo feminino. Deram-lhe um quarto todo pintado de rosa, espalhando-se pelas paredes desenhos que reproduziam as flores que ostentam o mesmo nome e delicadeza. Um berço de tonalidade idem, brinquedos leves e roupas apropriadas ao sexo. Ao atingir a idade escolar foi matriculada em escola particular, onde iniciou os primeiros contatos com os colegas de sua idade, começando ali a estabelecer em sua mente a diferença entre um e outro sexo e, de acordo com essas diferenças, as preferências de cada um.

Foi a partir dos seis anos de idade que começou a sentir as primeiras transformações de ordem psicológica, tais como o desejo quase incontrolável de

partilhar as mesmas brincadeiras dos meninos, as mesmas conversas, ler as mesmas histórias, gostar do mesmo gênero de filmes e cultuar os mesmos heróis. No respeitante às suas colegas meninas enxergava, ainda sem entender, como um grupo ao qual não se adaptava facilmente, como o fazia e sentia no tocante aos meninos. Não se achava confortável dentro daquelas roupas de tecidos leves, cores amenas e cortes estranhos que escondiam ora cerca de três partes do corpo, ora, a depender do lugar, quase nada.

Aos quatorze, quinze anos, no despertar da adolescência carregava corpo feminil que começava a exibir os primeiros contornos peculiares à idade, cabelos longos, lisos e bem cuidados, unhas eram apresentadas ao esmalte e lábios às mais variadas marcas e tonalidades de batons. As linhas do corpo bem definidas e seios salientes quase à mostra davam-lhe o toque final de gênero. Ruana, apesar de tudo, não se sentia psicologicamente confortável e começava a enxergar nas meninas, em particular as mais bonitas, atrativos que somente os homens em geral viam, mas não sabia muito bem o que aquilo significava.

Passado mais algum tempo deu para vestir-se e comportar-se socialmente como menino. Esse comportamento novo foi notado no dia-dia pelos pais, parentes e amigos próximos que, observando sua atenção pelo mesmo sexo pensaram tratar-se de um típico caso de lesbianismo. A Grécia Antiga foi então revirada pelo avesso, a ilha de Lesbos revisitada e a história da poetisa Safo e sua companheira Átis foi, por fim, lida e relida, e até onde foi possível interpretada graças aos escritos de Platão. Não era.

Ruana viu ser explorado o mais recôndito do seu ser. Psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas e educadores foram exaustivamente consultados, chegando-se enfim à conclusão de que tratava-se de uma pessoa trans, denominação desconhecida até aquele momento por seus pais que, malgrado seu fervor religioso, aceitaram a nova situação, à luz do olhar episcopal da tolerância, acolhimento e respeito às diferenças. Aquela descoberta foi para si um alívio, pois que a partir dali, vencidas as barreiras naturais da família, passou a exercer sua sexualidade em plenitude. Com o auxílio de profissionais especializados começou a tomar hormônios masculinos, o que lhe permitiu radical mudança de aparência física, com modificação no contorno do corpo, surgimento de pêlos no rosto e aparecimento do pomo de Adão. Mudou os gestos, a voz e o nome. Daí que, para se transformar em Ruan, foi uma questão de tempo e adaptação.

Nosso personagem mostrou-se um rapaz de feições agradáveis e muito ativo em suas relações, revelando-se assíduo frequentador de bares e boates, conquistador exímio, elegendo para compor seu séquito de namoradas quase sempre as mais bonitas e gostosas.

Aconteceu numa bela noite o inevitável. Conheceu Átina, que foi amor à primeira vista, desaguando em paixão arrebatadora. Estudante de arquitetura e trabalhando no segmento de moda, fazia bico em um teatro como assistente de cenógrafo. Tivera poucos namorados; não residia em casa dos pais e dividia um apartamento no Leblon com uma famosa travesti, figura bastante conhecida no meio artístico.

Conheçamos então sua história.

Átina nasceu Aldomiro e ainda em tenra idade recebeu dos pais o apelido carinhoso de Miro, podendo variar em certas ocasiões para Aldon. Ali a sociedade gestava um engenheiro civil, um militar de alta patente, um galã de novela ou um bem-sucedido jogador de futebol, tudo a depender de suas habilidades e escolhas pessoais, com incondicional apoio da família.

O destino, porém, lhe designava outro caminho. Logo nos primeiros anos de vida viu-se atraído pelas roupas, leituras, brincadeiras e afetações de suas irmãs, e aos 15 anos decidiu assumir em definitivo sua transexualidade. Deliberou por deixar crescerem os cabelos, que se tornaram longos, brilhantes, sedosos e cheios de viço; tomou hormônios femininos às escondidas e com a cumplicidade de um primo gay; pintou unhas e lábios, pôs em destaque os seios volumosos, as pernas torneadas, nádegas bem definidas, ao tempo em que lhe sumiram os pêlos. Enfim era uma mulher perfeita, completa em exuberância e sensualidade. Nem precisa dizer o que aconteceu em seguida na célula familiar. A mãe teve um ataque de nervos e o pai ameaçou deserdá-lo, o que mais tarde foi confirmado diante do fato consumado, mas a mudança era irreversível.

Poucas não foram as tentativas e investidas dos pais no sentido de reverter o quadro, mas sem sucesso, ouvindo apenas dos especialistas explicações das mais variadas que, apesar de sua comprovada cientificidade, não resultaram convincentes.

Em primeiro lugar recorreram à teologia, ouvindo de um ex-padre, casado, professor e brilhante em suas palestras, a explicação de que a resposta estava na Bíblia, livro do Gênesis, capítulo 1 versículos 27 e 28, onde está explícito que no sexto dia o senhor dos céus e da terra criou o homem à sua imagem e semelhança, mas o texto aclareia mais o milagre da criação quando diz taxativamente que "homem e mulher os criou". A coisa só tomaria uma nova definição a partir do capítulo 2 verso 21, quando o Todo Poderoso deferindo uma petição de Adão, separou os sexos, criando a mulher em separado mas sem dissociá-la em sua essência, visto que advinda de uma costela ali não se fizera nada de novo. A duplicidade de sexos estaria, segundo o professor, no princípio da criação dos seres humanos. Primeiro gol contra do futuro atleta.

Inúmeras outras informações foram colhidas sem que produzissem nos pais de Miro o efeito desejado. Leram, por exemplo, em artigo de uma conceituada revista que *"os transgêneros já fazem parte do cotidiano brasileiro, correspondendo a 0,5% da população e que já alcançaram no mundo a casa dos 35 milhões, o equivalente à população do Canadá"*. Obtiveram a informação de que hoje já foram identificados os "intersexuais", aquelas pessoas que nasceram com alguma variação de anatomia do aparelho reprodutor. Diante da possibilidade dessa última tábua de salvação foi constatado, para decepção geral, que não era o caso de Miro que era, em caráter definitivo, só e simplesmente transexual.

Por fim, expulso de casa e do coração da família, foi viver sua própria vida assumindo-se Átina.

Conhecendo-se, como já sabemos, afeiçoaram-se, apaixonaram-se e casaram-se,passando a formar uma nova família, excêntrica ainda aos olhos de muitos. Aconteceu o que era perfeitamente previsível, embora ainda difícil de se admitir na sociedade hodierna, mas que no futuro poderá tornar-se fato corriqueiro. Estando o casal em pleno vigor físico e intactos seus órgãos reprodutores, a gravidez de Ruan foi inevitável como inevitável foi contar esta história, para muitos sem pé nem cabeça.

Estamos de volta ao consultório onde o Dr. Chagas se encontra às voltas com (suas?) pacientes. O relógio na parede marca 17 horas e o entra e sai continua intenso. A atendente, sempre solícita e de ar indefinido, abre a porta e chama por Ruan que adentra à sala como quem se dirige ao desconhecido. Meia hora depois reaparece com as mãos cheias de caixas e mais caixas de remédios "amostra grátis", além de papéis que vão desde receitas a solicitação de exames, passando por recomendações sobre regras de comportamento a serem seguidas durante a gravidez. Sem ter como e em que acomodar tanta coisa, sentiu que naquele momento um importante acessório feminino lhe fazia falta - uma bolsa.

As outras pacientes, entupidas de curiosidade quiseram saber de logo se estava tudo bem com o feto e seu pai (ou seria mãe?), e diante da resposta afirmativa alongaram a conversa até a inevitável indagação sobre sexo e possível nome. Quanto ao sexo, respondeu Ruan: não está definido, satisfazendo o fato de ser apenas um bebê. Por enquanto chamemos de meninx.

O homem do cão

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

Em rapidez de ocasião numa manhã solarenga, lá seguia o veículo rumo à propriedade espaçosa e acolhedora em perspectiva futura onde a casa-museu ia sendo preparada desde meses que havia por dedicação a causa de índole cultural. Obviamente que a velocidade empregue nas mudanças que acompanhavam até destino final eram vistas como responsáveis, havendo que contar com as demais pessoas igualmente circulando. Transportavam-se objectos diversos para a casa em questão, alguns de fragilidade evidente, outros mais robustos ou volumosos e, enquanto se avançava pela estrada fora, relembrava-se o muito que teria de ser feito nesse dia, como arrumação aqui e ali, separação de itens por secções ou temas. Talvez horas não fossem suficientes mas, pensando melhor, o que não ficasse concluído nesse dia, oportunidade nova receberia em momento outro ainda que fosse importante o não adiar de tarefas. Chegando-se na proximidade de museu para gerações vindouras, rapidamente se constatou inexistência de lugar em parqueamento, recorrendo-se à sempre nada agradável fila segunda para mudar tudo o que se levava por casa adentro, ficando esta bem mais alegre com novas peças, culturais obras e enriquecedores documentos. Findo esse trabalho moroso, completado em dezenas de vezes por trajecto de proximidade visivelmente diminuta, houve que ir procurar estacionamento para o resto do dia, um pouco mais acima onde se vislumbrou lugar único, o que nem foi motivo para admiração, uma vez que apesar de ser dia de semana, era já bem conhecido tratar-se de bairro onde aparentemente moradores não trabalhavam ou faziam-no com periodicidade esporádica. Houve o desligar do veículo no preciso instante em que um homem passeando seu cão, se virou para ficar defronte automóvel no imediato dele chegando e estacionando. Parecia que no talvez da situação quereria ele conferir quem iria sair e para onde tomaria sua direcção, o que nem espanto causou, pelo simples habituar de quarteirão feito

porventura bairro com gente sempre tão preocupada com a vida alheia, ou seja, utilizando a expressão mais comum na usual curiosidade das pessoas ou, arriscando um adicional mas pouco ou nada dito no antes, sem grande modéstia na sabedoria de uma expressão nova aqui introduzida, na coscuriosidade delas. Assim mesmo por novidade em substantivo no caracterizar de ocorrência pela frente, de tal modo que não existia vontade de se prestar à situação que o homem do cão no aparente pretendia e, sem demoras embaraçosas, telefone mesmo ali à mão foi ajuda salvadora, pensou-se. Com efeito, bastou levá-lo até junto do ouvido direito para simular conversa de ocasião como se houvesse alguém do outro lado. Por vezes, falando com o próprio eu de personagem até poderá ser interessante dito como «É muito aprazível conversar com o meu heterónimo, o qual aparece nas mais díspares ocasiões como salvador.» Mas o sujeito que observava, esperando satisfazer sua curiosidade ou até expressão antes inventada não saiu dali, aguentando movimento de cão que demonstrava intenção de caminhar para lado diverso. O homem olhava mesmo frontalmente, havendo o deslocar na defesa em forma de telefone para junto da orelha esquerda. Parecia dizer ele coisa qualquer em modo de grunhido feito resmungão, assim suposto numa apreciação nada objectiva. Sair do veículo é que não era hipótese considerada, resistindo na espera perante o debandar do insistente que já fazia no então «Uma situação que desespera!» O tempo ia passando e o diálogo na invenção de interlocutor continuava e assemelhar-se-ia bastante agradável, ou não fosse na companhia de indivíduo em heteronímia identificação. Mas consideração esta já ele, o homem do cão, não poderia saber. Costuma-se pensar e há quem o diga, sem grandes rodeios, que os animais, e aqui os canídeos é que preenchem tal designação, adoptam comportamentos de «Donos da rua», por vezes numerosos na intimidação de quem supostamente lhe for desconhecido. Mas nesse dia aqui descrito até parecia que o dono da rua seria o homem em vez de seu rafeiro, o qual olhando bem para ele, notava-se evidente vontade em ir embora, naturalmente para o conforto do lar. Mas seu chefe tinha opção diferente, não se sabe porque motivo estaria a levar situação ao extremo de minutos somados em horas, talvez sentindo-se mais que dono do

bairro, inclusive atendendo seu telefone e recusando ir almoçar perante esposa por dedução. Ninguém cedia, nem mesmo diante novo heterónimo, quando diálogo suposto com o anterior ficou sem mais assunto até ocasião nova que necessária pudesse vir a surgir pela frente. Houve quem se apercebeu, não pelo singular nada comum, mas sim plural mesmo, não só percorrendo rua mas até nas varandas, parecendo que apostas se levantaram sobre quem iria ceder primeiro. O cão implorava pelo sair dali, o que levou à maioria estar pelo homem de pé na rua diante veículo estacionado, não no adoptar de bom senso em comportamento que esse já tinha desertado havia minutos por sessenta multiplicados, mas apenas no regresso a casa, deixando o outro dentro do carro respirar. Mesmo com um pouco de ar entrando pelo vidro aberto num centímetro, estaria irrespirável por certo, visto lá de cima, num par de varandas onde mais mirones diziam ou conjecturavam estarem no bom tempo seu por empregue na melhor das tardes como desde muito não tinham passado. Nem se lembrariam de tamanha envolvência ali mesmo perante olhos seus de tão pasmados que estavam. O fim de tarde aproximava-se, o escuro pressentia-se mas «O coscurioso está prevenido» dito na observação de lanterna acesa no telefone, parecendo demonstrar ao seu observado refém como não iria sair dali enquanto o automóvel pela sua frente não ficasse vazio, não importando o quanto lhe implorasse seu cão ou os telefonemas insistentes de sua esposa, a qual talvez o vislumbrasse naquelas figuras inimagináveis de antemão, desde o conforto do lar, ou talvez nem tanto. Escureceu mesmo e não haveria como duvidar que esse momento chegaria, mas na hora crucial a lanterna falhou, parecendo haver sorriso triunfante em quem se sentia preso dentro de carro seu. Mas foco de luz por sorridente alternativa existia em porta-chaves feito candeeiro e parecia que a noite iria ser longa para desespero de um e envolvência de muitos a acenderem os candeeiros de suas varandas para perderem simplesmente nada. Nem mesmo necessidades de canídeo por ali mesmo e até do «Dono da rua» pelas calças abaixo, parecendo soletrar «Vou resistir até ver quem irá sair do carro e para onde caminhará ele!» Já não se entendia o que se passava dentro do automóvel, se estaria a dormir ou a conversar com mais alguém, talvez novo heterónimo,

mas isso só ele, o dono não do bairro mas apenas da casa-museu, ainda que por futura, saberia dar sossego às mentes inquietas, para não ser utilizada expressão eventualmente mais satirizante. O escuro era tanto que nem com os feixes de luzes das varandas se percebia em concreto tudo o que sucedia no parque de estacionamento, o qual era iluminado o suficiente. Mas por pouco mais, pois um rapaz por ali passando, nada ao acaso, atirou uma pedra certeira e em cheio para o candeeiro mais próximo do teatro de rua, parecendo com isso poder acabar a peça, visto ser insuficiente toda a luz adicional em porta-chaves e varandas, ainda para gáudio supremo da assistência quando as chaves na mão testemunharam fim de iluminação então acesa especialmente para elas. O sujeito ficou danado pois no entretanto quase nada via ele nem mesmo cão zombando de seu dono, que é como quem escreve, de si próprio, pressentindo ser finalmente hora de regresso, tal e qual mulher dele ralhava por bem ou mal ou até pelos dois, quase num altifalante feito seu telefone. Nas varandas batiam-se palmas e o carro viu-se finalmente livre de passageiro, ainda que encoberto pela escuridão adjacente da noite amiga. Mas por pouco tempo, já não iria fazer o que queria tanto, razão pela qual ligou o motor e lá foi no seu destino falando consigo ou talvez com heterónimo ainda não conhecido sobre «O que iria fazer também não é assim tão importante.» Na rua onde tudo se passou, o cão finalmente puxava com triunfalismo ainda que cansado e muito, o homem vergado na sua «Coscuriosidade» dita mais adiante dentro do automóvel dali saído instantes volvidos, ou talvez não no dizer seu «Em situação esta fiquei desconhecedor do vizinho ou quem fosse ele e para onde iria mas também eu estava ali porque gosto de apanhar ar. Só isso. Quem ele é ou o que possui aqui no bairro torna-se nada importante para mim. Eu não sou curioso nem coscuvilheiro. Nem mesmo se aplica à minha pessoa a junção das palavras duas. Minha sentença por inteiro.»

O homem e o carnaval

Lourildo Costa

Volta Redonda/RJ

Era bem de manhãzinha. As pessoas ainda dormiam dentro de suas casas, enquanto os primeiros ônibus vomitavam foliões que chegavam fatigados por virarem a noite nas folias do carnaval. Olhos modorrentos estampavam os rostos bem poucos aformoseados da gente que passou a noite na farra e na folia. Eram caras cobertas pelos véus da licenciosidade e da pândega. Os passageiros desciam ziguezagueantemente à procura de abrigo. Será que alguns se lembrariam da casa que deixaram na noite anterior, do filho carente de pão e da mulher que necessita de carinho?

Os veículos de comunicação de massa já traziam as primeiras notícias que precederam aquela quarta-feira de cinzas. A vida carnavalesca é cheia de diversões, de folias e de folguedos. Todavia, depois da festança, aparecem as prestações atrasadas e o minguado salário que ficou reduzido a quase nada durante as noites de folgança ruidosa. Muitos, talvez, não conciliassem o sono, devido os gritos da mulher que clamava por um pedaço de pão para o filho faminto. O homem, ainda em estado de sonolência, colocaria a culpa na inflação que corrói as economias de cada dia. A mulher acabaria concordando com o marido recém-chegado da farra, mesmo estando aborrecida, mas aceitaria o argumento de que o custo altíssimo era o vilão da vida desafortunada – só para não discordar do marido. Não percebiam que o viver se tornava mais tristonho, após cada carnaval.

Era bem de manhãzinha. Entre os transeuntes enfadados de sono, vi descer um homem que muito mal se aguentava sobre o próprio corpo. A fantasia parecia-lhe um fardo, de tão incômoda. O que deveria passar em sua memória? Talvez ainda pudesse ouvir o rumor de muitas vozes, como as vozes de uma

grande multidão neurastênica; gente cantando e gritando, muita gente pulando atrás de uma máscara. Também guardava na memória os sorrisos artificiais do coletivo de pessoas eufóricas e suadas de tanto pular. As vozes em tom excessivamente alto agora doíam em seus ouvidos, lágrimas rolavam nas faces ao ritmo do samba. Muitos batiam os pés, outros balanceavam o corpo, outros sacudiam as mãos. No meio daquele turbilhão de pessoas que dançavam redemoinhando o homem via a si mesmo, extraordinariamente se divertindo, diante das mulatas seminuas que arfavam os peitos seminus à sua frente. Elas pareciam rir tanto que os seus seios cresciam imperceptivelmente com o fluir e o refluir da respiração. Três dias e três noites foram suficientes para esquecer a mulher que reclamava copiosamente, o filho já doente por causa da fome. Pelo menos, durante o carnaval, poderia gritar e dar altas gargalhadas e ninguém se importaria com isso.

Era bem de manhãzinha e uma tonalidade pouco fúlgida ameaçava misturar-se aos fantoches ambulantes que caminhavam pela avenida. Os fantoches, pelo menos, são versáteis e espontâneos, ao contrário dos seres mortos vivos que caminhavam em direção à suas casas. O mundo parecia-lhes pequeno, diante do oceano de problemas que se transformaram num enorme salão de pandemônios. Milhares de pessoas estão voltando dessa festa. Alguns se fantasiaram de presidentes e houve até quem se vestisse de ministro do carnaval.

Era bem de manhãzinha e vi descer aquele homem ziguezagueante que carregava uma taça quebrada em uma das mãos. Parei, por um instante, para fitá-lo até desaparecer na última esquina. Quantos, na mesma situação, dobrariam aquele canto do cruzamento da avenida como fuga da tétrica realidade. Ao tentarem conciliar o sono, ouviriam apenas as vozes grugulejantes de uma criança e irritadiça de uma mulher rixosa.

Texto vencedor do 2º lugar no 1º Concurso Literário do Clube de Funcionários da CSN

lourildo_2006@yahoo.com.br

O mesmo cara

Eduard Traste
Florianópolis/SC

descobri que podia ser poeta
quando conheci um baixista
que tocava com duas cordas, apenas
e certa vez me confessou:

- uma corda é puro charme, eu poderia tocar
só com uma delas

conheci outro cara que me ensinou algo
também. foi no meu antigo emprego – carregador
de merda em tempo integral.
ele veio com essa história pra cima de todos
de que seu hálito era de café, naturalmente
e de fato muitas vezes reparei
o detalhe é que ninguém nunca o via tomando café
ele não ousava se aproximar da máquina
do café. e do nada lá estava ele arrotando café
novamente. e assim a fama dele
se espalhou

então certa vez ele me disse:

- olha só, preciso confessar
e vai ser pra ti mesmo
só porque você foi o único
que até hoje
não se mostrou interessado

- hmm

- o lance são as minhas pintas..

- hmm

- veja bem. observe minhas pintas..

então eu observei e não tinha nada demais
em suas pintas, e ele concordou
e então me mostrou
o outro braço, e sim
o cavalo estava com a merda ali
toda exposta e ninguém nem se quer percebeu
e ele continua, e se bobear
até hoje não perceberam
suas pintas
de café

- hmm

www.estrAbismo.net

O ouro reluz e boca conduz

Lauchume
Rio de Janeiro/RJ

Mais uma vez o ministro me bombardeia com uma papelada que tenho d'analisar e entregar, sempre e sempre papeis burocráticos, e os de hoje sobre empréstimos pegos pelo Conde de bancos d'uns burgueses citadinos. Pra que precisa o Conde, homem naturalmente rico, de tanto dinheiro ? Declarar guerra aos alemães ou construir uma ponte sobre o canal da mancha ? Ora, homem louco.

Num vejo um empréstimo de dois milhões de escudos para reparos na carruagem e n'outro quinhentos mil para a manutenção das armas d'Estado. Eis um homem prudente, primeiro teme chegar atrasado aos ofícios, e também o poupa d'um assassinato, custando isso dois milhões e meio dos cofres públicos, pagos em... por São Louis IX! "Com prazo máximo em cinco anos com doze porcento de juros por ano".

— Ministro, Ministro! — disse enquanto corria em seu gabinete.

— Que foi, homem ? Se recomponha! — respondeu-me rispidamente.

— Temos um rombo no Erário, dois milhões e meio, com doze porcento de juros por ano. Vamos dever até a alma aos banqueiros! — disse-o a plenos pulmões.

— Te acalma — dizia enquanto lia os papéis — É... o conde deve ter assinado sem ler... de novo... Vá até a cidade e negocie com os banqueiros, são animais egocêntricos ao extremo. Não retorne com mais de cinco porcento! — disse-me quase me enxotando do escritório.

"Como um homem de mente tão oca pode ocupar um condado tão cheio, isso é, de dívidas!" pensei enquanto andava nos corredores do luxuoso palácio urbano do Monsieur Philippe, banqueiro dos banqueiros, credor do Imperador, do Papa e quem sabe até do Todo-Poderoso.

O barrigudo ancião de cabelos alvos me esperava sentado, com um óculos minúsculo à face e um candelabro que irradiava como um sol particular, os olhos do usurário eram já fundo quem nem de perto os enxergaria, mas até um cego conseguiria ver o tamanho luxo daquela sala que poderia ser chamada de pequeno palácio com facilidade.

— Senhorrrrr Frrrrrançois, sente-se porrrrrfavor. — disse-me assim que entrei em sua sala.

— Como vai, senhor Philippe ?

— Bem, e se puderrrrrr ajuda-lo de forrrrrma que não lhe tome muito tempo ficarrrrrrei melhorrrrrr ainda. — respondeu-me com que cheguei a conclusão de ser sua voz normal, um notável sibilar da letrar "r".

— Preciso d'uma revisão de contrato — e entreguei-lhe os papéis — Desejo a diminuição de doze para cinco porcento dos juros e prazo máximo de dois anos. — incisivamente o disse.

— Senhorrrrr secrrrrretárrrrrio! Que absurrrrrdo! Não é assim que me torrrrrnei banqueirrrrro do Santo Padrrrrre. Façamos assim, diminuo para oito porcento e três anos e o senhorrrrr fica me devendo um favorrrrr. — com a altivez d'um Cæsar.

— Senhor Philippe, olhe para essa sala, vê este teto que nos sustenta, parece ser de madeira de pinheiro das florestas negras de Teutoburgo, d'onde caíram os romanos nas mãos de Arminius. E este belo candelabro de bronze corinto de incontáveis velas de cera persa, não ?

— Sim, sim. Imporrrrrtadas da Pérsia. — já envaidecido.

— Esses livros todos que só um Heródoto ou um Lívio poderia ter lido, em estantes de madeira de bétula escocesa — daquela difícil de se achar, eu sei — gritam que o senhor é homem culto e sábio. Este carpete tão suave aos pés, combinado com essa mesa tão imponente quanto a de Carolus Magnus abrigando este belo globo, d'alguém que conhece a importância da integração do mundo, e toda essa papelada organizada, mostram categoricamente que o senhor é homem razoável e de bom gosto.

— Fazerrrrr o melhorrrrr é o que imporrrrrta, serrrrr o melhorrrrr é consequência, senhorrrrr secrrrrretário. — já sentindo-se Saturno entre os deuses.

— Pois peço que reconsidere, nobilíssimo senhor, o contrato. Que diriam os alcoviteiros — aqui disse mais baixo, quase o confidenciando — seus concorrentes ? Que o senhor é rígido e faz o perfil tirânico, que toma decisões a ferro e fogo, e isso não é imagem de alguém da sua estirpe. — o jogo estava totalmente a meu favor, percebi.

— Senhorrrrr Frrrrrançois, és mui esclarrrrrecido, porrrrr isso gosto dos suborrrrrdinados do conde, semprrrrre da alta. Quanto ao contrrrrrato, fixemos em um ano e meio com quatrrrrro porrrrrcento de jurrrrros simples. Não queremos ninguém com problemas, nem as contas do conde, nem o meu nome. — como se me concedendo vassalagem, escrevendo em outro papel.

— O conde aprecia sua amável decisão e não se esquecerá dela, mantendo sólida sua amizade com o senhor. — agradeci-o, mais a seu orgulho, que salvou o conde, que a ele próprio.

— Estou semprrrrre à disposição de meu senhorrrrr, e me é prrrrrazer inarrrrrável fazerrrrr negócio com ele. Que os santos protejam-no em seu caminho, secrrrrretário. — despediu-se agradavelmente de mim.

A orgulho é a cabelereira que tampa a soberba dos banqueiros, e é esta que pensa e distribui luxúria, como um coração que bombeia desgraças, que não são da minha alçada, mas as que geram catástrofes no condado são da conta até dos mendicantes.

Retornando ao Palácio d'Artois vi o conde brincando com os filhos no jardim, como pode recair àquele homem tão desvairado, nascido para taberneiro — ou pior, bêbado — a responsabilidade do coração financeiro da França ? E o que seria do Conde sem o ministro o pondo nas rédeas ? E pior, que seria do ministro sem seu secretário olhando os pormenores dos documentos ?

Disto tudo só penso: de onde vem o poder e quem o mantém ?

O palhaço

Rodrigo Duhau
Brasília/ DF

Seus falsos cabelos eram cacheados e exageradamente coloridos...lilás, amarelo, verde e azul se embaralhavam para forjar uma peruca que escondia os fios pretos básicos e sem graça.

A pele do rosto mudara de cor. Agora, a tez morena escura se embranquecera, mas não era palidez e, sim, a maquiagem edificando o personagem. O batom vermelho expandia e engrossava a boca, que tinha seu contorno rabiscado por um lápis preto já gasto.

O lápis foi também utilizado para realçar a parte inferior dos olhos, as chamadas linhas d'água, e para desenhar finíssimas sobrancelhas, ocultadas pela tinta branca aplicada na face. Uma densa lágrima figurou no lado direito do seu rosto. A maquiagem fora finalizada.

O nariz não fugia à regra. Era de plástico e de um exuberante vermelho.

A blusa de mangas compridas era bicolor: vermelha e amarela. Listrada nas mesmas cores, a calça folgada parecia um saco de batatas com largos bolsos. Grandes sapatos rubros e de pontas arredondadas completavam a fantasia.

O circo estava apinhado. Sua entrada no picadeiro foi triunfante, e o espetáculo irrompeu, proporcionando suspiros, incredulidades e gargalhadas à plateia. Naquele palácio da alegria, o bobo da corte, melhor dizendo, o palhaço era o verdadeiro rei.

Malabaristas, mágicos, contorcionistas e acrobatas se exibiram. Então, a apresentação chegou ao fim.

O palhaço retornou ao seu camarim para retirar a maquiagem. Progressivamente, o personagem foi se esvaindo. Restaram-lhe apenas a lágrima e suas angústias da vida real. Deitou-se em sua cama elástica particular.

Amanhã o show tem que continuar.

www.facebook.com/rodrigoduhau

O plano funerário

Alexandre Espósito

Assis/SP

Kevin Covas trabalhava no Cemitério da Paz como coveiro. Numa cidadezinha pacata onde morre gente duas vezes por mês, ele tinha muito tempo livre para pensar na própria morte. Achava a maioria dos funerais feios, e sem brilho algum. Mas acreditava que o dele poderia ser diferente.

Anderson havia comprado um ótimo túmulo com o dinheiro que economizara por quase oito anos. Pagava também um plano funerário de categoria platinum, o mais caro possível, com direito a caixão de ébano, terno Armani, coroas de flores, gente chorando coral e cafezinho para os convidados. O valor que pagava era um terço do salário do coitado mais os bicos que fazia como garçom. Pelo menos, se não podia ser um dono de um lar luxuoso e ter grande estilo em vida, iria tê-los na morte. Mas sabia que iria morrer num terrível acidente na casa da tia que nunca trocou a mangueira do botijão de gás? Deveria ter comprado uma urna funerária só por precaução.

O pretenso

Sarita Bezerra
Juazeiro do Norte/CE

Não acredito que existam pessoas sem transtornos psicológicos. Acredito que existam os conhecedores ou não das muitas letras e ciências. Os que se apoderam dessas armas, valendo-se delas para, com muita eloquência, despistar, encobrir, camuflar sua verdadeira natureza, que é, essencialmente, problemática. São os que me enojam, os que desconfio com demasia em comparação ao primeiro grupo. Visto que encobrem sua personalidade com uma roupagem de "ser perfeito", habitável em qualquer campo, deixando os "problemáticos" ainda mais loucos à procura de tal perfeição. Eles se mostram psicologicamente "bem-sucedidos" e ainda julgam, com caráter penoso e por trás de seus muros de 10 metros onde ninguém entra nem sai, os doentes, os problemáticos, os descobertos, os seres normais e desprovidos de artimanhas protetoras.

Assim foi Pedro, o apóstolo que não abandonaria e, se preciso fosse, morreria por Jesus, mas que negou seu Senhor por três vezes antes que o galo cantasse. Ele vestira a roupa da impetuosidade, da coragem, do homem Homem, do valente, mas não passava de um negador, medroso, vulnerável e de espírito instável por trás de supermuros.

Assim somos eu, você e Thomas.

Thomas era homem de aspecto puro, culto, eloquente, intocável. Ser de visível magnitude e exacerbante inteligência. Ele não era arrogante, nem do tipo bobo que se pode humilhar. Thomas era modelo, fonte, Thomas era ponto de partida. De sua boca jorravam valorosas lições que declamava com maestria. Onde? Nos discursos motivacionais da vida. Era ilustre tê-lo por perto, ouvi-lo.

Suas alocuções eram introduzidas por dados estatísticos que comprovavam o crescente e incontestável número de pessoas sendo objetos de estudo da psicopatologia. À proporção que ditava os números e características, os ouvintes, conscientemente, encaixavam-se ao modelo apresentado. E ao mesmo tempo

sentiam-se aliviados, ao constatar que estavam no lugar certo, com a pessoa certa que ditaria o jeito certo de sair do quadro dos "loucos".

Suas lições não eram inovadoras, eram frases feitas seguidas de relatos pessoais nos quais utilizara tais ensinamentos e obtivera bons resultados. Apesar de hábitos já expostos, Thomas tinha uma oratória confrontadora, inibidora que com a impostação adequada da voz, acoplada à sua invejável postura, não permitia a intromissão de contra argumentações.

"É verdade!", "É assim!", "Que homem!" - dizia-se.

Ao final de suas palestras ele havia dado nova vida aos que ali estavam. O coxo andava, o cego via o morto ressuscitava. Era adorado, admirado, invejado, exaltado. Sua fama se espalhou e seu conhecimento enveredou incontáveis almas perdidas.

Já em casa, em terra firme, reinava o homem "quase comum". Não era controlado, paciente. Era impulsivo e iracundo. Nas fases mais simplórias do jogo da vida real, do lar, Thomas não conseguia passar. Isso lhe condoía a ponto de se bater, debater-se, agredir-se. A autoflagelação lhe era purificadora, pois não viver o que pregava lhe causava um remorso descomedido.

Sua esposa e filhos ora ou outra conseguiam inferir falhas através do vazamento emocional que se rompia com a pressão interior. Por muito tempo foi lhe difícil a tarefa de fingidor. Até que não aguentou mais e se morreu.

https://www.instagram.com/saritarevisa/

O príncipe da Cracolândia

Márcia Lupia
São Paulo / SP

Viu sua mãe ser consumida pelas chamas. Sua vida passou a ser luxúria. Amor proibido, traições, a oferta para um castigo: a doença fatal. Desilusão, abandono, depressão e o crack. A fuga. Luta contra si mesmo. Definhando aos poucos. Desistindo. Céu? Inferno? Comprimidos. Fecharam-se os olhos. Fim.

O que é ser Rondonista?

Mairon Neves de Figueiredo
Viçosa/MG

O Projeto Rondon, uma iniciativa interministerial do Ministério da Defesa, que une as demais esferas do governo federal, estadual e municipal, afim de contribuir com o desenvolvimento local sustentável e na construção e promoção da cidadania. Através de ações que tragam benefícios permanentes as comunidades. Deste modo os estudantes participantes, tem a oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico, e desenvolver o senso de responsabilidade social em prol da cidadania.

Expectativa

Diante de uma vida tão passageira, o que fazer com o nosso tempo, o que deixar de legado, e como otimizar nossa breve passagem por essa terra? As férias para uns, tida como período de lazer e descanso, para outros um momento de arriscar no inesperado e se entregar ao desconhecido. Um aluno, uma pessoa, um sonho, um futuro profissional que passa a dedicar parte do seu precioso tempo ao outro. O que leva diferentes pessoas, professores, alunos e militares a se unir com um único objetivo.

O projeto Rondon, uma iniciativa do Ministério da Defesa, que por anos vem auxiliando comunidades e motivando vidas. Levando os estudantes a atuarem sob condições totalmente adversas, onde imergem num contexto local, bem distinto de suas origens.

Em alguns minutos de prosa com qualquer ex-rondonista, o projeto, pode ser descrito como magico, único e transformador. O que torna um projeto tão incrível, como cerca de 15 dias mudam toda uma vida?

Entrar num processo de seleção, ouvir falar sobre as maravilhas do projeto e sob as provações que terá de passar. Viver sob aquela incerteza de ser ou não aprovado. Ser aprovado e designado a preparar oficinas, capacitações, cumprir tarefas e principalmente dar origem a um processo de multiplicação. Como multiplicar algo? Como ser esse agente transformador de algo capaz de melhorar a realidade de um lugar?

Sair de casa, fugir do conforto do lar, deixar todos os problemas para trás e reunir com diferentes pessoas, de diferentes cursos e montar uma equipe, e que equipe. Representar uma universidade, carregar toda uma responsabilidade, e

tentar fazer a diferença. Cada um com um potencial, com dinâmicas totalmente diferentes, com percepções tão diversas, mas com único foco.

Viajar, admirar as paisagens e tentar prever o que o destino tinha reservado. Mesmo no aeroporto, perceber a empolgação de outras equipes e se encantar com tantos rondonistas, e tanto entusiasmo. Como alguém de tão longe poderia ser tão útil e realmente fazer a diferença?

Chegar a um quartel, enfrentar a rotina rígida, se adequar as normas e se colocar no papel de um militar. Um aluno, um civil, mas com responsabilidade e rigidez de um militar, que tinha uma missão a ser cumprida.

Ser apresentado a uma babá, um militar, que atendia por Anjo. Um vigia, que deveria fazer a escolta e garantir a proteção dos rondonistas. Uma sombra, que seguiria aos rondonistas e estaria ali sempre a disposição, para quaisquer eventualidades.

Integrar a outra equipe, representar um município, fazer parte de uma só peça do projeto. Unir conjuntos de atividades e encantar toda uma comunidade. Lidar com novas pessoas, ainda mais distintas, com características tão diversas, costumes, gírias e até mesmo ideias totalmente contraditórias, que deveriam se unir. Por fim perceber que a conciliação e integração dessas equipes seria um ponto crucial para sucesso da operação.

Realidade

A expectativa aos poucos foi se tornando realidade. Desde o primeiro encontro entre as equipes que iriam operar no município fez florescer uma união. Pessoas tão distintas, alunos dos mais diversos cursos, com experiencias e realidades tão contraditórias, se tornavam aos poucos uma só equipe. Como pessoas tão diversas, com diferentes opiniões poderiam ser capazes de transformar uma cidade?

Chegando a cidade uma nova realidade, muito além do previsto. Cultura, jeitos, hábitos, manias, gírias e comidas. Como não se impressionar com frutos tão diferentes, sabores, ácidos, doces e amargos. Alguns de nós comparavam sempre, “isso se parece com ...”, sempre dividindo opiniões. Para uns frutos maravilhosos, para outros sabores horripilantes.

Para a população local, surgiam pessoas de tão longe, com sotaques tão diferentes que os fazia rir. Nossas gírias aos poucos foram se misturando, e nossas oficinas se tornaram um verdadeiro momento de troca.

O papel do rondonista se fazia muito maior do que apenas auxiliar com conhecimento. Um período de doação e entreguismo ao próximo, marcado pela responsabilidade e dever com a população local.

Pessoas tão fechadas, com sentimento tão distante, que aos poucos foram desabrochando uma felicidade inspiradora. Tanta riqueza, tantas experiencias reunidas em um só lugar. Por trás de cada olhar, uma história, uma vida que se revelava, tão encantadora e inspiradora. As capacitações, se tornaram verdadeiras salas de aula, em que todos eram os alunos.

As oficinas e capacitações, foram sendo preenchidas, e cada vez mais pessoas se interessavam por temas tão variados. Saúde, Educação, Trabalho, Meio Ambiente, etc. temas tão comuns, mas com perspectivas tão diferentes. Oficinas cheias de pessoas tão curiosas que iam mostrando um total desconhecido, e revelando aos poucos mais uma das faces dos Brazis de um mesmo Brasil.

A satisfação única, ao perceber que mesmo diante de tantas dificuldades, ainda existiam heróis. Que mesmo ali, naquela comunidade existiam pessoas que nadavam contra a corrente, e apostavam em um futuro melhor.

Oficinas que deveriam durar poucas horas, se estendiam ao longo do dia, conversas e bate-papos que renderam amizades e muito aprendizado. Pessoas que muitas vezes se encantavam com um Bom Dia. Horas em que tudo o que precisavam se resumia a atenção e companheirismo. Minutos e segundos que iam ficando para trás, sempre acompanhados com um "Deus te abençoe" ou "Deus lhe pague".

O tempo aos poucos veio a se tornar escasso e a despedida se tornava algo cada vez mais inevitável. Olhar nos olhos das pessoas, e ver um brilho diferente, uma vontade que se acendia. Tentar lidar com perguntas como "Quando vocês vão voltar?" e não saber a resposta.

Entre os rondonistas uma sensação estranha tomava conta do ambiente. Dever cumprido? Quando será a nossa volta pra cá? Difícil lidar com a saudade de casa, e ao mesmo tempo perceber que viemos de tão longe, mas este agora também é meu lugar.

A maior alegria vem do rondonista, ao perceber que pode fazer a diferença. Que independe da formação pode ser capaz de plantar sementinhas, em muitos casos, deixar verdadeiras plantações de futuros agentes transformação. Se dedicar a outras pessoas e deixar nelas uma marca de esperança, alegria e inspiração.

O que fica

A despedida é sempre muito difícil. Como deixar para trás pessoas tão acolhedoras. Chegamos como visitas assustadas em um novo ambiente, agora saímos, como filhos que não querem se desgrudar do ninho.

Perceber que os nossos problemas são tão fúteis, que a vida é tão bela e passageira. Dar valor a cada passo, a cada conquista. Ter a certeza de que em algum momento tivemos utilidade. Servimos e fomos muito bem agraciados com sorrisos. Deixar para trás a esperança, acompanhada do carinho e da sinceridade em cada olhar.

Planejamos sofrer tanto, esperávamos um rondon tão exaustivo e foi isso que encontramos. Fisicamente muito sofrido e desgastante, mas por dentro, eternamente gratificado.

E nossa equipe? Que equipe! A nata, pessoas tão admiradoras, capazes de mostrar seu enorme potencial! Poder sempre contar com os colegas. Nossas crises, discussões, se tornaram um longo aprendizado. Passar por momentos impares, de dificuldades e superação. Criar laços que se estendem ao vinculo da amizade e deixar nos mais diversos cantos do Brasil, eternos amigos!

A cada lembrança pudemos perceber o que é ser rondonista? Ser rondonista é fazer acontecer! Despertar e facilitar oportunidades, deixar um legado de prosperidade e esperança! Possibilitar que mais pessoas continuem firmes na luta, com garra, vibração seguindo sonhos cada vez maiores. Se apaixonar cada vez mais pelo Brasil, pela diversidade. Voltar para casa e trazer consigo na bagagem o essencial, um brilho nos olhos e certeza de um futuro melhor!

O Tempo e a Ansiedade

Chievato Lerini

Pacatuba/CE

Oh, tempos de ruínas, de ansiedade!
Por que meu coração eu não domino?
Selvagem peito que sobre o destino
Caminha e os sentimentos meus invade.

Oh, tempo! Tu abrumas que verdade?
As dúvidas de futuro eu rumino,
Perturba-se a organização do tino
E se consome minha sanidade.

Ao menos haverá uma vitória
Que compense minha longa labuta,
Enquanto vivo esta vida ilusória?

Somente me nutro da ânsia mais bruta;
Dedico-me o tempo para a alta glória...
Morre-me o presente e o tempo me enluta.

Wantedpoet (facebook)

Os passageiros

A.Luper
Lupércio/SP

Entro no ônibus,procuro por um lugar,confortável e na rota de fuga,próximo a porta.
O ônibus sai.
As pessoas entram e tomam seus assentos,ao meu lado meu companheiro de olhos fechados,dormindo com certeza.
Não percebe a variedades de pessoas e situações,na verdade meus pensamentos já sobrevoavam a atmosfera do ambiente desde a fila antes do coletivo estacionar,na plataforma.
A nossa frente duas moças,calças pretas coladas ao corpo,marcavam cada curva delas.
Sim,ambas usavam calças iguais,as unhas pintadas de preta,mal podiam tocas a tela do celular,com mini blusas que deixavam seus seios volumosos em evidência,talvez fossem silicones,não sei,desconheço tal procedimento.
sim eu sei eu deveria estar cuidando da minha vida,mais eu tenho certeza que eram colegas de trabalho.
Sim,eram prostitutas.
O ônibus estaciona na plataforma,o motorista não tem habilidades nenhuma para manobrar o gigante de quatro rodas.
-Este deve ser iniciante. –comenta um senhor que esta na fila atrás de mim,mais não dou muito assunto.
A fila anda,confiro o dinheiro,a passagem custa seis reais,e trinta e cinco centavos,no total de doze reais e setenta centavos,separo algumas moedas,para facilitar o troco.
Entramos e nos sentamos.
As colegas também entraram e sentaram alguns bancos a nossa frente.
Atrás de nós a mais um passageiro,é homem.
Escolhi o assento perto da porta,pois eu sempre imagino que algo vai acontecer,assim fica mais fácil para fugir,os outros passageiros escolhem seus lugares,barulho de moeda,o cobrador passando os trocos.
Todos entram.
Os últimos a entrar são uns senhores,o homem briga com a mulher que não quer sentar ao seu lado no fundo,prefere sentar-se em um banco preferencial que esta vazio logo mais a frente,próximo das colegas de trabalho,com os seios vultosos,os olhos masculinos já os notaram de longe.
A mulher se incomoda e troca de lugar,vai mais para frente perto do cobrador que não tira os olhos dos seios das colegas de trabalho,e ele vendo de camarote,penso eu.
As colegas mexem nos celulares,com as unhas pintadas de preto,seus cabelos agora cobrem os seios,charme talvez?
O ônibus sai do terminal urbano,pega a rodovia e corre,cada vez mais veloz.

Todos mexem nos celulares.
Cada qual em seu mundo.
Eu observo cada um,as colegas de trabalho,os rapazes do banco do lado,o casal que trocam juras de amor,os amigos que combinam de sair para "pegar" mulheres.
Pegar?? -penso eu ,nos tornamos objetos que se pagam,e larga?
O ônibus freia,para em um ponto.
Uma família perfeita,entra...
O pai perfeito,a mãe perfeita e filha perfeita,pelo jeito não estão acostumados a andar de ônibus mal sabem se equilibrar,o pai senta no banco da frente ao que eu estou,a mãe senta atrás das colegas de trabalho e filha senta-se em seu colo.
Ela olha todos que estão no ônibus.
O marido não tira os olhos do celular,e dos seios das colegas de trabalho,que marcam seus clientes pelo celular.
Mais um ponto,um rapaz negro,com sua filha eles se levantam,ele segura uma boneca e uma mochila com morangos desenhados,eles descem,olho pela janela e ele entrega a mochila para um mulher,abraça e beija a testa da menina,e eles vão embora em um carro.
Ele ascende um cigarro.
Volto a olhar para dentro do ônibus.
São quarenta e cinco,ou menos talvez,todos sentados cada um com seus celulares,olho para o lado um rapaz com fone de ouvido,ao seu lado um mulher lê um livro,grande o suficiente para durar a viagem toda,não consigo ver o nome,mais parece bom ela parece concentrada,ela dá sinal o ônibus para e ela segue sua historia.
Lá vai o ônibus com seus passageiros,e seus celulares, cada um tem suas coleiras que te aprisionam.
E seguimos viagem ,me lembrei do senhor que queria se sentar com a esposa e agora está lá sentado com ela.
As luzes se apagam e os celulares permanecem ligados na escuridão física e iluminando a escuridão dentro de cada um.
A família perfeita conversa,o pai permanece com os olhos pregados no celular,não presta a mínima atenção na mãe perfeita e na conversa perfeita.
As colegas de trabalho,mexem nos cabelos longos,os homens tiram os olhos dos celulares por um segundo.
Mais uma parada,ninguém desceu nem subiu,alguém apertou indevidamente o sinal de parada.
A vida segue,o ônibus segue.
O senhor que disse que o motorista era lento,agora esta assustado.
-Ele corre muito nas curvas – ele comenta.
Abaixo a cabeça para ele não perceber que estou rindo.
O ônibus para desta vez alguém vai descer.
A mão perfeita,ajeita a filha perfeita,chama o pai perfeito,que se assusta e guarda o celular rapidamente,se levanta,mais antes mais uma olhada para os seios das colegas de trabalho.A esposa perfeita cutuca o esposo perfeito.

A família perfeita,desce no ponto perfeito do ônibus imperfeito,cheio de gente imperfeita nos celulares perfeitos mais de vidas imperfeitas.
O ônibus segue lentamente,olho pela janela.
O pai perfeito empurra a mãe perfeita,a criança chora,ele não liga para filha,mas liga o perfeito celular,a mãe perfeita quebra o celular que agora não é mais perfeito.
Afinal,não era um família perfeita.
Com mais velocidade seguimos viagem,uns descem outros sobem,e nós permanecemos ali.
Estamos chegando ao nosso destino.
Nós dois,as colegas de trabalho com seios e unhas pretas e mais algumas pessoas que estão espalhadas pelos bancos vazios do ônibus.
-Este ponto é o ponto do metrô? – pergunto para uma senhora
-Sim ! -ela responde e sorri.
-este ponto é da estação do metrô? -pergunta um rapaz para mim.
Apenas digo que sim e desço.
As colegas descem.
Todos descem com suas malas,mochilas e seus fardos para começas a semana.
O motorista segue só até o ponto final.
Seguimos rumo ao metrô.
As colegas seguem para o trabalho.
A vida corre,os passageiros correm.
Mas a verdade é que ninguém sabe para onde vai.

Pai das dores

Evellyn Thainá Farias Barbosa e Ana Paula de Oliveira Gomes
Natal/RN

Vazio...
Que como água desgasta as pedras
Eco a refletir
O eco do meu peito, onda sonora
Vazio das aflições
Ecoa mais alto ainda
Trocaria esse vazio
Por qualquer sentimento
Bom ou ruim,
Mas que possa ser nomeado por mim.
O vazio é amargo
Amaríssimo
É a falta de alguém
Falta de um abraço
De um aconchego.
No vazio, as dores clamam?
Gritam desesperadas?
Cada vez mais alto?
Vazio...
É como chamar alguém
Dentro de você
Alguém que nem mais existe
É não se reconhecer
Só um corpo...
Vazio...
Caos mitológico
Corpo morto
Em mísero corpo presente
E vida ausente.

Palavras Soltas

Jane Barros de Melo
Maceió/AL

Quando os sentimentos buscam os segundos da compreensão, surge uma nova criação
Minutos de construção,
Obstáculos do ser,
Renovação do saber,
Do querer entender.
Nada será tão fácil, o tempo acelerado transpõe o ser imaginável, procurar ou prever
Nasce a tempestade do improvável, dilacerada nos passos de quem precisa caminhar
Procura na imensidão desvendar o coração, puro que se apresenta ao ser inexistente
Vidas desencantadas,
Palavras soltas no ar,
Ditos ameaçados,
Encontram seu passado.
Já não entendemos os devaneios dessa mensagem, parece uma construção de liberdade
Algo escrito com a despretensão do saber, o propósito de querer, a si próprio conhecer
Imaginar que tudo precisa seguir uma linha, apenas deixar entender, o encanto do viver
Muito já conheci,
Relutei ao que aprendi,
Querendo desconstruir,
Percebi que não posso fugir.

https://www.facebook.com/janebarros /

Palhaço

Viviane Maubrigades
Rio de Janeiro/RJ

Excelentíssimo
Palhaço
Mestre dos meus mares ressecados
Sobrevivente no pico do poste
Deste meu picadeiro particular
Venho por esta informar
O fim de seu papel
Prosaico
Perverso
Polivitamínico
Nessa história
Há tempos
Bem mal contada
E seus restos recicláveis
Catados um a um
Sem deixar faltar qualquer pedaço
Na minha colcha de retalhos
Costurada a mãos trêmulas
Remendando
Nossa estória amorosa
Indigesta
Neurótica
Flambada
Ao som dos meus gritos
Escondidos
Entre os seus travesseiros
Para ocultar de terceiros
Tanta animalidade humana
Oh! Oh!
Espantoso seria
Se não esperasse
Obscenidades de sua parte
Dear clown
Chèr con
E digo mais
O circo
Continua viagem
Em direção a outras paragens
Perdições
Dúvidas
Realidades
Sou bailarina de ponta
Sigo a música
E sou eclética

Danço todos os acordes
Do Hard Core ao Clássico
E você sabe
Palhaço
Seu destino
É fingir felicidade
Sorrir pra fora
Enquanto
Chora por dentro

E eu não sei viver
De mentira
De menos
De merda
Por isso
Palhaço
Vou ficando por aqui
E me despeço
De ti

Pé no passado

Marcelo Castro dos Santos

Porto Alegre/RS

No começo era a Conga. Um calçadinho simplório de lona azul e borracha branca que era unanimidade entre a meninada. Quem já tinha conseguido se desvencilhar do temível sapato colegial, só usava a tal da Conga. Era relativamente confortável, combinava com o uniforme da escola, além de durar muito e custar quase nada.

Pouco depois, causando sensação entre os garotos, surgia o Kichute: bem feinho, é verdade, todo preto e com umas agarradeiras que lembravam chuteiras de jogador de futebol, mas dava um certo status a quem o usava. A gente até passava a caminhar diferente! Além disso, tinha uma certa bossa para usá-lo: amarrava-se o cadarço em volta do tornozelo e não em cima do pé, como os outros calçados. Conforme o comercial da TV, quem usasse o kichute ganhava os poderes do Cyborg – O Homem de Seis Milhões de Dólares, seriado famoso dos anos 70 onde o personagem principal só faltava voar. O kichute era a própria evolução, um salto tecnológico da indústria calçadista (a gente acreditava...). Depois dele, a Conga, virou coisa de menina...

O primário chegava ao fim. As calças de tergal azul-marinho eram substituídas aos poucos pelas US Top, o tal "brim coringa" como a mãe da gente chamava, e que eram usadas com a barra dobrada para cima, o que dava um look todo especial, ainda mais quando combinadas com a última palavra em tênis: o Bamba Maioral. Feito também em lona com borracha, já surgiu nas mais diversas cores. Garoto que fosse descolado tinha que ter um; mas que não aparecesse de Bamba vermelho: era coisa de menina ou de "maricas" (ô machismo...).

O curioso de todas essas marcas de tênis é que elas duravam tanto que dava pra enjoar. Por pior que estivesse, era só dar uma lavadinha e estava novo. Sem falar que, pra comprar, não precisava crediário, cheque pré-datado ou cartão de crédito: a gente juntava uns cruzeiros e tava com um guides zerado na mão (ou melhor, no pé...).

Em tempos de ginásio, dividindo a preferência da rapaziada, iam surgindo, aos poucos, os tênis de couro, os tênis com velcro em vez de cadarço, os tênis sem velcro nem cadarço, os tênis com elástico, os tênis com zíper... Mas... em plenos anos 80, com alguns anos de atraso, desembarca no Brasil o americanóide All Star, usado nos EUA pelos jogadores de basquete. Foi a "coqueluche"! Junto

com as cores tradicionais (preto e azul-marinho), chegaram também as mais aberrantes matizes, tons e combinações. Isto, em tempos de new wave era um verdadeiro arraso! Por aqueles anos, estar fashion era usar uma camiseta pink fluorescente, uma calça amarelo-canário e um tênis verde-bandeira (eu usava...).

Mas o fim estava próximo. Aos poucos, as grandes marcas estrangeiras (aquelas que custam caríssimo, embora sejam fabricadas na Ásia com mão-de-obra escrava...) foram chegando por aqui e tomando conta: tênis sem personalidade, sem história, sem passado e sem futuro e que te deixam na mão logo no primeiro uso.

Sou de um tempo em que os tênis não tinham luzinhas, amortecedores, sistemas de impacto ou refrigeração, mas eram os nossos grandes companheiros de todas as horas. Ao contrário de hoje em dia, um tênis era um amigo verdadeiro: você não precisava ter muita grana para conquistá-lo. Nos bons e maus momentos ele estava lá te esperando, mesmo que você já tivesse lhe maltratado algumas vezes. Ele não te abandonava nunca!

Mas não importa. Ninguém liga pra isso, mesmo. É só passado. E o passado é um Bamba velho que não nos serve mais...

Pelo canto do olho eu via crescer o meu melhor amigo

Verônica Lazzeroni Del Cet
Holambra/SP

Pelo canto do olho eu via você crescer. Parecia que todos os dias algo novo você vivia. Eu, ainda pequeno, observava calado sua transformação, mas lá no fundo do meu coração eu sabia que algo grande você seria um dia. E em silêncio, meu coração dava espaço para o amor que eu sentia quando te via, quando você vinha me proteger ou ajudar.

Pelo canto do olho eu sabia que você estava bem ali, do meu lado e, caso fosse necessário, seguraria minha mão e diria sem hesitar: "Eu estou aqui". Essas suas palavras acalmavam sempre meu coração e curavam a angústia de uma despedida. Sem perceber, eu tinha ao meu lado o melhor amigo que alguém poderia ter: um irmão mais velho.

Pelo canto do olho eu assistia ao seu amadurecimento, enxergava como você enfrentava os obstáculos e quando me contava que quando chegasse minha hora de viver as mesmas coisas, você ainda permaneceria do meu lado, sem eu precisar pedir.

Pelo canto do olho eu vi que nunca precisei te pedir nada. Você sabia ser o irmão mais velho que eu precisava e no momento oportuno. Nunca tive medo ou dúvidas quando você se propôs a me ajudar e nunca desconfiei que o meu coração enxergava você como meu herói e como o exemplo que eu precisava. Sem entender, mas agora maior já compreendendo, você sempre esteve aqui, do meu lado. Pelo canto de qualquer olho eu poderia ver que você nunca se ausentou e sua preocupação sempre foi grande.

Qualquer olho percebe isso. Qualquer pessoa vê isso. Mas, basta apenas um coração entender que o amor e carinho, a admiração e respeito que eu construí, sem sua ajuda, são suficientes para que eu entenda sobre o amor entre irmãos, para eu saber que, apesar de todos os bons ou maus momentos, apesar de todas as dúvidas e discussões, apesar de seu crescimento, eu sempre terei com quem contar.

Pelo canto do meu olho eu vi você crescer, você ser o que eu ainda venho me tornando. Pelo meu coração eu aprendi a amar e encontrar em uma única pessoa o irmão e amigo que eu sempre quis. A você, meu irmão, apenas resta dizer que seu encorajamento, ajuda e carinho foram essenciais e que sem eles, talvez, eu nunca seria o mesmo outra vez. Pelo canto do meu olhar eu percebi que logo ali, pertinho de mim, crescia o meu irmão, crescia o meu melhor amigo.

https://palavrasdeverona.wordpress.com/

Perdão Divino

Jane Barros de Melo
Maceió/AL

Diante da espera do ser que nos conduz ao amor infinito
Transpondo momentos, oportunos que foram banidos
Na existência da luz, da escuridão, do amanhecer divino

Na esperança que possam se redimir dos pensamentos
No desespero da dor, lembranças de segundos no tempo
Oportunidades dilaceradas, renegadas, jogadas ao vento

Que eu seja abençoado
Que eu seja perdoado
Por ti senhor
E nada mais

https://www.facebook.com/janebarros /

Piano

Fernando Barros de Assis
Conselheiro Lafaiete/MG

Cai a chuva
E somente eu
A vejo caindo
Cada gota de água que bate no chão
É uma pergunta
Que não respondo

Cai a chuva
Num piano de cauda
Cada gota que bate nas teclas
Pergunta uma nota

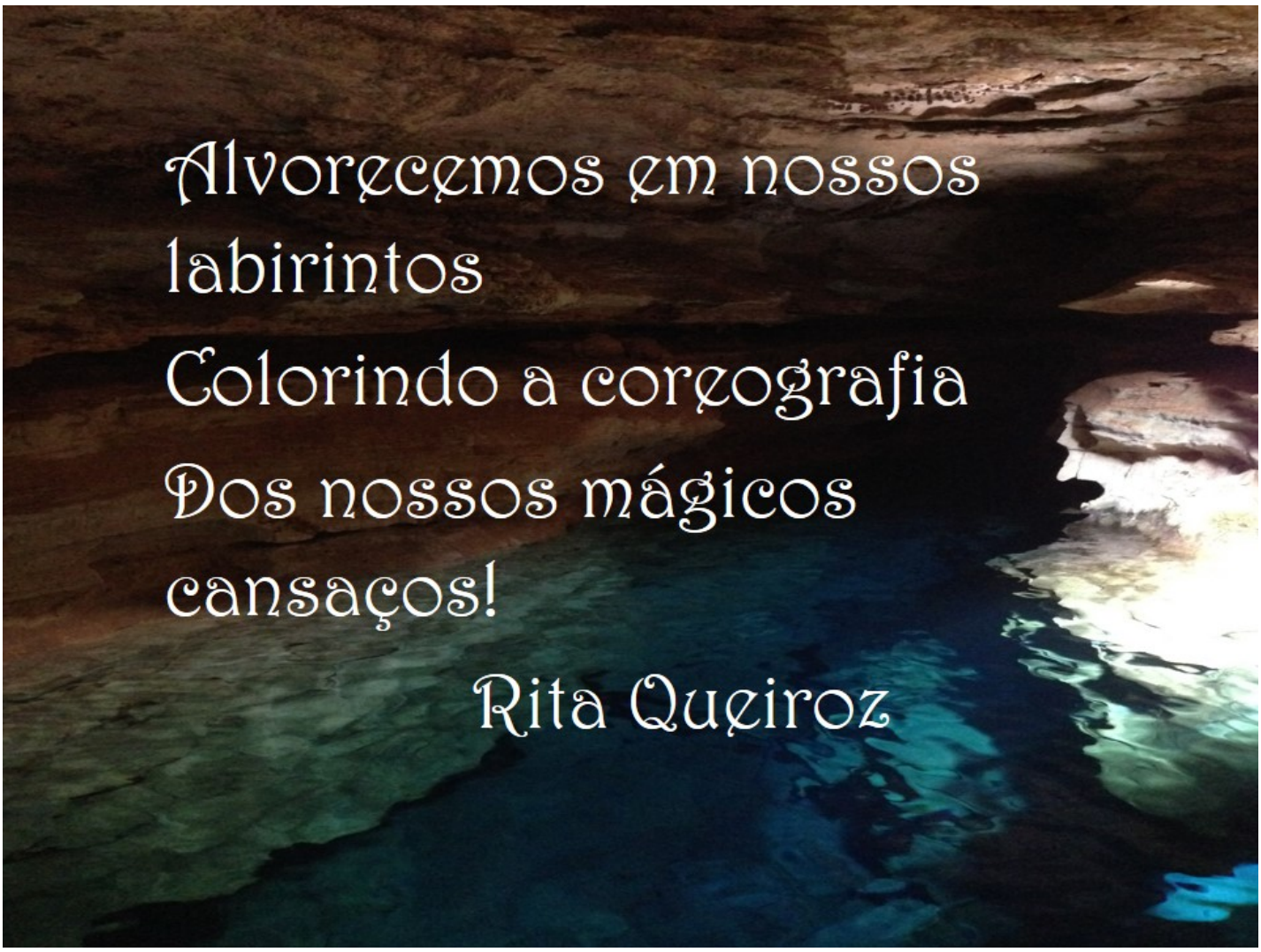
Meu piano de cauda
De madeira firme
Vou desabá-lo a machadadas
Faz anos e carreguei nas costas
Esse piano

Subi escadas
Fiquei do lado de fora de tantas festas
Andei durante tanto tempo
Em tantos caminhos de sol e chuva
Procurando um lugar para o piano
Para esse piano de cauda
Que pesa tantos quilos de indignação

Deixá-lo na chuva
Até que as gotas da chuva o entorte
Assim como ficou meus dedos
Completamente tortos
Quando resolvi tocá-lo

Cai a chuva
E meu piano encurta a cauda
Fico na janela
A olhar as gotas que se arrebentam
Sem receber resposta

Poema



Rita Queiroz

Salvador/BA

Poema para dentro do quarto

Matheus Leschnhak
São José dos Pinhais/PR

Enclausurado entre quatro paredes
E um chão, e um teto
E uma porta sem fechadura
Escrevendo as coisas mais belas
Com a experiência de vidas passadas...
Sentindo os sabores mais doces
De um jejum do corpo e da alma
Sofrendo por paixões terríveis
Magníficas, inventadas...
De ilusão e de sonhos
Inocentes, fraudados
As asceses mais duras do espírito
E os prazeres
Mais volúveis do ser
Levíssimo como uma folha
Colossal, insustentável
Como o nada
Sintetizado no espaço vazio
De quatro paredes fechadas
Vai o meu eu peregrino
Sem dimensões vagando, sem vaga...

Poesia e só

Pat Andrade
Macapá/AP

muito obrigada,
meu senhor
mas hoje,
não preciso
do trocado
para o pão
quero apenas
um aperto de mão
também dispenso
aquele trago
hoje, quero apenas
um afago...
quero algo
que arranque
da garganta
esse nó...
hoje, quero
poesia e só.

https://www.blogderocha.com.br/?s=pat+andrade

Política não se discute?

Karina Caputti
São José do Rio Preto/SP

Mandos e desmandos destroem a construção histórica
Entre reforma psiquiátrica e reforma sanitária
A garantia da universalidade está em xeque
Afinal, o que isso importa?

O adoecimento mental não é do indivíduo
É de uma sociedade preocupada com a produção
Indivíduos são somente números
Na queda de um surgem outros tantos.

A exploração tomam as mentes
Responsabilizando individualmente o sofrimento
A poderosa indústria farmacêutica medicaliza as dores
Dores geradas pelas necessidades físicas negadas.

É a privação da vida,
É a negação da necessidade do ser,
É a limitação do pensar, é o ajustamento social da padronização
É a sobreposição dos interesses.

A política não se organiza nas garantias necessárias,
É a ceifadora de vidas humanas todos os dias
A direção política impõe o seu xeque-mate.

Prata da Casa

Roman Lopes

São Paulo/SP

O fluxo do vermelho interrompido, transformando transeuntes incógnitos em espectadores possíveis... Nessa breve pausa em que o tempo parece dar um descanso aos viventes, aparece o bailarino de prata, que cresce até alturas inimagináveis, para que todas as pessoas que habitam as pequenas cápsulas de cortar espaços possam apreciar sua dança de fogo... Fogo e prata se misturam, em uma dança de archotes arriscados, que riscam o ar, soltando fumaça de prata e cheiro de enxofre... O bailarino, impassível, executa uma coreografia criada pela dor e pelo abandono... Coreografia social de uma escada inacessível, mas que continua sendo sonhada... Coreografia entremeada de olhares cabisbaixos e sorrisos altivos...

Cessa a dança, o fogo se extingue... O bailarino de prata retorna de seu voo momentâneo para desfilar entre os estreitos corredores perigosos, sob o risco de duas rodas desatentas ou impacientes... Chapéu preto-prata nas mãos, ele caminha entre os ocupantes ocasionais daquele espaço e vê, como gotas de alívio, pingos monetários molharem a face externa de sua cabeça de prata... Algumas prateadas, como sua própria condição... Outras douradas, para lembrar-lhe que ainda existem conquistas maiores... Mas o desfile é efêmero...

O fluxo é retomado, agora colorido pelo verde da esperança que se vai... Esperança de mais água, para minimamente aplacar a sede dos que dependem de sua dança... Como um exímio centroavante, ele dribla as rodas que começam a carimbar o asfalto, desprezando sua presença em nome do que é considerado mais importante... O pão de cada dia, a escola da família, o lazer necessário e merecido, a jornada patrimonial... Tudo de que precisa um cidadão respeitável... O bailarino de prata é um hiato de exceção aceitável, importante para que todos possam expiar suas culpas ególatras... Afinal, são apenas parcos segundos de coexistência forçada... A vida segue e os transeuntes abandonam a plateia...

Um rápido intervalo para o bailarino reacender a chama e abrir novamente as asas de seu voo fugidio... A alternância das cores ilumina sua dança... Segundo ato, que reencena o primeiro... Os espectadores são os mesmos outros que o acaso colocou diante dele... Acaso talvez infeliz para ele e certamente infeliz para os espectadores, que quase não enxergam o gigante voador que dança

espalhando prata queimada pelo céu… Novo velho desfile pelos corredores… Mais alguns pingos, conta-gotas de possibilidades… Felicidade homeopática…

Vêm o terceiro, o quarto e o quinto atos… Todos com roteiro idêntico… Seis, dezessete, vinte e nove, trinta e dois… Incontáveis atos de sobrevivência aprendida, talvez, nas poucas chances de aprendizado paternalista… A prata vai se dissolvendo, marcando a calçada e tudo que está ao redor do bailarino…

Os ponteiros do relógio cortam o tempo e a prata já marca todo o espaço... Como um Midas de categoria subalterna, tudo o que ele toca, vira prata... Os ponteiros correm, ele voa e dança, a prata se espalha e as gotas continuam parcas, dizendo que ainda serão necessários muitos atos para um pouco de dignidade...

Primeiro momento de intervalo verdadeiro... O descanso do guerreiro que dança na batalha... O bailarino abre uma mochila marrom-prata e pega uma marmita prata-prata... O alimento, também prateado, abastece aquela máquina viva de tentativas... Tentativas de felicidade múltipla... Com os olhos ávidos de quem não pode perder a corrida para os ponteiros, o bailarino devora, em colheradas vigorosas, o arroz e feijão prateados de sua existência... A dança agora é um círculo vicioso, onde o que sustenta também é resultado... Causa e consequência misturadas... Subversão da lógica vendida...

As pernas esticadas, um suspiro mais intenso e uma olhada para o céu, à procura do sol... O bailarino fica por um breve instante observando o infinito do firmamento, talvez contemplando suas irmãs nuvens, tão prateadas quanto ele... Algumas gotas prateadas caem de seus olhos... Lembrança da infância, perdida e presente, afogada pelas incertezas de quem está só e mal acompanhado... Mas não há um muro para lamentar-se... Com a habilidade adquirida na experiência do labor, o bailarino seca o pequeno córrego de seus olhos, cuidadoso para que a máscara não caia definitivamente... O rio da prata é represado e a dança retomada... O show tem que continuar...

Quarenta e cinco, cinquenta e dois, noventa e sete atos... O ritmo do voo e da dança é sempre intenso e o ritmo das gotas sempre menor do que o desejado... O espetáculo, quase centenário, parece estar chegando ao fim... Final ditado pelo conhecimento do cotidiano... Ou apenas uma sensação estranha?... O bailarino sente que os aplausos podem estar próximos... Uma vaidade merecida ou uma profecia tantas vezes vislumbrada e esquecida?...

O desprezo dos que não conseguem viver como os outros faz um veículo subverter as cores... O vermelho e o verde se confundem, a prata do bailarino se funde à do automóvel inquieto... Essa fusão, no entanto, não serve de freio para o descontrolado atrás do volante e o bailarino faz seu último voo na direção do

asfalto... A prata que ainda resta nele se encontra com o chumbo grafite da rua... Um fluxo vermelho vivo se espalha, fazendo a prata do bailarino boiar por alguns instantes, até afundar no mais absoluto silêncio... A dinâmica do espetáculo é interrompida, mas os aplausos não vêm... A insanidade sobre rodas esvaiu-se no espaço da impunidade e o bailarino será notícia por alguns segundos... A fama desnecessária da realidade imposta... A chegada do socorro inútil é o fechar das cortinas... O espetáculo chegou ao fim e o fluxo diário é retomado... O verde e o vermelho continuam ditando o ritmo... Mas a prata e o fogo já não dançam mais... O bailarino virou letra de música... E a vida continua...

Na casa, talvez inexistente, do agora bailarino-estatística, a ausência só será notada quando a sede ganhar a dimensão de uma planície ressequida... Mas as gotas de água não mais virão... Elas se espalharam pelo chumbo e foram aprendidas pelos doutos representantes da lei do cão que, como numa partilha fariseia, dividem, sorridentes, um butim permissionário... O rei está nu e solitário... A coroa de espinhos é um capricho desnecessário, quase um preciosismo... E a parca prata da casa vai embora... Não haverá mais dança... A não ser que outros bailarinos mais jovens, que habitam a mesma improvável casa, irmãos de sangue, tanto o que corre nas veias quanto o que escorre no asfalto, façam gotejar esperanças e ilusões, em outras encruzilhadas... Exus consagrados pelo preconceito, que recebem o ebó do desprezo e da indiferença... Artistas da fome que, nesse mundo kafkiano habitado por insetos que governam e pessoas que são pisoteadas nas pedreiras desérticas da justiça cega, surda e muda, se equilibram no fio da navalha de um singelo circo de horrores, encoberto pela anestesia das campanhas de solidariedade midiáticas...

A solidão da noite chega para todos... Para os bailarinos prateados, nunca amanhece...

Pressa vadia

Emarilaine Machado
Betim/MG

No meio do caminho um pensamento assola:
—E se meu coração parasse agora?
—O cérebro o seguiria
E não pensaria como agora...
O olhar dispersa
Contempla o fim de tarde
Infinitas luzes a ele invade
E o pensamento:
—Meus olhos não assistiriam a essa tela de magia...
E o coração se anuncia
—Tum, tum…Tum, tum…
Esforça-se, quase sai pela boca
Aperto o passo…
Lá se vai o trem
Como eu, parte
Fere os trilhos
Os ouvidos
E um pensamento vadio
Como a noite que invade…

Pseudo-Meritocrático

L. S. Danielly Bass
Marília/SP

Eu nasci, será que tive escolha?
Não sei, mas acho que não.
Eu nasci, mas nasci do lado errado...
Do outro lado eles gritaram: **Vamos lá, joga!**
"Que?" **Joga! Você pode marcar,**
todos têm a chance de fazer um gol.
Olhei para todos lados, não entendia,
não via uma bola! Eles gritam para eu chutar,
para eu marcar um gol, mas como? Não tem bola.
E gol? O gol encontra-se tão distante,
Tão distante que não consigo enxergá-lo.
Mas tem uma coisa pertinho de mim:
É o placar, hmmm, estou perdendo.
Estou perdendo..., mas eu nem joguei!
Comecei a correr, no meio da corrida
achei algumas bolas, chutei algumas vezes,
não marquei gol nenhum, nem vou marcar!
Parei de correr, parei de chutar,
É impossível eu ganhar.
Sentei, comecei observar.
Vi um garoto do outro lado...
O lado certo! Ele nasceu, será que escolheu?
Não sei, mas ele parece ter mais escolhas do que eu.

Nasceu, ganhou a melhor chuteira.

Seu Pai disse: você vai ganhar.

Sua mãe disse: você merece.

Colocaram ele na frente do gol,

lhe deram a melhor bola,

mataram o goleiro e pagaram o juiz.

Gritaram: Joga!

Olhei o placar: ele já tinha ganhado.

Ele já tinha ganhado..., sem se quer ter jogado!

Saquei, eu nasci para perder, ele nasceu para ganhar.

Pensando bem... eu nasci para ele ganhar.

Não importa o quanto eu correr,

não importa quantos gols eu marcar.

Vitória é questão de lado, eu nasci do lado errado.

Eles vão fazer de tudo para eu não ganhar.

https://www.instagram.com/_encantado_/?hl=pt-br

Quem

Rubens Jardim

Registro 0029 [Ou Do balbuciar]

Thiago Felicio
Teresina/PI

Nunca mais vi outro mar
Tão largo, salgado e límpido
Como parecia contigo
Como parecia comigo.
Nunca mais vi teu lar
Alado e despido
Tão perto, tão ermo
tão distante
jamais insípido
Nunca mais vi teu bar
Onde tu vivias
Embriagava e fugia
De mim.
Nunca mais vi teu ar
Nem as tuas horas
Nem o teu
Balbuciar.

Nunca mais vi teu sono
Nunca mais vi tua dor.
Nunca mais fui teu dono
Nunca mais vi tua cor.

E se a dormência avizinha
A solidão denuncia
Nunca mais
tua companhia.

Sangria Lírica

Caroline Cristina Pinto Souza
Botucatu/SP

Sangra sobre os meus dedos, o grafite escorre por entre rabiscos vazios
Ardimento azedo, defasado início de abril
Nesses últimos meses, perpassa uma trama de tentativas
Grito mudo tantas vezes, versos derramados pela cega conjuntiva:
Rubras pálpebras cansadas sobrecarregam meus olhares obcecados
Ilusórias fadas, cochicham literário pecado -
Aborto de ideias, cognitivo porto em uma lírica cefaleia.

Leio com dificuldade, palavras refletidas pelo empoeirado abajur
Íntegro pela metade, à caça da lendária *Excalibur*
Romance arturiano, aplico como alusão
Inspiro sagaz plano, do qual ligeiramente lanço mão
Consumidas palavras na binária estrofe em cirurgia
Abracadabra! – A espada, meu lápis e a coroa o fim da poesia.

Sapos

Thaís Faria Yoshidome/Pseudônimo: Clarice Lins
Ribeirão Preto/SP

Dentre tantos sapos, antes
Engastalhados
Em minha garganta
Eis, aqui, a sobra
O único resquício daquilo
Que não me deixava
Apreciar,
Saborear,
Reinventar
E afirmar a vida.
Eis, aí, um dos protagonistas desse
Desengastalho
Nessa crítica ao parnasianismo,
Ao formalismo exacerbado,
Serviçal de uma norma,
De um jeito de ser "formal",
Que engole,
Que degole a essência e
Que só aceita o parnasiano, o "normal",
Renasci.
Nesse momento,
Algum caçador de sapos atravancou o caminho,
Foi adentrando o brejo em que eles habitavam
Dentro de mim
Aos poucos foi desbravando,
Reconfigurando toda a formalidade e
Tornando-me própria a mim mesma,
Sem sapos, sem parnasianos,
Sem formalidade.
Restou-me, claro,
Conviver com sapos,
Mas escolher entre engoli-los
Ou degola-los.

Sem Valor

Mônica da Silva Costa

Jacarezinho/PR

Quarta-feira, catorze horas.
Rua central da cidade,
comércio a todo o vapor.
Em frente a um restaurante,
a jovem senhora de aparência sofrida:
– Moça, por favor, um prato de comida!
Não é só para mim, é para meus filhos!
Já ganhei um pouco, mas não dá.
Tem a minha mãe também!
A moça dá atenção, pergunta dos filhos.
– Estão ali na praça!
A dona do restaurante aparece
e lança à moça um olhar repreensivo.
A moça ouve a jovem senhora:
– Por favor, não estou pedindo dinheiro.
Você mesma pode comprar para mim!
A moça pergunta à dona do restaurante
se ainda há comida, ao que ela responde "sim',
embora contrariada.
– Então, vamos lá – diz a moça,
e as três adentram o restaurante,
sob as repreensões da dona:
– Espere aqui fora! – diz à senhora.
– E amanhã não quero ver você de novo aqui na frente!
A senhora, humilhada,
apenas concorda, com a cabeça abaixada.

A moça entrega o dinheiro
e vai embora atordoada.
"Meu Deus, que humilhação!
Que falta de humanidade!
Que falta de compaixão!"
O que espera desta vida
alguém capaz de negar
um simples prato de comida?!
Quem despreza um necessitado
não imagina que a fartura
um dia, pode virar passado!
Trata bem quem tem dinheiro
porque é interesseiro!
Que falta de coração!
Não ajuda o próprio irmão!
Ser humano sem recursos,
sem bens ou qualquer valor,
só precisa, neste mundo,
de um pouquinho de amor!...

Semiárido

Júlia Alencar
Juazeiro do Norte/CE

Na aridez do sertão
de um vermelho incerto
desbotado marrom,
Cactos se espinham
no eterno mormaço,
No oco dos galhos
um vazio.

O céu nubla do nada,
anuncia um milagre:
da primeira gota
que cai nesse chão
castigado
brotam flores brancas
de um mandacaru
sofrido –
Reviver é lindo.

Sistema

Josemar Ferreira

Recife/PE

Um fio de sangue escorre no asfalto,
a febre faz o corpo tremer.

Mais um João esfomeado
come outro ensanguentado
pra de fome não morrer.

Solidão

Maria Elza Fernandes Melo Reis
Capanema/PA

Era madrugada
Quando te vi passar
Vagava na praia fria e deserta
De longe conheci teus passos
Eram lentos e atentos
Teus olhos pareciam procurar algo
Talvez uma luz para clarear teus pensamentos
Ou um abraço para afagar teus sentimentos
Não sei...
Você seguia calado
De coração definhado
Caminhava isolado
Pedindo consolo
Querendo se refazer das cinzas
Talvez das cores
Sumiste no deserto da praia
Vi apenas tua sombra de longe
Senti um calafrio naquela madrugada
Foi a solidão que passou por mim
Ainda bem que ela foi embora.

https://www.facebook.com/elza.melo.524

Son(h)eto

Chievato Lerini

Pacatuba/CE

Após de minha insônia a mordedura,
Estas pálpebras cobrem o cansaço;
Das carnes tão sofridas me desfaço,
Levando-me comigo a desventura.

Um esboço onírico me figura;
Estou perdido e só num negro espaço,
E paulatinamente, em ar escasso,
Sufocam-me as lágrimas de amargura.

É a Morte! Ela está em minha frente!
Um frio de óbito faz erguer meus pelos;
Acordo eu, suado do afã ingente.

Os males, não pode o sono escondê-los.
Eu vejo, com o peito inda pungente,
Que aos sonhos esmagam os pesadelos.

Wantedpoet (facebook)

Soneto de uma vida com sorriso incerto

Handersson Oliveira
Teresina/PI

Quis te ver, bradando o sorriso de uma vida complacente
Com tua felicidade mórbida, dançando na chuva da tua vã condição
Teus olhos negros, saudando o universo findável
Tuas curvas beirando minha insensatez

Mitigando bobagens numa praça ao céu aberto
Contando teus lapsos de memórias
Tua doçura externada no teu linguajar
Teu ar de descontentamento com o mundo à tua volta

Talvez exista um bom lugar esperando-te
Talvez haja sentido num mundo ao avesso
Talvez seja uma possibilidade mirabolante atirar-te ao acaso

Conte teus passos e teus anseios
No âmago de uma vida anestesiada, se refaça
Teu caminhar se desfaz da multidão marchando impropérios.

https://medium.com/@handerssonoliveira

Suposta despedida

Lucas Vilela
Belo Horizonte/MG

Trato da saudade com uma infinita particularidade.
É inequívoco dizer que ela existe e persiste além do tempo.
Ainda hoje, de forma solitária, mesmo que distante costumo te observar, sempre que posso e ainda dói mesmo estando a poucos metros de distância. Ainda escuto os mesmos áudios com uma devida constância – posso não assumir, mas, até da sua voz eu sinto saudade e quando o faço, sinto um breve arrepio me percorrer, é o que me traz alivio e paz. O sinto pertinho de mim.
Às vezes, quase de forma espontânea, fecho os meus olhos e percorro as mais diversas lembranças possíveis. Algumas lembranças são tomadas de dor e angustia, enquanto outras de amor e alegria. Lembro-me vagamente do seu perfume e ainda sim com profundidade. Lembro-me de deslizar as mãos com eximia suavidade pelo seu cabelo liso, levemente amarelado, escorridos acima dos seus olhos – estes que jamais me esqueço, e muito pelo contrário, a imagem que tenho deles sempre vem à mim com exata perfeição, trazendo-me a sensação de conforto.
Costumo tentar sentir o gosto dos teus lábios, de forma que me perco diante de ti ao ver os meus braços em sua volta, te preenchendo com afeto e um misto de sentimentos que eu jamais seria capaz de descrevê-los na sua mais verdadeira exatidão. Confesso, é doído abrir os olhos e me deparar com qualquer coisa que não seja você. Simplesmente não vejo uma forma de me entregar a outra história estando presa a nossa.
Vejo as nossas poucas fotos e desejo voltar atrás, talvez houvesse uma outra forma de não o perder, eu sei, faltou maturidade, um pouco de entrega e até mesmo de experiência, mas o que eu poderia fazer?. Hoje seria diferente, eu sei que seria.
É eu sei, eu bem sei o que é amar em silêncio.
Eu sei bem como é viver a imaginar que poderia ser diferente.
Às vezes quando te vejo de longe tento decifrar o teu sorriso e comumente me pergunto se estas a sorrir por pensar em alguém ou se seria somente um momento de descontração – inevitavelmente me pergunto se ainda posso eu ser o motivo dos seus sorrisos – me pergunto se ainda pensas em mim mesmo sabendo e acreditando que não, uma vez em que preferiu partir mesmo sabendo que na minha simples concepção de amor poderia lhe oferecer talvez até muito mais do que você julga ser necessário.

Vejo-te ir e vir com os passos leves, o mesmo agradável estilo, a mesma e continua leveza. Eu sei, até os anjos te admiram e suspiram quando você passa.
Se soubesse como sua não permanência ao meu lado ainda me custa e traz dor, se pudesse ao menos entender a minha necessidade de tê-lo junto a mim. Não quero jamais que isso soe como obsessão, de fato não é apesar da urgência da sua existência junto a minha.
Continuo existindo, persistindo nas minhas emoções que costumam vir à superfície e me trazer uma carga esgotável de dor. Encaro os fatos com amadurecimento e até entendo as suas escolhas, mesmo não podendo muda-las, simplesmente as respeito e sigo acreditando que um dia os anjos cantaram ao nosso favor, me trazendo você.
Anseio por um beijo seu, pelo toque das suas mãos, pelo perfume que tem o seu cabelo, pela tua permanência infindável ainda que sabendo que talvez jamais a possua.
Tudo bem, realmente tá tudo bem. Já escutei muitas histórias e sei que outras pessoas também amam em silêncio, afinal, o que poderíamos fazer? ... a prece me carece e basta, eu já aceitei e sabe de uma coisa? Até torço pela sua felicidade, mesmo que não venha a ser junto de mim.
Quero que saiba que se um dia desejar voltar atrás e houver a necessidade de me ter junto a ti, ainda encontrará um coração puro e dedicado a você. Espero sobreviver até lá e ainda peço que esse dia chegue logo, eu o anseio com certa urgência. Desde que descobri que estou doente e que talvez brevemente falte vida, passei a me preocupar com sua permanência aqui, com quem cuidaria de ti, com quem lhe traria conforto quando precisasse. Sei que sou apenas um amigo muito querido, assim como sei que em sua cabeça nem se passa a ideia de que sou completa e perdidamente apaixonado por você.

Eu estarei sempre aqui, sempre, e talvez até sempre, pelo menos até que me reste folego.

Com amor e saudades,
E.N. 02/04/19

Suspirando

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Por que parece azul
se é incolor?

Por que só um beijo
se melhor é seu calor?

Frio na espinha,
de longe é terror.

É paixão?
Não.
É amor.

Tempo

Conceição Maciel

Capanema-PA

As flores sucumbem nos vasos.
Tristes
Contritas
Restritas.

As plantas encantam os seres.
Livres
Libertas
Incertas.

As árvores esperam o amanhecer.
Frondosas
Amedrontadas
Afrontadas.

Há vida reclusa em cada ser.
Bonita
Vivente
Carente.

O homem tem tudo e não sabe ter.
A tenra idade
A liberdade...
Calamidade!

A poesia se anula no portal do tempo.
Sem prosa
Sem verso
Sem documento.

O tempo se esvai e não sabemos entender.
Nascemos
Corremos
Morremos...
... sem nada viver.

Teu abraço exagerado

Lenilson Silva

Pedras de Fogo/PB

Para ser agradável, amado,

Põe todo teu sentimento

E bem exagerado,

Mas com um lindo pressentimento...

Pressentimento verdadeiro

Exagerar é sentir-se amado

É pureza e não indelicadeza

É sentir o verdadeiro sentimento ascender

Que de tão exagerado,

Que te tão natural

Junta cada pedacinho de nós por dentro.

Torta de Banana

Joedyr Bellas
São Gonçalo/RJ

Toda vez em que ia à casa da mãe para uma visitinha rápida, visitinha de médico, porque a vida de Olavo era atropelada. A mãe reclamava, a mãe exercia seu papel de mãe, sua autoridade, mas nada o comovia, nada adiantava.
Então apelava para o emocional, chegava a beirar chantagem, mas na cabeça da mãe não se tratava de chantagem. Era amor transbordando, mágoa talvez. O menino estava sempre com pressa.
Lembra meu filho quando você era criança? Poxa mãe já faz tanto tempo. Sim, meu filho, mas eu me lembro direitinho de você correndo nesta casa. Sempre correndo. Eu deveria ter dado um corretivo naquela época. Seu pai me instigava a usar o chinelo. Maria esse menino só vive correndo. Qualquer dia mete a fuça no chão, aí já viu. Vai ter choradeira. E se ele quebrar um vaso. Não quebrara um só. Tinha quebrado um monte de vaso e também alguns copos, umas porcelanas, até a pia do banheiro quebrou porque além de correr o menino só vivia pendurado.
Que susto.
Corre-corre na casa. Sempre correria. Entrava vizinho, saía vizinho. Todo mundo preocupado. Fizera um barulho de abalar os alicerces. Além do barulho a terra tremera. Parecia aquela noite em que o menino, já crescido e sumido, no Japão correu para fora do hotel. Foi um terremoto daqueles.
O menino balançou a cabeça.
A mãe, achando que pegara o filho de jeito, foi abrindo o coração junto com as borboletas que o menino vivia correndo atrás delas lá no quintal. Não era maldade, não era para pegar a borboleta e aprisioná-la em um recipiente com álcool. Puro prazer. O prazer de o menino não parar de correr e ficar vendo o colorido das asas ao sol. Tadinho, o menino fechava os olhos, ficava incomodado com a claridade, era o astigmatismo já manifestado e também teve a miopia. As professoras, uma em especial alertara ao pai e à mãe. É uma dificuldade enorme para ele ler na lousa o que está escrito.
Usou óculos e foi aquela dificuldade de adaptação.
O menino sacudia a cabeça, estava incomodado. Por isso que não demorava lá na casa da mãe. Lógico, tinha a correria da vida. Normal. Fazer dinheiro, satisfazer Cristina, pagar os estudos das crianças, cuidar dos projetos arquitetônicos. Muito trabalho. A vida urgia, a vida engolia, a vida empurrava, a vida não deixava ninguém parado. Parado já viu. O ônibus passa do ponto. Lógico a correria da

vida era normal, isso fazia com que ele entrasse e saísse voando da casa da mãe. O pai morrera um tempo. A mãe ficara carente e solitária. Um saco! Mimava-o quando pequeno e agora tinha essa carência de setenta e poucos anos.
Um eterno passar a mão na cabeça.
O menino olhava aquela casa enorme e mais de uma vez opinara em vender a casa. Ir para um apartamento pequeno, de um quarto, melhor, ela não precisaria ficar cuidando daquela casa enorme, apesar da empregada e de um faz tudo que capinava o quintal, podava as árvores e na árvore a mãe apelava de novo. Lembra quando você caiu do pé de manga? Outro susto. Menino levado só vivia dando susto nos pais e nos vizinhos. Teve aquela vez ainda da fratura no braço. Um dia e uma noite no hospital. Precisou fazer uma cirurgia, queriam que você ficasse lá e de filho quem cuida é a mãe. Chocolate quente, suspiro, aquela torta de banana que era impossível comer um pedaço só. E você se empanturrava. Torta de banana com bastante calda. Caramelada. Açúcar queimado e era de lambuzar.
Sim, era de lambuzar.
Mas vender a casa era insistência do filho. Você quer matar a sua mãe? Não queria. Era apenas preocupação. Talvez fosse sincera ou talvez fosse para acalmar o remorso de não levar a mãe para morar com ele. A maldita correria. Então que sua mãe morra aqui nesta casa. Esquecida, abandonada, como se estivesse em um asilo, como se ser mãe fosse uma coisa descartável. Mantimento de prateleira de supermercado.
O menino sacudia a cabeça.
Pensava na violência, pensava naquela rua onde passara bons momentos e boa parte da vida dele, saindo para casar e sumir, exagero, ia ver a mãe sempre que podia e podia sempre, o problema era a correria da vida que fazia com que ele entrasse, comesse um pedaço de torta de banana, tomasse um cafezinho preto e quentinho e voltasse a se jogar no furacão.
E assim se repetia.
Toda vez que ia à casa da mãe ligava antes para que ela fizesse a torta de banana e ela fazia.

Trilho da vida

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

As agruras da vida;
Carregaram na tua alma;
A humilde incumbência cumprida;
De gostar de quem não tem calma…

Hoje és madura;
De uma pureza sem limites;
Com um poço de amor que perdura;
Até aos loucos o grito permites…

A idade não perdoa;
A saudade não esquece;
Se algo te magoa;
A mim me entristece…

Rosa minha;
Nossa avó;
Nunca estarás sozinha;
Até que o universo tenha dó…

https://emporiumeditora.com/products/um-livro-para-morar

Tronos, serafins e potestades

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos/SP

Há quem acredite em demônios, eu prefiro acreditar em anjos.

Tem anjo por todo canto.

Eles não sabem hebraico nem aramaico. Tampouco entendem de latim. Não possuem asas nem auréolas. Então presentes, apenas, dando seu recado na hora da necessidade, estendendo a mão amiga, agindo com precisão.

Encontro anjos sempre que um pneu de meu carro fura, quando tenho dúvidas e quando caí da escada e quando os ministros da fazenda arrocham de vez meu já ridículo salário.

E quem, senão um anjo, estava de plantão e me rebocou até o mecânico na tarde tempestuosa em que meu carro pifou na pista sem acostamento da estrada de mão dupla ?

E quem, senão um anjo, na noite escura da alma, acolheu em suas mãos meu coração dilacerado ?

Anjos em profusão espalham sorrisos e músicas pelas esquinas da vida.

Talvez existam diabos à solta por este vasto mundo de Deus afora, mas eu não os percebo. Estou ocupada demais colecionando anjos.

http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br/

https://www.facebook.com/soniareginarocharodrigues/?ref=bookmarks

Um coração novo

Lucas Pires
Brasília/DF

O homem senta na maca e, enquanto o médico o examina, ele respira profundamente, observando a luz branca e forte, presente no teto da sala.

—Hum, o que exatamente te trouxe aqui? - pergunta o médico

—Eu preciso de um coração novo doutor – o homem responde.

A luz branca, no teto da sala, cintila ao som do ar condicionado velho, que vibrava na parede. O clima era gélido, porem, também era, de alguma forma, acolhedor. O cheiro de remédios e álcool em gel tomava toda sala, causando um efeito entorpecedor aos desacostumados.

O médico, se demonstrando perplexo, olha para o homem e, espirando fundo, lhe questiona:

—O senhor que um coração? Tem certeza disso?

—Mas é claro. Eu preciso muito disso – responde o homem, completamente confuso com a pergunta do médico.

—Mas, como assim você quer um coração? Você não sabe o quão sortudo é por não ter um? – questiona, agora em tom alto, o médico.

O homem tenta argumentar, perplexo com a falta de sentido da discussão proposta pelo médico, mas não obtêm resultado. O doutor, agora se levantando para sair da sala, diz em tom alto e firme:

—Entenda rapaz: corações nunca serão práticos enquanto não forem feitos para não se partirem. Esqueça essa ideia e viva sua vida – diz o doutor, se retirando da sala.

https://www.instagram.com/le_leprechaun_/

Uma Janela Ao Insuportável

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Janine perdeu seu irmão Felipe há dez anos. Desaparecido, o caçula parecia ainda assombrá-la sempre presente em suas lembranças como um clamor não apenas ao rememorar, mas a buscá-lo. O ocorrido quando ela ainda tinha 15 anos a jovem decidiu determinadamente se tornar policial. Agora adulta aos 25 anos ela dedicava seu tempo como agente policial do departamento de desaparecidos. Crianças e adolescentes assim como pessoas de outras idades pareciam todos os dias fitá-la nas fotos que estavam dispostas num quadro. Na verdade, em cada rosto de um dos desparecidos Janine via o rosto de seu irmão que na época tinha 13 anos. Fora assim então que ao encontrarem o corpo de um dos desaparecidos que Janine poderia ter as respostas que nunca teve numa década, corpo em putrefação com partes faltando indicando possível canibalismo, não somente mutilação. As pistas levavam a um suspeito visto nas câmeras da região, um lugar ermo e desolado houve uma rebelião de segregados pela sociedade. Tão logo Janine cruzou os dados, mas sem pistas ou passagens por crimes anteriores na polícia, ela viu que o nome do homem era Wilson Motta. Homem que apesar de nunca ter sido condenado as pistas pareciam denotar padrões que ligavam a outros crimes anteriores, um possível serial killer o qual o requinte de crueldade era, dentre outras coisas, tirar as unhas da vítima antes de matá-la.

Wilson Motta era durante o dia um bom samaritano, se dizia ajudar a todos, sorria e falava coisas bonitas e de como fora vítima de injustiças na vida, assim como apontava problemas o qual dizia ele não seria responsável.

Mas a noite ele fazia o que chamava de sua 'magnus opus', uma "obra de arte" macabra onde fazia um mosaico com partes de corpos humanos de suas vítimas. Era um homem vazio, desagradável, negativo, tóxico e de conversas medíocres, mas que se ocultava numa fachada de palavras ocas do qual se afirmar ser por repetição. A mentira era um artifício para engano e ocultação visando benefício próprio. Sendo assim a mentira é uma verdade artificial o qual se escora uma ilusão. Nada mais paira egoísmo senão na mentira que intoxica relações e envenena a sociedade ao ocultar verdades atrozes.

Mas no âmago de sua insanidade narcisista se julgava um gênio incompreendido pela sociedade, por seres o qual julgava intelectualmente inferiores por não serem capazes de compreender a grandeza de sua obra homicida arquitetada com requintes de crueldade por anos a fio.

Mas com o tempo por não ser capturado, julgando-se inimputável ficou confiante na impunidade e assim mais relaxado. Se tornou vaidoso e não somente passou a tirar as partes dos corpos de vítimas que eram sodomizadas em vida antes de serem mortas, mas deixava assinaturas para que em seu íntimo, se gabasse de seu grande feito em noticiários que segundo ele era fruto de um intelecto superior ainda que fosse apenas um sociopata demente e sádico que por ser desprovido de coração usava as coisas de suas vítimas e se apropriava de seus pertences o quanto conseguisse. A excitação com isso era sexual, e seu estado de senilidade moral se tornou tão agudo com o tempo que as vezes tinha desejo sexual pelas vísceras de suas vítimas.

Com o tempo ele passou a ser conhecido como o 'Artesão da Morte' como ele mesmo se autodenominava. Fazia uso de entorpecentes ilícitos o qual dizia ampliar as 'janelas para o abismo' do qual tudo o quanto insuportável e doentio provinha. Ele não possuía nenhum talento em especial, nunca tinha feito uma grande descoberta ou criado algo bom a não ser um rastro de destruição na vida de suas vítimas o qual não aceitava que se defendessem.

Tão logo ao saber da suposta identidade daquele suspeito, Janine, procurou o que seria a única sobrevivente de seus ataques, uma mulher que fora estuprada apenas por gostar de um desafeto dele. Ela teve os pés cortados fora, mas apesar de ter sobrevivido ao fugir a sanidade dela ficou perdida em algum lugar entre os pés e as pernas. Ela enlouqueceu totalmente e falava que havia finalmente compreendido a grandeza da obra dele. Havia visto o inigualável.

Quando Janine a visitou em seu quarto na psiquiatria notou que o lugar estava totalmente pichado, pois ela passava parte do tempo desenhando centenas de círculos embolados nas paredes de onde estava, espirais sem fim em figuras totalmente sem sentido o qual ela dizia enquanto dizia segundo enfermeiras: "Eu vi tudo e agora entendo as maravilhas geniais disso."

Janine sabia que pouco conseguiria extrair da mulher, pois o mal que sofrera fora tão grave que ela teve a memória bloqueada, e o que não fora bloqueado se perdeu nas espirais da loucura que ela desenhava nas paredes, dia e noite. Mas Janine tinha que tentar, ela precisava.

— Joana, tudo bom? — Perguntou Janine ao adentrar o quarto acompanhado por um enfermeiro alto e gordo.

Todavia Joana parecia emergida em pensamentos nebulosos de redundância cíclica. Capturada pela insanidade da ilógica atribuiu o contrário aquilo como numa mágica inversão.

— Joana? — Perguntou novamente a mulher ao segurar a mão da jovem que rabiscava a parede com lápis de cera. — Preciso apenas que você responda algumas perguntas, consegue se focar um pouco em mim? Por acaso você conhece esse homem? — Terminou mostrando-lhe a foto de Wilson Mattos.

A jovem paralisou momentaneamente e repentinamente a fitou dentro dos olhos e em seguida a foto. Seus olhos então giraram as órbitas quase saltando-lhe do rosto quando ela murmurou.

— Era ele a teofania? Ele não é um deus, mas um mortal que mata perpetuando sua condição de modo execrável.

— O anjo do abismo! — Exclamou num vociferar desgrenhando para bater no próprio rosto já cortado por suas próprias unhas.

O enfermeiro a segurou durante o surto em que fora em consequência de um contato íntimo com aquele mostro. Não disse algo muito coeso, mas para Janine era o suficiente para um mandado de buscas em sua residência, algo que fora negado pelo juiz levando-a buscar um meio de pega-lo em flagrante.

Enquanto aguardava aquilo Janine pesquisou na deep web sobre o serial killer. Os fóruns do submundo onde segundo um hacker que era seu informante ele encontrava adeptos, promovia receitas de culinárias com carne humana. Ao adentrar no site da delegacia com a segurança legal passou-se pelo nick 'Inocence Doll' o qual segundo alguns usuários aparentemente conseguira um encontro com o homem. Ele seria num banheiro público onde diziam que ele fazia tocaia no fim da noite onde poderia marcar com potenciais seguidores ou mesmo vítimas que destituídas de bom senso e amor próprio se propusessem serem comidas como que condicionadas por uma hipnose maligna.

Sutilmente Janine adentrou o banheiro na surdina noturna. Com discrição aguardava o horário preciso em que o homem supostamente viria a seu encontro. Ajeitou a mecha de seu cabelo cacheado e respirou fundo na angustia da expectação. Quando chegou a hora ela viu um vulto que se esgueirando-se pela porta parecia pouco mais que a sombra de um cão fila. Tão logo as luzes do banheiro piscaram até que se apagaram, hesitante, Janine sacou a arma de

modo comedido temendo uma reação com alguém que não correspondesse ao homem.

O lugar tinha dois policiais à paisana no que seria o pernoite mais aterrorizante de suas vidas. O silêncio tomou o lugar o qual o rufar de seus pulmões se acentuaram pelo medo que ansiosamente a corroía por dentro.

Mas quando ela menos esperava a luz de uma lanterna se acendeu em seu rosto revelando a face de Wilson Motta. O homem pôs o dedo em sua boca sinalizando para ela não proferir quaisquer palavras.

Esboçou um sorriso sádico de desejo ao passar a mão no cabelo dela, ela sentia náuseas de ouvir aquele sociopata desagradável se exaltar sobre ela como um predador selvagem sobre a presa na relva.

O homem então pegou uma faca e a puxou quando ela gritou pelos reforços que estariam a aguardando. O homem então riu ao perceber que aqueles homens lá fora estavam com ela, pois ele havia os matados de modo furtivo.

Janine vociferou por socorro, mas fora abafada pela mão do homem que a arrastou até um carro onde dois homens estavam. Tomou uma coronhada no rosto e tudo então se apagou como aquele banheiro onde nas trevas o mal se ocultava.

Ao recobrar a consciência viu dois dos seguidores dele fitando-a enquanto murmuravam algo entre si aos risos escarnecedores. Fora então que ela os interrompeu e disse.

— Sociopatas como tu se acham grandiosos e inteligentes, mas são apenas máquinas ocas desprovidas de qualquer sentimento. Apenas pensam friamente como saciar seus desejos depravados e doentios de sadismo, mas isso não é inteligência, é um estorvo da razão travestido de lógica egocêntrica.

— Sabemos quem é você Janine. — Interrompeu o chefe deles e prosseguiu. — Você completará o mosaico de minha obra que curiosamente já tinha partes sua.

Ao ouvir aquilo ela ficou perplexa e temerária enquanto suava frio de nervoso sob os olhares daqueles três homens. Amarrada se sacudiu e reconheceu um dos homens, Renato Silveira que estava sendo procurado pelo desaparecimento de outra mulher. O outro homem era um negro calvo que parecia se divertir com a vulnerabilidade da vítima.

O homem então passou uma lâmina por seu corpo enquanto Wilson acendeu as luzes e puxando um lençol branco revelou um enorme mosaico na parede com partes de corpos humanos. Ao fitar aquilo, Janine gritou sacudindo-se, parecia querer fugir dela mesmo se possível, desde que não tivesse ali. Mas ao fitar mais atentamente notou que o mosaico formava um rosto conhecido por ela, o rosto de seu irmão Felipe, desaparecido há anos.

Estupefata com aquilo o homem sorriu para ela novamente enquanto ela se sacudia e disse.

— Sim, seu irmão é minha maior inspiração! Ele fora minha primeira vítima.

— Você é louco!

— Você não consegue entender a grandiosidade de minha obra? Libertei ele do corpo para uma reencarnação melhor! Judas Iscariotes, és o verdadeiro e único cristão, libertou Jesus da carne para a glorificação!

Num estupor desesperado ao ouvir aquilo, Janine então soltou uma das amarras e vendo sua pistola sobre uma mesa de cirurgia rolou de cima de onde estava e caindo no chão pegou a pistola atirando contra aquele monstro travestido de humano. O negro veio para cima dela lhe dando um chute no rosto, mas ao cair no chão num corpo a corpo, Janine reuniu todas as forças vitais que lhe restava e atirou contra o homem, em sua cabeça.

O lugar estava uma bagunça e o fogão que já estava acesso para temperar e preparar partes do corpo dela espalhou o fogo pelo lugar. Arrastando-se para fora do lugar aos prantos ela viu o mosaico inflamar-se e o rosto de seu irmão formado por parte de tantas outras vítimas se perderem nas chamas que tão logo envolveram todo lugar. O socorro veio, mas ela nunca mais fora a mesma.

Após passar por meses afastada da polícia para tratamento psicológico e psiquiátrico por causa disso ela passou o tempo dedicando-se a literatura e ao sair do lugar comprou um livro de um homem que era considerado revolucionário ao pensamento, este sim um verdadeiro gênio ao contrário de qualquer sociopata megalomaníaco, um livro sobre o caso que ela passou, um caso para resolver todos os outros casos. Mas o corpo de seu irmão queimou sepultado em chamas com o corpo das demais vítimas naquele lugar.

Uma marmita para o coração

Junio Silva
Brasília/DF

Para entender aquilo como uma declaração de amor era preciso tirar da cabeça qualquer idéia do que dizem ser romantismo. Não era de se esperar coisa diferente daquele homem de quase dois metros de altura, barriga saliente, voz alta e mansa, de passadas largas que percorria a rua com uma marmita na mão. "Tô indo ali levar uma marmita *pra* vê se a nega *vêa* come. Ela tá ruim".

Apelidado pela rapaziada de Dedé, André era parte daqueles que não tiveram uma vida com aroma floral. Do primeiro casamento restou apenas uma ex-mulher, cansada das tendências do marido à bebida, virações, brigas e bares, além de dois filhos, um deles preso no mundo do crime; outro repudiando a maioria das atitudes do pai. Quando não estava na área, conversando com um e outro, fazia bicos e improvisava como podia sua sobrevivência. Desde um teto para se proteger, até a comida do dia.

Rosto angelical, apesar da vida que levava, língua afiada, impulsiva e fogosa. Ninguém mexesse com aquela maranhense que boa resposta não levaria. Namoradeira e fogosa conseguia ludibriar os homens e namorá-los sem que um descobrisse a existência do outro. Raro era vê-la sem ao menos dois casos numa mesma época. Pequena, referência à sua estatura, mas batizada como Josefina, via os efeitos do abuso de álcool em seu corpo. Pela terceira vez estava com infecção nos rins, agora a derrubando de vera.

Copo sujo, gritaria, jogatina, viração, bebida. Suas vidas se cruzaram em um desses cenários. No início tesão, findando em algo que mais tinha a ver com as coisas do coração.

Embriagavam se juntos, ou separados, e a noite terminava em uma cama. Mas aquilo não parecia dar em boa coisa.

O modo de viver que os dois levavam não os ajudou no amor. Ainda que fossem bons companheiros e tivessem hábitos e ideias semelhantes.

Dedé, apesar da aparência ríspida, era um grande sentimental, principalmente com umas na cabeça. Não tardou para o ciúme aparecer na relação entre os dois, devido às aventuras da morena com outros. Já ela, de espírito livre, entediava-se com as atitudes que o homem tomava nessas situações. Brigar, embriagar-se ou arrumar qualquer burburinho. Quase como pirraça, afronta, não hesitava em esconder suas aventuras, e contribuir para estampar na testa do homem, e no entendimento de todos, um par de chifres.

Cada um reagiu a sua maneira com o fim do caso. Neném com seu jeito irreverente, de felina, e piadas ácidas que todos estavam acostumados. Dedé, com sua forma de esconder seu lado sensível, sem muito sucesso algumas noites, como naquele episódio, até hoje lembrado pela malandragem, quando chorou como criança, em baixo de uma mesa do bar, gritando por ela.

"Eu acabei de vim de lá. Consegui fazer ela comer um pouquinho e tomar água. Agora falei pra ela maneirar na bebida, por que tá fazendo mal", contava Dedé bebericando qualquer coisa, o seu feito de conseguir com que a mulher que não se alimentava por três dias, devido à uma infecção brava nos rins, comer.

O simples gesto, no fundo, era mais do que parecia. Uma demonstração de carinho, respeito e cuidado, por tudo que havia acontecido. Aventuras sexuais e amorosas, término, a cara virada um para o outro por um tempo, o retorno da amizade nas mesas. Explicar todas essas fases, de forma detalhada, talvez seja missão comparada a descrever a beleza de uma noite de lua cheia. Ainda que com muitas palavras, só entende o que aconteceu aquele que esteve ali, e olhou para o céu.

"Só quero sua saúde nega, você já cuidou muito de mim quando eu precisei", lembrava-se da época onde Neném, depois dos episódios passados, como uma verdadeira amiga, o ajudou quando voltou sem nada para a área de outro estado, numa tentativa frustrada de arrumar algum.

Aquela marmita era algo maior que alimentar uma fome, que cuidado. Em meio a um ambiente hostil, a dureza não foi capaz de tirar a ternura de ser, da construção e transformação de vínculos.

derbyprata.wordpress.com

Vale Desencantado

Wesley Paranhos da Costa

Rio de Janeiro/RJ

Robson corria pela sua vida para escapar dos policiais que o perseguiam na mata aos redores da favela Dona Marta. Ao ver uma pequena abertura no chão, durante sua fuga, o bandido pulou para esconder-se sem pensar duas vezes, caindo em um buraco mais profundo que imaginará. Caiu em cima de espinhos, que para sua sorte, não eram as venenosas a centímetros de onde cairá. Levantou com dores da queda e das pontas que penetraram na sua pele, e só após retirar cada espinho do seu corpo, perceberá o lugar exótico que estava. Acima de Robson, não havia terra ou pedras, havia água com ondas e peixes luminosos saltando. A sua frente, ele viu uma floresta que poderia apenas existir nos filmes de sua infância, e por um segundo, pensou que estava louco, mas Robson sabia que era incapaz de criar tanta beleza. O silêncio dominou Robson, porque ele incapaz de descrever ou assimilar o mundo novo que estava.

Caminhando pela floresta, Robson avistou um animal muito incomum, e mesmo não completando o ensino fundamental, ele sabia que o animal era fisicamente impossível de existir, porque em toda sua vida, Robson nunca ouvi falar de algum animal que possui a cabeça no rabo. Os olhos, a boca, as orelhas e o que ele achava ser o nariz estavam na fina e longa cauda do primata dourado e meio avermelhado. Ao tentar afastar-se do animal medonho, Robson cometeu o erro de fazer movimentos bruscos, chamando a atenção do primata que movimentou sua cauda acima do seu corpo e bramiu pulando para ataca-lo. Instintivamente, Robson puxou sua pistola e descarregou todo o pente no inocente primata que caiu torto no chão.

Desesperado, ele ficou imóvel com a arma soltando fumaça da mão, mais alguns segundos e ele seria trucidado e seria comido por uma cauda, na mente de Robson, isso já seria o estranho o suficiente, contudo ao olhar ao animal, viu que não havia sangue ou buracos no seu peito e quando chegou perto, o animal avançou novamente ficando agarrado a cabeça de Robson. Correu com primata preso a sua cabeça, sendo solto, no momento que bateu o macaco numa árvore de chumbo. Livre do animal, ele viu as costas do primata coloridas da cor da arvore que baterá, afastou-se rapidamente com muito cuidado para não esbarrar em mais nada.

Depois de umas horas andando tentando achar uma saída, Robson sentou no chão para recuperar as energias, visto que o chão parecia ser o único lugar seguro, depois de ver o primata ser morto pela arvore, o que mais ele poderia encostar, sem ser morto instantaneamente. Temendo fechar os olhos e ser atacado, ele lutou com o sono pelo tempo que conseguiu, mas a batalha estava sendo perdida pouco a pouco. No momento que notou um arbusto, fora do lugar que estava, admitiu que estava com muito e deveria estar alucinando, decidindo

dormir. Sentindo um formigamento nos pés, Robson acordou para ver que estava sendo sugado pelo arbusto que virá antes de dormir. Tentou levantar em vão, pois, seus pés estavam presos no arbusto. Com medo de ser devorado ou engolido, começou a socar a planta que acabou prendendo seus braços. Percebendo que a morte estava à espreita, Robson agiu inconsequentemente mastigando e cuspido as folhas do arbusto para soltar-se, conseguindo livrar suas mãos e pés para fugir do monstro.

Enquanto corria, Robson quase perdeu sua vida caindo no penhasco, ficando a centímetros da morte. O mundo que estava era caótico demais para ele viver, ou melhor, sobreviver, logo mais, ele morreria de um jeito estranho e desagradável. Olhou para o fundo do penhasco e viu na sua escuridão milhares de pontos luminosos. Julgou que seria uma bela morte cair nessas belíssimas profundezas estreladas, uma morte melhor que ele merecia, disso ele tinha certeza, porque foi um homem mal na maior parte da sua vida, matando e roubando, por necessidade e prazer. Constatou que tinha sorte, ninguém jamais verá o que ele viu, sentir o que ele sentiu e viver nesse mundo fantástico e perigoso.

Suspirou, abriu bem os olhos e pulou, esperando a brusca descida, o que não aconteceu. Seu corpo flutuou, como se não possuísse peso nenhum, assim, começou a subir e subir, chegando perto mar acima. Uma fagulha de esperança surgiu no seu peito, ele poderia nadar até seu mundo, deixando a morte esperar mais um pouco. Mas seus planos e sonhos não coincidiram com o destino que foi prometido. Chegando próximo do mar, uma bocarra enorme, muito maior que Robson poderia medir, o engoliu como se fosse um pedaço de milho e por não ser devorado, ele passou semanas sofrendo no estômago ácido do monstro que nunca virá por inteiro.

https://www.instagram.com/wesley_paranhos/

https://twitter.com/MindCatSs

Verde

Antônio de Pádua Elias de Sousa

Formiga/MG

Verde dos mais belos verdes,
a minha cor preferida,
ao admirar-vos, saberdes,
quanto enches a minha vida.

Das matas e das florestas,
vos alegra sol e chuva,
as outras cores em festas,
que lhes caem como luva.

Nas hortas e plantações,
as demais vai sustentando,
alimentando as nações,
a fartura está gerando.

Sua cor nos enriquece,
verde é predileção,
juro-vos que se pudesse,
coloriria o coração.

Vernizes

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa
Capanema/PA

Eu carrego no verso minhas dores
E no corpo transporto cicatrizes
O meu riso são facas incolores
Trago a pele coberta de vernizes.

As feridas são cortes de amores
Curativos são beijos arredios
Cada boca pintada em sete cores.
O meu peito é um pássaro com frio.

Eu viajo em nuvens de sabores
Viajante de tempos tão vazios
As antigas canções de cantadores
É o som que por sempre me seguiu.

Os meus olhos não passam de atores
Nesse mundo que nunca tem fastio
Aprisiono mil anjos sonhadores
Em meus dentes vorazes e vadios.

https://www.facebook.com/ivanildo.pessoa

Versus

Monstra Poeta

Mauá/SP

Muito
Pouco
ou quase nada
Quando eu era pranto e você risada
Quando eu era carnaval e você funerária
Quando eu era bicho solto e você algemada
Muito
Pouco
ou quase nada
Quando eu era rinha e você batalha
Quando eu era pena e você alada
Quando eu era verso e você calada
Muito
Pouco
ou quase nada
Quando eu era degrau e você escada
Quando eu era era louco e você psiquiatra
Quando eu era frouxo e você largada
Corre corre ainda que parada

https://www.instagram.com/monstrapoeta/

Você Chegou

Mahya Santana
São Luís/MA

Tenho um ponto fraco pelas suas costas e isso pode soar até meio estranho, porém são elas que me transportam para outras realidades. Assim como teus olhos conseguem me guiar por entre tantos encontros na multidão que é a rotina corrida do cotidiano.

Foi extremamente simples, gostar de você. Pois já gostava, o caso foi o gostar mais que despertou de um jeito tão sincero como um aquecimento em um cantinho do meu coração que estava bem quieto para qualquer tipo de amor.

Com a gente existe situações que são "sem palavras" e essas são as melhores fotos que a minha memória pode guardar destes momentos.

Conexão é algo que nos liga de uma forma sem precedentes, somos feitos de fases e estamos sempre trabalhando para melhorar o mundo.

É bonito o jeito que você brinca comigo, como me deixa te acarinhar, como faz o meu sorriso ser maior sem estar perto, até sem estar conectado.

Incentivo é algo que não falta quando se trata de você pois quando começa algo, analisa todos os mínimos detalhes e só termina, literalmente, no final. É uma das coisas que mais admiro em teu ser.

Se tem uma palavra que marca alguns momentos vividos é a palavra *imprevisível* e eu gosto dessa definição que só você coloca.

A ligação que existe nos nossos encontros repentinos é tão grande que não necessitamos de coisas predeterminadas.

Uma das sensações mais gostosas que sinto quando estou contigo, é no momento em que nossas mãos estão postas juntas. É um aconchego esplendoroso e muito calmante.

Gosto do fato de poder te mimar por que é como ter um passe livre para poder sempre distribuir um carinho especial a mais, sem motivo, sem data e sempre com abraços.

Abraços. Demorados, Apertados e cheios de significado. Os melhores do mercado, como você mesmo diz. É a nossa marca e o começo do que se tornou inspiração.

É sempre surpresa e olha, eu não gosto de surpresas.

Você chegou. Acredito que não foi do nada pois já te conhecia e o interessante é que a pressa, aqui não teve vez. A paciência e o "passo a passo" são responsáveis pela sua chegada.

personasdegaia.wordpress.com

Vozes silenciadas

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Ao acordar, olhara-o com ternura, como fazia há mais de 25 anos. Tanto tempo já tinha se passado, no entanto, cada amanhecer parecia uma oportunidade de recomeçar, de tentar revivermomentos outrora vivenciados com tanta vivacidade e paixão.

-Bom dia, amor.

-Bom dia.

Essa era a rotina de Simone e Pedro,depois de muito tempo juntos. As chamas do primeiro amor, do primeiro encontro, ainda ardiam no peito de Simone. Lembrava-se do frio na barriga que sentia toda vez que o esperava em casa, nos tempos de namoro; do noivado; da primeira vez em que dormiram juntos em que, constrangida, despiu-sepensando no que ele poderia achar do seu corpo,se a sua inexperiência poderia atrapalhar o relacionamento de ambos. Cada detalhe vinha em sua mente constantemente, juntamente com a dúvida:"será que Pedro também se lembrava desses detalhes?"

-Hoje parece que vai chover; o tempo não está bom.

-É, parece que sim, vi no noticiário que há possibilidade de chuva esse fim de semana. Vamos ao supermercado? Temos que comprar carne para o almoço.

Sempre saíam juntos, gostavam da companhia um do outro,talvez muito mais por hábito e comodidade do que por prazer.

Pedro respeitava a esposa, era a mãe de seus filhos, seu primeiro e único amor.Amava-a e desejava-a,como nunca desejara outra mulher. No entanto,julgava não ser correspondido, acreditava que sua mulher não tinha mais atração por ele,pois por mais que insinuasse que era preciso retomar a intimidade de ambos, ela não apresentava interesse.

-Vamos dormir? Já está tarde, amor.

- Vamos sim, vou só tomar banho antes e já vou.

Expectativa. "Será que se eu colocar aquela camisola que ele tanto gostava, eu consigo chamar atenção dele? Hoje ele precisa falar comigo, não vou dormir até que ele perceba o quanto o quero".

"Hoje ela vai voltar a me desejar, vou dizer o quanto a amo".

Vozes gritavam na mente de ambos. Tantas coisas precisavam ser ditas e, mais ainda, vividas. No entanto, cada um, em seu íntimo, esperava que o outro

tomasse a iniciativa, com receio de invadir a privacidade da pessoa amada, com medo de não ser correspondido.

O silêncio predominava e a expectativa e o desejo de que o parceiro o tomasse em seus braços crescia a cada respiração ofegante. Esperava que o marido enxergasse essa reação,que percebesse o quanto ainda o desejava. Quando ele saiu do banho, ela estava com a camisola vermelha, perfumada, ansiosa. Esperava-o,embora de uma forma tímida e introspectiva.

Pedro deitou-se ao lado da esposa, com esperança de ser notado, de que, finalmente, Simone percebesse que precisavam desses momentos, que o amor precisava, não só ser declarado, mas também sentido .

Ambos esperavam, ansiavam.

- Te amo muito, amor.

- Também te amo muito.

Nenhuma carícia, nenhum aconchego, nenhuma iniciativa.

"Preciso dizer algo, mas não posso magoá-la, e se ela não quiser? Há anos parece não sentir desejo."

"Tomara que ele me procure hoje,precisamos fazer algo, nosso casamento vai acabar assim."

O tempo passava, um esperava alguma iniciativa do outro. Passaram-se minutos, longos minutos, que mais pareciam horas.

Simone recordara das vezes em procurava motivos para brigar com o marido, queria despertar algum tipo de reação da parte dele, nem que fosse de raiva, ciúmes, agressão. Em vão, a amizade predominava, sempre resolviam com diálogo e respeito.

-Boa noite, amanhã temos que acordar cedo para irmos à lotérica.

-Boa noite, amor.

As frases gritavam em suas mentes, de forma exacerbada. A vontade de gritar que se importavam, que precisavam viver, era grande. Nenhuma palavra foi pronunciada. Nenhuma iniciativa foi tomada. Faltava entusiasmo, êxtase.

Simone não se imaginava ao lado de outra pessoa,porém, não havia mais o que viver com o marido. Vozes gritavam e ecoavam em suas entranhas,perturbando o seu sono.

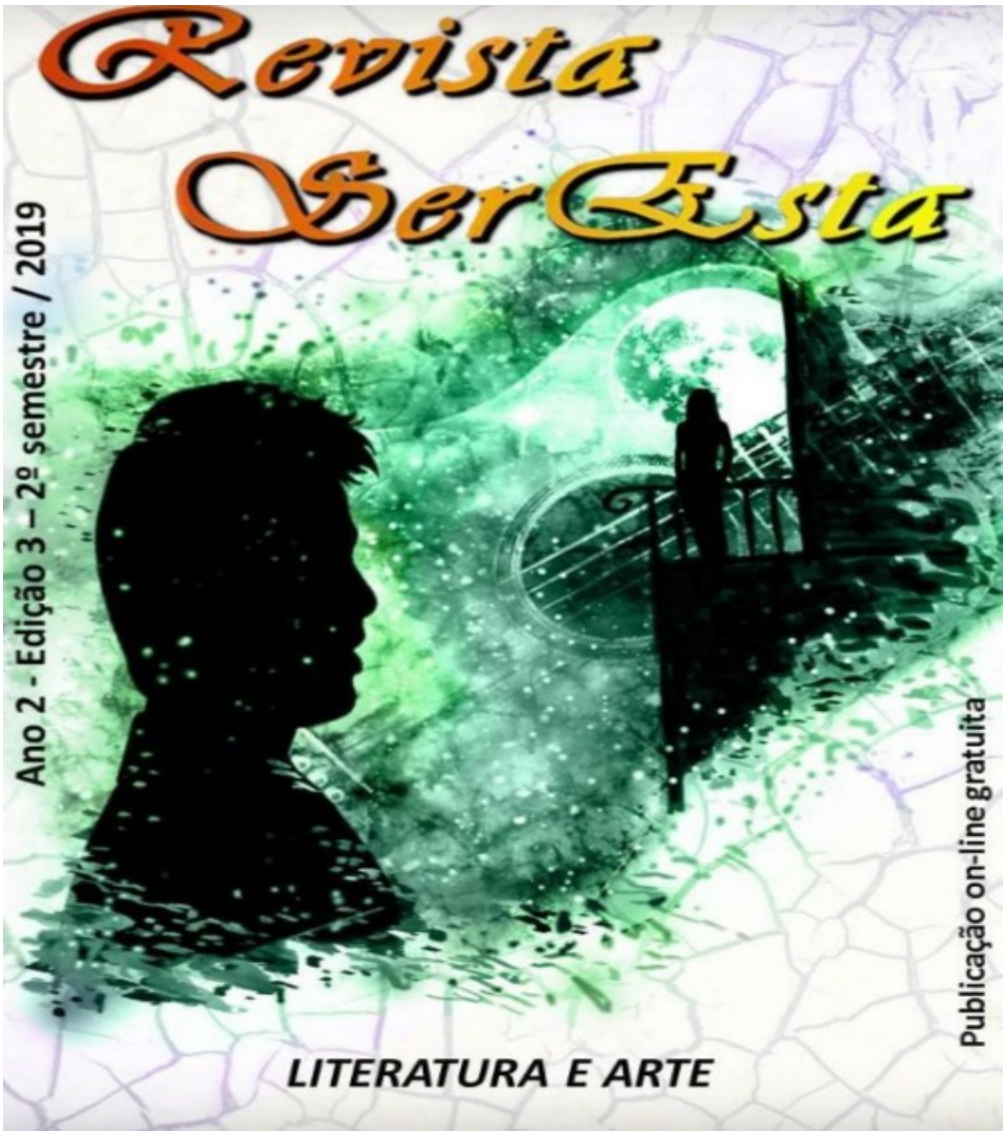
Sentia-se esvanecer.Estava moribunda, presa a um corpo vívido.

https://www.facebook.com/clarice.assis.9

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A terceira edição traz uma entrevista com a ilustradora Wanessa Melo e homenagem ao poeta Paulo Bomfim, que, infelizmente, faleceu no dia 07 de julho.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html

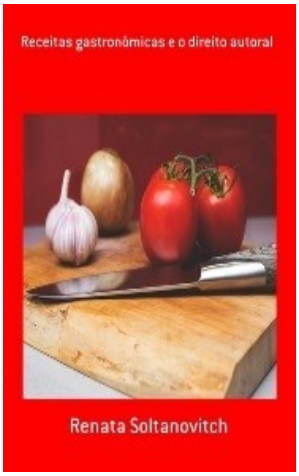


Seleção de livros da autora Renata Soltanovitch para baixar gratuitamente

A escritora e advogada paulista Renata Soltanovitch, está disponibilizado toda a sua obra para download gratuito, são e-books de ficção, romances espíritas e orientação jurídica.

Acessem o link para os títulos sugeridos e encontre outros no site:

"Receitas gastronômicas e o direito autoral"



http://www.vicentevieirasoltanovitch.adv.br/livro/receitas-gastronomicas-e-o-direito-autoral

"As peripécias de um advogado atrapalhado"

André era um advogado recém-formado e decidiu, com alguns amigos da faculdade, montar um escritório. Só não sabia como fazer e não tinha sequer orientação de um profissional mais experiente.

http://www.vicentevieirasoltanovitch.adv.br/livro/as-peripecias-de-um-advogado-atrapalhado

E-book Língua Portuguesa Ontem e Hoje, do escritor Afonso Rocha

Versão e-book da Palestra de Afonso Rocha no colóquio sobre a Língua Portuguesa, Ontem & Hoje, levado a cabo no dia 27 de março de 2019, integrado no 346º aniversário de Florianópolis/SC. Numa parceria entre o Corrente d'escrita e a Prefeitura Municipal de Florianópolis/Fundação Franklin Cascais.

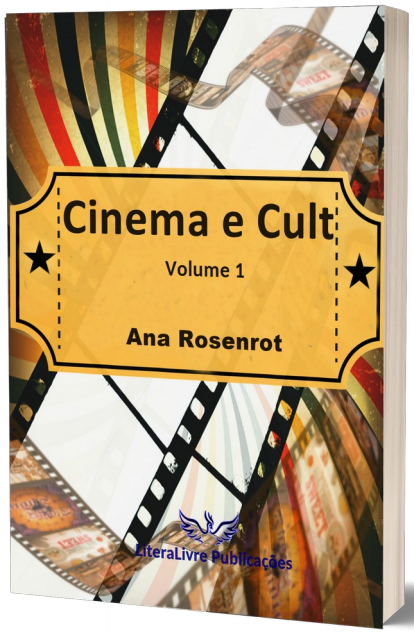
Link para Baixar:

https://drive.google.com/open?id=1CxiVGlSkkzD63CT1csZFJ7j_r3FUKcRP

Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!

Um livro sobre cinema, feito por quem ama cinema!!

Sinopse:



Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTíssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.
Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.

Recanto das Letras (Versão Digital Gratuita):

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Amazon Kindle(ebook):

https://www.amazon.com.br/Cinema-Cult-1-Ana-Rosenrot-ebook/dp/B07KSN5Y95

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://www.clubedeautores.com.br/ptbr/book/267359--Cinema_e_Cult_vol_1#.W_2M-FrPzIU

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

***"Blog Concursos Literários"* -** Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

CONCURSOS

LITERÁRIOS

Elemental Editoração”

Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

https://seloee.weebly.com/

ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Diário da Poesia

Criado por um grupo de artistas de São Gonçalo, Rio de Janeiro, o Diário da Poesia divulga a arte em todas as suas formas.

Convido os amigos para conhecer e participar do site e ler o jornal.

Site do Diário da Poesia:

http://diariodapoesia.com.br/

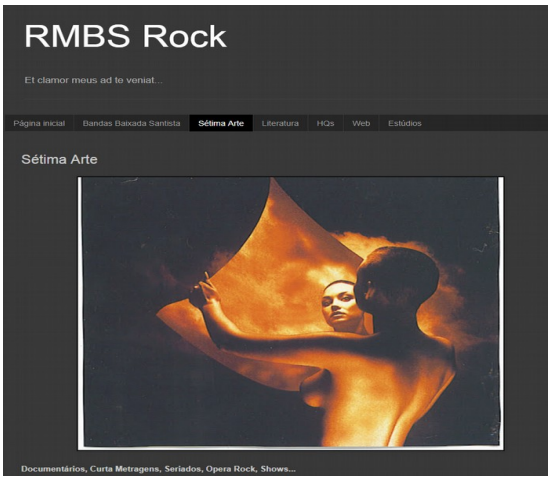
Blog RMBS Rock

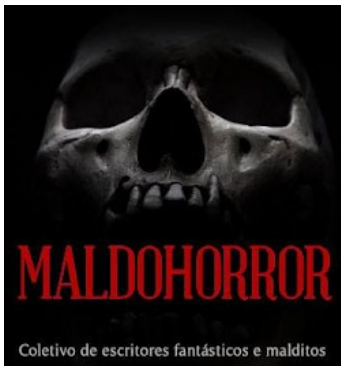
Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/





Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das Palavras!!!

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/